

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

JOSÉ ROBERTO BASÍLIO DE SOUZA

**A PRODUÇÃO DE MULHERES: Uma análise do discurso
no contexto das instituições maçônicas**

VITÓRIA
2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

JOSÉ ROBERTO BASÍLIO DE SOUZA

**A PRODUÇÃO DE MULHERES: Uma Análise do discurso
no contexto das instituições maçônicas**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Administração do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Eloisio Moulin de Souza.

VITÓRIA
2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

S729p Souza, José Roberto Basílio de, 1965-
A produção de mulheres : uma análise do discurso no contexto das instituições maçônicas / José Roberto Basílio de Souza. – 2014. 141 f.

Orientador: Eloisio Moulin de Souza.
Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas.

1. Maçonaria. 2. Mulheres. 3. Relações de gênero. 4. Subjetividade. I. Souza, Eloisio Moulin de, 1968-. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. III. Título.

CDU: 65



Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Programa de Pós-graduação em Administração
Av. Fernando Ferrari, 514 – Campus Universitário Goiabeiras
CEP. 29075-910 – ES – Brasil – Telefax: (27) 4009-7712

E-mail: ppgadm@gmail.com

Sítio: <http://administracao.ufes.br/pos-graduacao/PPGAdm>

“A PRODUÇÃO DE MULHERES: Uma análise do discurso no contexto das instituições maçônicas”

JOSÉ ROBERTO BASÍLIO DE SOUZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Administração.

Aprovada em: 11 de abril de 2014.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Eloisio Moulin de Souza
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof^a. Dr^a. Mônica de Fátima Bianco
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^a. Dr^a. Priscilla de Oliveira Martins da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Campello Lavrador
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Externo

Ao meu Avô Francisco Batista de Souza pelo nosso último aperto de mão.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela grande lição deste Mestrado. Em algum momento da vida minha fé esteve abalada, mas depois de estudar Marx, Weber, Foucault, Freud, Butler, Nietzsche e outros, tive a certeza de que Deus existe. Talvez não como descrito, mas existe.

Agradeço a minha Esposa Maria do Socorro Dalmonech Binda Souza pela tolerância as minhas reclamações e pelo seu sorriso constante estampado no rosto. Saiba Querida, que não há nada mais lindo, neste mundo, que o seu sorriso. Sua risada e gargalhada quebram qualquer desânimo e qualquer mal humor.

Agradeço aos meus Filhos Hedon Basílio e Adam Basílio que souberam manter o compromisso e suas obrigações em minha ausência.

Agradeço a minha Mãe Jacira Basílio de Souza pela fé inabalável de que tudo daria certo e pelas orações constantes. Que bom que sou seu filho! Obrigado Mamãe.

Agradeço ao meu Orientador Professor Doutor Eloisio Moulin de Souza, pessoa que aprendi a admirar e respeitar pelos profundos conhecimentos e pela humilde gentileza de me acompanhar e orientar neste trabalho. Meus sinceros agradecimentos e reconhecimento.

Agradeço a todos que contribuíram com este trabalho direta e indiretamente.

“Deus tem necessidade de mim ou eu não existiria”.

Charles Webster Leadbeater

RESUMO

A discussão sobre gênero, sexo e poder está presente em muitos trabalhos acadêmicos em várias áreas, dentre elas na psicologia, na antropologia, na sociologia, na filosofia e na administração dentre outras. O objetivo da pesquisa é analisar como são produzidas mulheres na Maçonaria. A relevância desta pesquisa está centrada na inexistência de estudos sobre este tema dentro dos estudos sobre gêneros e subjetividades na área da administração e por se tratar de uma instituição significativa na sociedade, como organização ontológica com formas próprias e singulares de administração. A instituição pesquisada foi a Grande Loja Maçônica do Estado do Espírito Santo e suas lojas maçônicas jurisdicionadas e serviu de base para um estudo amplo e estendido para administrações semelhantes em todas as áreas dos estudos organizacionais dentro da administração. Usou-se como referencial teórico a abordagem da filósofa americana Judith Butler, em especial na *Analítica Queer* sobre gênero. Numa visão pós-estruturalista e tendo o sujeito como um ser móvel, pluralizado e singular, utilizou-se de entrevistas com perguntas semiestruturadas e Análise do Discurso foucaultiana como metodologia para analisar a produção de mulheres participantes na Maçonaria. Foram entrevistados participantes em geral, homens maçons e mulheres participantes dos Departamentos Femininos das Lojas Jurisdicionadas. Concluiu-se que a produção de mulheres no ambiente maçônico passa pelas questões subjetivas de individuações e pluralidades, também se percebe a presença de comportamentos e processos de diferenciações sexuais e de gênero nas relações sociais de sexo.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Maçonaria. Mulheres. Produção. Subjetividades.

ABSTRACT

The debate about gender, sex and power is present in many academic papers in various areas, among them psychology, anthropology, sociology, philosophy and management and also others. The objective of the research is to analyze how women are produced in masonry. The relevance of this research is centered on the lack of studies on this topic within the study of gender and subjectivity in the administration area and it is a significant institution in society as ontological organization with distinct and singular forms of administration. The research institution was the Grande Loja Maçônica do Estado do Espírito Santo and its jurisdictional masonic lodges and serve as the basis for a comprehensive study and extended to similar authorities in all areas of organizational studies within the administration. Participants generally Masons men and women, wives and participants of the Women's Departments jurisdictional stores were interviewed. We use as theoretical framework of the American philosopher Judith Butler, in particular analytical queer gender. In a post-structuralist view and taking the subject as an instable, singular and pluralized be used with semi-structured interviews and Foucaultian Discourse Analysis of questions as a methodology for analyzing the production of female participants in masonry. We conclude that the production of women in the Masonic environment goes through subjective questions of individualities and pluralities; we also noticed the presence of behaviors and processes of sex and gender differences in the social relations of gender.

KEYWORDS: Gender. Masonry. Women. Production. Subjectivities.

LISTA DE SIGLAS

ANPAD – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração

EBAPE.BR – Cadernos EBAPE

ECG – Estudos Críticos de Gestão

EnANPAD – Encontro da ANPAD

EnEO – Encontro de Estudos Organizacionais

O&S – Organizações & Sociedade

RAC – Revista de Administração Contemporânea

RAE – Revista de Administração de Empresas

RAM – Revista de Administração Mackenzie

RAUSP – Revista de Administração da Universidade de São Paulo

RAP – Revista de Administração Pública

REAd – Revista Eletrônica de Administração

REGE – Revista de Gestão da USP

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 PROBLEMATICA	16
1.2 OBJETIVOS	16
1.2.1 Objetivo geral	16
1.2.2 Objetivos específicos	16
1.3 JUSTIFICATIVA	17
2 GÊNERO	21
2.1 PROBLEMATIZANDO GÊNERO	21
2.2 SIGNIFICADOS DE MULHER PARA O PÓS-ESTRUTURALISMO	34
2.2.1 A produção da diferença	37
2.2.2 As consequências da diferenciação sexual: performances	40
3 SUBJETIVIDADES	42
3.1 A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE	42
3.2 A RELAÇÃO ENTRE SUBJETIVIDADES E GÊNERO	55
4 METODOLOGIA	58
4.1 O MÉTODO.....	58
4.2 PRODUÇÃO E TRATAMENTOS DOS DADOS.....	60
4.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	61
5 APRESENTANDO A MAÇONARIA	65
6 PROCESSOS CONSTITUÍDOS E CONSTITUINTES DE SUJEITOS	71
6.1 A MULTIPLICIDADE DE BIOLÓGICOS E CULTURAIS	71
6.2 RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO NO AMBIENTE PESQUISADO	79
6.2.1 Aspectos biológicos	79
6.2.1 Aspectos culturais	84

6.3 A CONSTRUÇÃO DA CATEGORIA “MULHERES” NA MAÇONARIA.....	88
6.4 AS SUBJETIVIDADES DE “MULHERES” NA MAÇONARIA	101
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
7.1 PERFORMATIVIDADES EM EVIDÊNCIAS	119
7.2 CONTRIBUIÇÕES	125
REFERÊNCIAS	130
APÊNDICES	137
APÊNDICE A: Roteiro base para entrevistas às pessoas participantes da Maçonaria.....	137
APÊNDICE B: Termo de consentimento livre e esclarecido.....	138
APÊNDICE C: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	139

1 INTRODUÇÃO

O propósito deste estudo está centrado na vivência que se encontra dentro de uma organização onde a divisão sexual ainda é encontrada. Segundo os preceitos da Maçonaria mulheres não podem participar de sessões maçônicas ritualísticas. Essa restrição problematiza como são representadas, nesse meio, as relações sociais de gênero e como são produzidas mulheres nesse ambiente. Mas como questionar um sistema epistemológico construído? Butler (2010) assegura que estudar essas categorias que fundam sexo e gênero como exercício de poder evoca uma forma de investigação crítica, “a qual Foucault reformulando Nietzsche chamou de *“genealogia”*” (BUTLER, 2010, p. 9, grifo da autora). Das instabilidades dos gêneros nas análises relacionais pressupõe-se que “feminino” e “masculino” já não exibem mais uma noção estável de “mulher” e “homem” e as subjetividades encontradas nesses seres se abrem para uma infinidade de variações. Entender essas pluralidades é tarefa perspicaz para o pesquisador que se aventura a desvendar as representações desses seres difusos e singulares. Cumpre-se reconsiderar o *status* de “mulheres” nessas relações de poder desenvolvidas por esses sujeitos do feminismo e suas distinções com base no sexo e no gênero (BUTLER, 2010).

Para Butler (2010) a complexidade do conceito de gênero exige um conjunto interdisciplinar e pós-disciplinar de discursos, com vistas a resistir à domesticação acadêmica dos estudos sobre gênero ou dos estudos sobre mulheres, e de radicalizar a noção de crítica feminista. Essa investigação busca afirmar estas posições nos limites críticos dos discursos como mecanismos de análise e entendimento dessas construções sociais.

Reconhecer e analisar as forças sociais que envolvem as relações de poder e constroem as múltiplas categorias de sujeitos no meio social a que pertencem passa a ser o segundo desafio. Como essas forças atuam? Como se desvelam? E que sentidos subjetivos produzem? Desse modo, no bojo central dessa pesquisa encontram-se os pensamentos de Foucault (1979, 1987a, 1987b, 1988, 2000, 2002, 2003b) no que diz respeito a relações de poder presentes em todos

os momentos de constituição de subjetividades. Essas relações provocam mudanças no saber e na constituição dos sujeitos. Para Foucault (1987a) o poder se exerce não somente sobre as infrações, mas perpassa os indivíduos, não mais sobre o que eles fizeram, mas sobre aquilo que eles são ou aquilo que eles possam vir a ser. Com base nessas abordagens sobre gênero e poder esta pesquisa pretende analisar os discursos das pessoas que participam da Maçonaria sobre a questão de como são produzidas as “mulheres” integrantes do ambiente maçônico.

Para melhor analisar as subjetividades e a produção dessas categorias encontradas no ambiente a ser pesquisado foi necessário trazer ao conhecimento um estudo sobre as relações de poder existentes nesse ambiente. Para estes estudos torna-se importante conhecer essas disputas políticas e simbólicas e as várias identidades que surgem nesses entremeios. Buscar interpretar as diversas subjetividades que surgem e se transmutam nas práticas sociais e culturais dentro da área administrativa, analisar não verdades essenciais, mas as construções que se institucionalizam nessas práticas discursivas e formam as redes de entrelaçamentos subjetivos nas quais os seres humanos são envolvidos inclusive, o desejo (BUTLER, 2010). Assim forma-se um aparato analítico dentro dos estudos organizacionais.

Aprofundando o tema encontrar como são as diferenças nesses processos de interrelacionamentos contribuirá para o esclarecimento do problema da pesquisa. Evidenciar os conflitos dessas construções sociais e seus possíveis esgotamentos e colapsos outrora fundados no biológico e na construção social de gêneros produzindo novos conceitos dentro dos estudos organizacionais em Administração.

Numa visão pós-estruturalista é relevante rever conceitos, transcrever novos, interpretar, reinterpretar o que foi e o que será dentro de uma visão crítica e rediscutir essas classificações e essas categorizações baseadas no sexo e no gênero.

Neste primeiro capítulo será apresentada a proposição inicial da pesquisa enquanto uma introdução, à problematização, aos objetivos e à justificativa com as devidas contribuições para o campo das organizações e estudos organizacionais em Administração.

No segundo capítulo tratar-se-á da questão de Gênero e Sexo, trazendo as abordagens sobre estes temas na visão pós-estruturalista, observando inclusive os conceitos de Butler (2010), Fonseca (1995), Goellner e Louro (2003), Louro (2008, 2010, 2011), Mariano (2005), Scott (1995, 2002, 2008), Siqueira (2008), Souza (2004, 2010, 2011, 2013) entre outros. O objetivo deste capítulo foi fazer uma reflexão crítica dos estudos sobre gênero baseados nas questões biológicas e nas construções sociais, visando chegar a uma reflexão de gêneros performativos.

No terceiro capítulo serão abordados temas sobre as subjetividades e a constituição dos sujeitos. Será feita uma reflexão sobre a socialização dos seres humanos considerando as diferenças de sexo e gêneros como são aprendidos e construídos esses conceitos e esses significados de mulheres femininos como se inscrevem as normas e regras de gênero e sexo sobre os corpos e as subjetividades resultantes ou constituídas dessas relações. Conceitos esses que já foram e ainda estão sendo construídos pelos diversos sujeitos que vão formando essa imensa sociedade de multiplicidades individuais e, portanto, nada é imutável e nada é dado a priori. Por meio dos olhares de Foucault (1979, 1987a, 1988, 1999, 2002, 2003a), Louro (2003, 2010, 2011), Butler (2010), Mariano (2005), Souza (2004, 2010, 2013), discutir-se-á as constituições subjetivas a que são expostas os seres humanos, as singularidades, em especial nessa formação subjetiva das vontades, dos desejos e nas performances que são desenvolvidas. Neste mesmo capítulo aborda-se a questão do poder como forma de relações sociais e produtor de subjetividades que os seres humanos formam em suas histórias e em suas vivências.

No capítulo quatro tratar-se-á da metodologia utilizada para a pesquisa de campo que foi com pessoas participantes da Maçonaria, tanto homens quanto mulheres, numa pesquisa qualitativa, com entrevistas individuais e como análise usou-se a

Análise do Discurso com base em Michel Foucault nos moldes de Arqueologia e Genealogia (FOUCAULT, 2002; CASTRO, 2009).

1.1 PROBLEMÁTICA

Pesquisando sobre a categoria “mulheres” no decorrer dos tempos, desde a Antiguidade, passando pelo momento do sexo único, depois pelo *Two Sex Model*, seguido pela emergência do gênero e pelos movimentos feministas, ora buscando igualdade, ora buscando diferenciação e considerando as várias performances subjetivas que o ser humano apresenta em suas mais diversas individuações e considerando, por fim, as representações na formação e constituição do gênero, esta pesquisa pretende responder **Como são produzidas as mulheres nas relações sociais na Maçonaria?**

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 **Objetivo geral**

Analisar os discursos produtores de mulheres no contexto maçônico.

1.2.2 **Objetivos específicos**

- a) Analisar as relações sociais de sexo existentes no ambiente de lojas maçônicas;
- b) Conhecer como são constituídas as categorias mulheres no meio maçônico;
- c) Analisar os processos de subjetivação de “mulheres” presentes no meio maçônico;

1.3 JUSTIFICATIVA

A pesquisa visa conhecer os preceitos que constituem diferenciações categorizadas entre mulheres e homens no ambiente maçônico e discutir implicações dentro dos estudos organizacionais em Administração. De acordo com Louro (2011) as instituições e as práticas sociais além de fabricarem os sujeitos são por eles produzidas e engendradas por gêneros como também por produções sexuais. Compreender como é tecida essa rede é tarefa perspicaz para o pesquisador uma vez que esses processos são contínuos e de forma sutil, quase imperceptível.

Na pesquisa interessa a análise do sujeito e nesse caso, mulheres, múltiplas, fragmentadas, singulares que vivem e que são constituídas naquele ambiente maçônico. Quais são as produções de ser mulher nesse ambiente de pesquisa? Não a mulher biológica, ou o gênero feminino, mas o ser que é construído a partir dessas diferenciações (BUTLER, 2010).

Os processos e movimentos envolvendo gêneros e mulheres fazem questionar as relações patriarcais e a manutenção de diferenciação e privilégios do gênero masculino e permite avançar rumo a um estudo sistemático e não estático dessas relações e prover elementos suficientes para reverter processos geradores de desigualdades nas relações sociais de gênero. Esses processos de relações de gênero são entendidos como uma agenda de trabalho com primordial ética. Tal concepção implica em uma construção de participações em condições de igualdade, nas quais as mulheres não devem ser vistas como sujeitos passivos, vulneráveis ou meramente como massa de manobra, mas como seres próprios, constituidores de suas subjetividades de fato e de direito (SOUZA; MELO, 2009).

Delineadas as curvas que esta pesquisa pretende contornar, trazer esses encontros e desencontros para a reflexão cotidiana dentro dos estudos organizacionais. Conhecer todos os tipos de Organizações, em suas constituições ontológicas, sociais e ou comerciais, onde há relações de poder com base nas distinções sexuais, nas relações sociais de sexo, divisão sexual do trabalho e

outras formas de relações que envolvam gênero e sexo para servirem de base para outros estudos sobre o tema.

De acordo com os Rituais Maçônicos da Grande Loja Maçônica do Estado do Espírito Santo (2009a, 2009b e 2009c) acontecimentos envolvendo gênero se (re) produzem na sociedade atual e no meio que a presente pesquisa pretende explorar, a análise bibliográfica permite considerar que esses princípios e esses comportamentos permeiam a distinção de sexo e gênero e se mostram instituídos, percebido pela proibição à participação da mulher nas cerimônias maçônicas – ditas sessões negras¹ – secretas.

O surgimento e a manutenção de relações assimétricas entre homens e mulheres nas organizações, seja pela divisão sexual do trabalho, refletidas no ambiente organizacional, seja pelas relações sociais de sexo, acabam por gerar também impactos ligados à relação de poder entre homens e mulheres (MACEDO et al., 2012). Para Eccel (2010):

A importância dos estudos de gênero na Administração no Brasil se revela pelo crescente volume de publicações desde a década de 1990. Trata-se de um campo em desenvolvimento, que tem apresentado inovações em suas pesquisas e abordagens teóricas nos últimos anos, com o desenvolvimento de estudos a partir da linha de pensamento pós-estruturalista. As interfaces entre gênero, trabalho e gestão podem ser vistas como um espaço profícuo para pensar as redes de poder e desigualdades (ECCEL, 2010, p. 1).

Cabe ao pesquisador encontrar as relações de poder e as categorizações presentes nesses meios e trazer para o campo da pesquisa e para o debate essas percepções e construções, como forma de análise e discussão para enriquecimento e conhecimento dos estudos organizacionais em administração.

Na revisão bibliográfica ao pesquisar as revistas e os espaços de estudos destinados à Administração no Brasil, em revisão aos artigos publicados nos anais dos congressos de Administração, o Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD), o Encontro da Divisão de Estudos Organizacionais da Associação Nacional de Pós-graduação e

¹Sessão “negra” indica que somente maçom regular pode participar e o sentido de “negra” refere-se à “velada” (secreta), sendo abstraído qualquer outro sentido.

Pesquisa em Administração (EnEO), e nos principais periódicos nacionais: RAE, O&S, RAC, RAUSP, RAP e Cadernos Ebape não se encontrou problematização que se referisse à Maçonaria ou estudos de gêneros que a envolvessem.

Relevância também importante foi o estudo sobre produções em uma Instituição secreta como a Maçonaria. Não se encontrou, na bibliografia pesquisada, como também nas buscas de internet, temas relacionados diretamente com a produção de mulheres participantes da Maçonaria, menos ainda nas plataformas de pesquisas ligadas a Administração. *"Isto se torna relevante na medida em que se considera o envolvimento de aproximadamente seis milhões de maçons, distribuídos em cento e sessenta e quatro países"* (GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 2007, p. 11) Esse fato motivou a realizar a pesquisa como contribuição não só para o campo sociológico como também para a própria administração. Pretende-se dessa forma trazer para o debate as construções das desigualdades que se (re)produzem nesses ambientes, suas amplitudes e profundidades. Conhecer as intrincadas redes de poder que permeiam o mundo maçônico, como essa organização trata as questões de gênero e sexo, como se constituem essas produções e acoplá-las aos estudos organizacionais para servir de base para conhecimento e ponto de partida para novas pesquisas, novas investigações sociais e epistemológicas que envolvam esses dois temas: Maçonaria e Gênero.

Produções pessoais formadas a partir de construções sociais estão sendo trazidas para dentro dos estudos organizacionais como forma de interagir com outros ambientes e outras instâncias que compõem os Estudos Organizacionais. Pesquisar sobre as produções de mulheres na maçonaria é, portanto, uma ferramenta nas várias formas de analisar as organizações sociais e permite uma releitura desses ambientes.

Para ECCEL (2010) os ambientes organizacionais são fortemente marcados pela masculinidade e o campo da Administração foi construído sobre este alicerce. Assim são colocados os pressupostos dominantes concebidos e marcadamente sustentados e valorizados pela presença masculina afetando todos os indivíduos

nas organizações maçônicas. Assim, a presente pesquisa pretende conhecer e verificar a efetividade dessas afirmações no meio a ser pesquisado: A Maçonaria.

2. GÊNERO

2.1 PROBLEMATIZANDO GÊNERO

Para se compreender os conceitos de gênero, dentro da abordagem pós-estruturalista, torna-se preciso fazer uma reflexão detalhada a respeito do tema. Isto acontece porque gênero tem sido classificado pelo critério biológico, pelo corpo físico e por sua anatomia. Até o Século XVIII não havia essas classificações pela biologia, nem existia a classificação binária gênero. Existia apenas um único sexo e tanto homens como mulheres compartilhavam os mesmos efeitos. Homens e mulheres não eram considerados como seres opostos entre si. A anatomia dos corpos não era suficiente para marcar a diferença e classificar as pessoas em categorias e em especial em oposição um ao outro (LAQUEUR, 2003).

Contudo essas diferenças existiam e eram percebidas, mas não era importante o suficiente para marcar como diferentes e classificar e menos ainda para definir suas subjetividades, ou seja, para definir o que aquele sujeito era (SOUZA; CARRIERI, 2010). Havia outras formas de categorização e de hierarquização, mas não partiam do sexo biológico. A mulher tinha o mesmo corpo que o homem, porém com os órgãos sexuais introvertidos no corpo. Assim mulher e homem eram iguais. Por causa dessa classificação única não se considerava a diferença oposta, pois o órgão que o homem possuía em sua externalidade a mulher o possuía internamente, inclusive reconhecido pela medicina (LAQUEUR, 2003). Para Laqueur (2003), até o Século XVIII não existia mulher no sentido que se emprega na atualidade, existia um único sexo.

No início do Século XVIII o mundo ocidental começa sofrer algumas mudanças, primeiro surge o pensamento iluminista e humanista. Depois, com a revolução francesa surge o Estado e essas mudanças de valores, mudanças das formas de gerir a vida, começam a ser problematizadas essas questões de diferenças entre os sexos. Comparado com um estágio anterior, o da Monarquia, nesse estágio existia o Rei e seus Súditos e estes últimos não eram classificados em termos de

homens ou mulheres, eram apenas súditos, com obediência ao Monarca (SOUZA; CARRIERI, 2010).

Para Souza e Carrieri (2010) com o surgimento do Estado Francês e seu lema de Liberdade, Igualdade e Fraternidade surge também a necessidade da responsabilidade individual de cada um. O que cada pessoa irá fazer nessa nova configuração de governo? Para responder a esse questionamento criou-se a categorização dos indivíduos: o feminino e o masculino. Um torna-se responsável pela vida pública, o outro pela vida privada, sendo que os homens foram conduzidos para vida pública enquanto a mulher ficou com a vida privada. Essa mudança é forçada por condições filosóficas, humanistas, iluministas, pela igreja e pelo capitalismo, pois era necessária mão-de-obra para as fábricas. Até esse momento as mulheres não eram responsabilizadas pela educação dos filhos. Logo se percebe que essas diferenças entre homens e mulheres são recentes considerando toda a história da humanidade, no entanto, muitos percebem esses fatores (gênero e sexo), na atualidade, como algo natural, como algo já pronto desde o princípio dos tempos, enquanto que não passa de uma construção social da contemporaneidade (SOUZA; CARRIERI, 2010).

Beauvoir (1980) e Devreux (2005) tratam o gênero como marca. Na perspectiva biológica, gênero se refere exclusivamente à mulher. Nessa corrente, gênero toma a forma de sinonímia para mulher excluindo conceitos de homem e ou masculinidade como tal. E neste sentido homens e mulheres se tornam polos opostos e bem diferenciados em seus conceitos. Para Beauvoir (1980) e Devreux (2005) há uma rejeição sistêmica à igualdade. Contudo, surgem as críticas sobre o pensamento de que o homem é agraciado com uma melhor capacidade de raciocínio, de intelectualidade, uma maior força física, e às mulheres é atribuída uma racionalidade mais limitada em relação ao homem, com reação extremamente afetiva, emotiva e temperamental.

Para Beauvoir (1980) e Devreux (2005) mulheres já nascem com esses genes, isto não é cultural, é natural. A mulher recebe uma rotulação e um estigma devido a suas características físicas: *“estatura menor, menor força muscular, as dimensões do cérebro e o processo reprodutivo que “enfraquecia” caracterizavam*

a chamada "*inferioridade biológica da mulher*" (SCHELSKY, 1968, p. 38, grifo do autor).

Devreux (2005) inicia sua discussão abordando as questões francesas sobre gêneros e relações sociais de sexo não são conceitos opostos, porém também não são sinônimos. Para ela, as relações entre homens e mulheres constituem relações sociais, enquanto gênero é o resultado dessas relações e não de todas as relações. Afirma que segundo o Marxismo essas forças são antagônicas e manifestam a importância dessas relações em comparação à divisão social do trabalho e do poder. Devreux (2005) faz uma consideração sobre Maurice Goldelier (1984) que também se afasta da dominação bordiana quanto à preeminência da dominação simbólica que se afasta da questão da opressão material. A autora considera a referência biológica essencial para sua abordagem teórica, pois a classificação do indivíduo passa a existir nesse momento e ainda faz uma crítica à redução feminista da classificação de sexo e gênero quanto à presença ou não do pênis (falo). Segundo Devreux (2005), o nascimento dá lugar à trajetória futura do indivíduo sob a marca da diferença e da hierarquia. Para a autora o emprego do termo "gênero" foi uma tentativa de suavização da linguagem e uma atitude de polimento por parte de algumas feministas antecessoras que viam nesse termo uma oportunidade de penetrar o campo da discussão de forma menos agressiva (DEVREUX, 2005).

O conceito de relações sociais de sexo foi se firmando lentamente como instrumento de análise e comparações criando as categorias intermediárias dentro de uma complexidade maior, porém todas estas categorias de análises, atividades, divisão sexual do trabalho ou do poder, propriedades formais, transversalidades, dinâmicas e antagonismos não alteram em nada o funcionamento das relações sociais de sexo. São apenas categorias cognitivas e instrumentos de análises de mudanças sociais. As propriedades formais das relações sociais de sexo passam pela transversalidade entre o sistema produtivo e a esfera familiar e também sobre as funções produtivas e reprodutivas da mulher, ou seja, a função de procriação e a função profissional como força produtiva no meio econômico. Entrevistas com mulheres ativas e mães de família

confirmaram que a vida profissional das mulheres e seu ambiente de trabalho tem, ao contrário, importância capital na determinação do tamanho de sua descendência e, portanto, sobre sua fecundidade (DEVREUX, 2005).

Para Devreux (2005) a dinâmica nesses movimentos entre dominação e submissão dos homens sobre as mulheres não implica em mudança e progresso social como resultado da relação de forças entre os dois grupos.

O progresso social em favor das classes trabalhadoras não significa, automaticamente, o progresso em favor das mulheres, enquanto mulheres dominadas pelos homens: a degradação do mercado de trabalho, por exemplo, frequentemente conduz a uma degradação acentuada no nível de emprego para as mulheres, pelas desigualdades de sexo e pela inferiorização social das mulheres (DEVREUX, 2005, p. 574).

A dinâmica dessas relações sociais de sexo deixou claro que os lugares ocupados pelos homens e pelas mulheres, na divisão sexual do trabalho, permitiram responder como se reproduzem ou se formam as práticas sociais. O antagonismo é disfarçado porque, ao mesmo tempo, que existe enquanto categorias (homens/mulheres) os interesses se acoplam na educação dos filhos e no desenvolvimento econômico da família. Os objetivos comuns passam a ser considerados como um núcleo de átomos próprios. Comparando a família, a uma molécula, ela tem função conjunta e coesa, mas suas células são particulares e podem expressar antagonismo, ao mesmo tempo em que trabalham para um bem comum, querem seus espaços individuais, suas soberanias, suas individualidades respeitadas e resguardadas. Fato que no caso das mulheres esse direito é bem menor que os dos homens. A noção de antagonismo não deve ser interpretada como uma "guerra dos sexos" na qual se pretende a aniquilação de uma das partes, e quase sempre o braço armado parece ser o da mulher, embora as armas efetivamente combatidas sejam a opressão e a desigualdade entre esses sexos. Logo se caracteriza como forças de resistências e não uma guerra em si. É uma luta de relações sociais e sexuais (DEVREUX, 2005).

Por muito tempo as ciências sociais ocultaram o lugar social da mulher tanto na história quanto na sociologia, na economia e nas ciências políticas. Esse movimento fez com que o sexo fosse determinante da inferioridade feminina em

todos os espaços da sociedade. E isto foi globalmente consolidado pela sociedade que aceitou esses conceitos de forma não referendada a supostos pensamentos naturais sobre a mulher. O sexo feminino foi naturalmente codificado como inferior perante o masculino (DEVREUX, 2005).

Devreux (2005) cria seu pensamento no binarismo prioritário de sexo macho/fêmea, homem/mulher, o que é criticado por Butler (2010), pois a condição biológica implica uma predisposição de que a criança, ao nascer, é identificada como macho ou fêmea, e assim desencadeia-se uma série de ações as quais essa criança será educada, ensinada e até mesmo condicionada a se transformar em homem ou mulher, conforme seu sexo culminando numa série de performatividades assumidas e não determinadas pelo sexo (BUTLER, 2010).

Para Beauvoir (1980) e Devreux (2005) se sexo é genético e natural, ele não envolve relações políticas e relações de poder, sendo uma questão natural não é problematizado, não é questionado, logo outra questão política se estabelece nesse pensamento. A não discussão política acaba por criar outro problema político: a inferiorização da mulher em face de sua biologia. Essa caracterização natural foi aceita tanto no meio científico como na sociedade como um todo (GIFFIN, 1991).

Scott (1995), Louro (2011) e no mesmo sentido Piscitelli (2002), criticam o patriarcado, pois consideram que o mesmo traz um conceito de dominação dos homens sobre as mulheres numa estrutura hierarquizada de sociedade. Trata-se de uma organização sexista hierárquica de domínio político. Alimenta-se do domínio masculino na esfera familiar (privada) e na lógica organizacional das instituições políticas (esfera pública) construída a partir de um modelo masculino de dominação viril. Assim as mulheres estão, segundo esse modelo, sempre subordinadas a um marido, ou a um pai. Esse modelo é a-histórico, ou seja, em todos os momentos essa estrutura se replicaria fazendo a mulher submissa ao homem, em qualquer época e em qualquer sociedade. A primeira forma de subordinação das mulheres aos homens, a primeira forma subjetiva da produção de sentidos do que é ser mulher na sociedade passa pela questão da maternidade, da condição de reprodução. A mulher é vista específica e

unicamente como um ser reprodutor. Essa qualificação de ser mãe torna-se uma forma de objetivação da mulher e a alocação da mesma como subordinada ao homem.

Para Eccel, Flach e Oltramari (2007) é necessária uma crítica aos princípios de que gêneros são papéis ocupados pelos indivíduos nas sociedades, estes são fortemente marcados pela diferença sexual entre homens e mulheres. Esses autores identificam como esses princípios estabelecem as tarefas e as responsabilidades bem como as condutas apropriadas e adequadas para homens e mulheres. Identificam diferenças substanciais proveniente das culturas baseadas na divisão circunstanciada pelo sexo. Assim é redistribuída a sociedade e as ações produtivas com base na divisão sexual e na adequação das atividades para cada sexo. Segundo os mesmos as mulheres ficaram com o trabalho reprodutivo, restrito ao mundo doméstico privado, gerando valores de uso para o consumo familiar, e cuidado das crianças, dos velhos e incapazes. Para os homens estariam atribuídas atividades ligadas à produção, como a direção da sociedade e trabalhos desempenhados em espaços públicos (ECCEL; FLACH; OLTRAMARI, 2007). Explícito tem-se:

Inicialmente as justificativas para esta divisão baseavam-se nos aspectos biológicos para justificar que a mulher, por ser quem gesta os filhos, carrega instintos de cuidar da prole; enquanto o homem, por contar com maior força física é mais apto a outras tarefas fora do lar (ECCEL; FLACH; OLTRAMARI, 2007, p. 6)

Para estes autores as teorias feministas se prontificaram em rebater estes argumentos e passaram a pesquisar as diferenças de gênero entre homens e mulheres com base em construções sociais e não mais em aspectos biológicos. Eles defendem que para além do biológico, aspectos culturais e contextuais ganham importância e constroem os ambientes do masculino e do feminino (ECCEL; FLACH; OLTRAMARI, 2007).

As produções que as mulheres atribuem para si mesmas e para suas vidas são propriedades que somente podem ser compreendidas por meio de uma análise sistemática das relações dos contextos sociais que elas, junto com os homens, constroem. Contextos estes nos quais elas mesmas se encontram inseridas.

Estes contextos são permeados de referências políticas e sociais e não delimitados pelos sexos biológicos e nem mesmo pelos gêneros, mas sim pelas formas sutis e específicas das relações sociais e particularmente pelas desigualdades (ECCEL; FLACH; OLTRAMARI, 2007).

Para os três pensadores, esta divisão social do trabalho está permeada também de hierarquias e valores frutos das relações sociais que se constroem e dos significados compartilhados. Logo, não são determinadas pelo biologismo sexual (ECCEL; FLACH; OLTRAMARI, 2007).

A hierarquização encontrada nesses estudos mostra que há uma desvalorização dos trabalhos desempenhados pelas mulheres, pois os mesmos não eram considerados como trabalhos, mas sim a própria manutenção do lar além de não serem remunerados, trata-se apenas do trabalho reprodutivo quando comparado ao trabalho produtivo, remunerado, realizado pelo homem (ECCEL; FLACH; OLTRAMARI, 2007).

Os autores argumentam que mesmo as mulheres entrando para os setores produtivos as mesmas ainda associadas aos trabalhos domésticos e com baixa remuneração e acumulam as tarefas domésticas, mesmo quando possuem emprego fora de casa. Assim os trabalhos reprodutivos e produtivos acabam somados no núcleo familiar reforçando a dupla referência de que homens exercem trabalhos assalariados enquanto as mulheres cuidam da casa (ECCEL; FLACH; OLTRAMARI, 2007).

O pensamento do patriarcado é desenvolvido num determinado momento histórico com a pretensão de ser uma teoria suficiente para analisar as relações entre homens e mulheres. Ele desvincula-se da análise biológica para dedicar-se mais ao social, mas mantém a diferenciação entre homens e mulheres, porém nessa nova modalidade, há uma relação social de dominação e submissão. Essa relação fica mais clara se tomarmos, por exemplo, uma família, com a figura do pai como dominador e controlador com suas responsabilidades definidas, a esposa com funções definidas e específicas juntamente com os filhos na condição

de subordinados e submissos a esse pai organizador e provedor de todas as necessidades (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Narvaz e Koller (2006) criticam o patriarcado, pois este assume a condição de papéis criados especificamente para atender as formas de organizações necessárias à sobrevivência dos integrantes desses grupos. Cria-se então o modelo familiar, sendo a figura masculina o centro desse núcleo. Essa associação em grupos familiares remete à interpretação do termo “família” originada do latim *famulus* e tem seu significado mais puro como escravo doméstico e sua consolidação volta à organização da Roma Antiga. O modelo tornou-se tão forte que a autoridade paterna prevalecia sobre a autoridade do Estado.

Contudo, vale ressaltar que a autoridade não era significativa do pai, mas dos homens. O patriarcado é regido por duas premissas: a) a mulher é hierarquicamente subordinada ao homem; b) os filhos são hierarquicamente subordinados aos mais velhos. Esse modelo de patriarcado tradicional ficou vigente durante a Idade Média e a Modernidade até o Século XVII (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Para Beauvoir (1980) sexo é biológico e gênero é cultural. Para a autora, o que é ser mulher fisicamente é determinado biologicamente, mas o que é ser mulher na sociedade é ditado pela própria sociedade, portanto construído socialmente, logo suas atribuições, funções, espaços que pode ocupar são determinados pela sociedade, o que vestir, o que ser, o que pode ou deve, onde deve trabalhar, quais são as atribuições de mulher e quais não são. Para ela, mulher e homem são definições biológicas, feminino e masculino são culturais. É o primeiro passo para que se reconheça gênero como produto cultural, independente do biológico ou do natural. Para a mesma, os homens são os sujeitos e as mulheres são o outro. O outro é marcado para que possa ser percebido. O universal não precisa de marca ele já existe por si só, está naturalmente constituído e aceito por todos.

A figura do divino reflete o homem, a referência à humanidade, reflete diretamente o ser humano masculinizado. Logo, quanto mais invisível, mais universal. É este parecer de invisibilidade que institui o sujeito universal. Essa é a marca da

diferença do outro. O que é universal não assume condição de marca, de diferenciação, ele está diluído no todo. O sujeito passa a ter o atributo de natural e, por conseguinte não é questionado. “O que é ser homem” não é questionado, isto não é problematizado, porque já está instituído, é o comum, é o universal (HARAWAY, 2004). Louro (2011) confirma esse pensamento, sem, no entanto concordar com o mesmo ao afirmar que: “*É por isso que hoje se escreve a ‘História das Mulheres’ e não uma História dos Homens – afinal essa última é a História ‘geral’, a História oficial*” (LOURO, 2011, p. 54, grifo da autora).

Para Beauvoir (1980) o corpo é passivo e é marcado pelo gênero cultural. Gênero designa uma diferenciação construída baseada no componente biológico. Para a autora o sexo biológico determina as características e as funções de gênero das pessoas. Portanto, quando afirma que não se nasce mulher, que ela é constituída, a pensadora faz crer que as repetições das ações incorporadas no dia a dia a faz diferente e a constrói nas suas mais variadas formas e ações. A ênfase aqui é a transformação ou a capacidade de ajustar-se aos movimentos sociais (LOBO, 2001). Butler (2010) defende que os movimentos geram as marcas que o indivíduo assume por meio das performatividades.

O pós-estruturalismo surge em meados do Século XX como uma nova forma de abordar essas questões de gênero e se consolida em especial nos Estados Unidos e também em parte da Europa, a exemplo da Inglaterra. O pós-estruturalismo debate a igualdade versus a diferença e possui um conjunto de instrumentos diferenciados para a análise das construções de relações de poder que envolvem sexo e gênero, “*uma vez que essa teoria questiona categorias unitárias e universais que naturalizam conceitos históricos, como “homem” e “mulher”*” (MELO, 2008, p. 559, grifo da autora).

Para Butler (2010), o pós-estruturalismo não deve considerar a distinção de sexo biológico e gênero cultural, para Butler tanto sexo quanto gênero são construções culturais. Isso implica pensar que tanto um quanto outro é parte integrante do contexto social histórico, ou seja, ao momento do acontecimento. Assim entende-se o corpo como fruto de uma produção cultural. Para ser homem ou mulher o corpo sofre influências e ações que designam essas categorias. A pessoa

assume performances que vão direcionar suas ações conforme as regras da sociedade. A mulher para se sentir mulher e ser reconhecida como tal pratica uma série de ações que a levam a essa percepção. A produção da beleza, a preocupação com a estética, tudo isto passa pelas construções do que a sociedade aprova ou reprova, do que a sociedade (cultura) recomenda ou rejeita.

A performance está vinculada aos padrões sociais, por isso esses padrões constroem o corpo, o definem e o moldam de acordo com o contexto cultural do momento histórico. Logo, se percebe que o corpo biológico não é determinado por si mesmo, mas pela cultura daquele momento. Assim que se identifica qual seria o corpo ideal para aquele contexto histórico, passa-se a buscar esse corpo, esse “padrão” que melhor se enquadra dentro dessas regras sociais construídas. Se sexo e gênero são construções sociais, logo estão submetidos às políticas (BUTLER, 2010).

Para o pós-estruturalismo falar de sexo e gênero é falar de políticas, inclusive políticas de Estado, pois este não está alheio aos comportamentos que influenciam as pessoas e o contrário também ocorre, pois as pessoas estão interligadas a essas políticas que vão se firmando na sociedade e influenciando as ações dos indivíduos. Contudo o pós-estruturalismo não se deixa fixar e prender a um ou outro padrão de comportamento. O que pode ser interessante para uma pessoa pode não ser para outra, o mesmo acontece para grupos de pessoas, o que pode ser comum e normal para um grupo pode ser diferente para outros. A produção social, no pós-estruturalismo, não segue uma regra fixa e homogênea. Assim têm-se subjetividades singularmente constituídas. Elas estão vinculadas a momentos específicos e envolve relações de poder e a política não está neutra ou abstraída dessas relações (BUTLER, 2010).

Usando o sexo como exemplo, isto implica em dizer, considerando as relações sociais de sexo, homem não significa necessariamente masculino e nem mulher necessariamente feminino, pois de acordo com o pensamento pós-estruturalista, todas as pessoas (mulheres e homens) produzem e consomem produtos e desenvolvem performances tanto femininas quanto masculinas (SOUZA; CARRIERI, 2010).

A filósofa Judith Butler afirma: “[...] *as fronteiras do corpo se tornam os limites do social per se. [...] as fronteiras do corpo como os limites do socialmente hegemônico, numa variedade de culturas [...]*” (BUTLER, 2010, p. 186-187, grifo da autora).

Assim, as performances desempenhadas não estão fixadas diretamente a um ou outro gênero, o fato de ser homem ou mulher não isenta ou exclui a pessoa de produzir ou consumir produtos de outros gêneros e este consumir é performático. Para Butler (2010) as pessoas interpretam e representam o gênero de acordo com suas subjetividades e não o contrário e essas interpretações e produções não possuem fronteiras fixas ou rígidas, elas são fluídas, portanto as categorias universais essencialistas deixam de existir (BUTLER, 2010).

Não existe, nesse pensamento, a categoria universal mulher ou homem. O que seria uma categoria mulher para o pós-estruturalismo? De qual mulher se estaria falando ou referindo? Qual homem representaria a universalidade, uma vez que todos são diferentes e múltiplos? Um homem da classe operária representa o homem empresário intelectual, e vice-versa? O heterossexual pode representar todos os homens, inclusive aqueles com sexualidade diferente e vice-versa? (BUTLER, 2010)

Para o pós-estruturalismo não existe uma categoria universal capaz de representar a todos os sujeitos de forma única e unânime, tudo está relativizado ao movimento do espaço sócio-cultural em que se é produzido. Os sujeitos não possuem uma identidade racional, não há um significado único para o sujeito. Os sujeitos são constituídos de significados de produções culturais, as quais se encontram marcadas por relações de poder (BUTLER, 2010).

Segundo Foucault (1979) o poder permeia o ser humano, faz produzir, induz ao prazer, portanto o poder marca genealogicamente o ser, independente do gênero e do sexo. O pós-estruturalismo também foge de concepções binaristas mulher/homem, feminino/masculino, para essa corrente de pensamento são consideradas as multiplicidades individuais, as subjetividades singulares que são completamente diferentes umas das outras, assim considera-se as enésimas

variedades possíveis e mais, gênero não assume polos opostos, o masculino constitui o feminino e vice-versa e não se excluem. Também existe um afastar-se do sujeito universal, da homogeneidade. Evita-se também buscar uma identidade única, uma classificação definida. Por fim, pode-se conceber que, no pós-estruturalismo, vale a multiplicidade e a pluralidade não excludente, que as pessoas são constituídas por suas subjetividades e diferenças (BUTLER, 2010).

Para a mídia popular as relações sociais de sexo ainda consideram a mulher como consumidora de trivialidades, para essa modalidade conceitual (mídia popular) mulher se relaciona com assuntos de culinária, decoração, vestuário, família e o sucesso da mulher está baseado no sucesso dos outros. A mulher ainda não demonstra evolução, ainda não conquistou seus direitos além das tarefas domésticas. Enquanto que para o homem o mundo é de força, de decisão, de racionalidade e de liberdade, o mundo da mulher é de submissão, de fragilidade, de indecisão, de dependência e de emocionalidade. Para o homem, o mundo é poder, prazer, sucesso e para a mulher, obrigações (MELO et al., 2007). Essa pesquisa mostra como são os construtos sociais que ainda vigoram nas formas populares de conceber as categorias de gêneros.

Com estes estudos vão se formando vários entendimentos sobre gênero e as pesquisas embasadas por tais conceitos trazem consequências diversas. A descrição pode trazer gênero como definição de mulheres, mas esse discurso embute que falar de mulheres é também falar de homens, pois um constitui o outro e vice versa (ECCEL, 2010). Contudo, em um primeiro momento deu-se a distinção dos sexos como polos opostos e papéis sociais distintos e adequados a cada sexo ou gênero. Porém, essas abordagens não trabalharam ou não estudaram as construções dessas diferenças de forma útil e logo foram exigidas novas mudanças nos questionamentos. Assim, nessas novas construções as relações sexuais são estudadas incluindo também questões políticas de gênero. Nessa nova abordagem gênero vai além de papéis sociais ou funções de homens ou mulheres, pois homens e mulheres constituem-se mutuamente (ECCEL, 2010). Neste momento gênero assume uma condição de organizador social e cultural capaz de ir além das funções masculinas e femininas, gênero passa a ser

mais que um delimitador da marca sexual nas construções das subjetividades (ECCEL, 2010).

Segundo Louro (2011), o entendimento de gênero é concebido no plural, pois existem vários femininos e vários masculinos que se entrecruzam nas relações. É importante ressaltar que para Edwards (2005), o gênero é globalizado e inquestionavelmente patriarcal na prevalência dos homens sobre as mulheres e essas relações desiguais rendem vantagens aos homens sobre as mulheres, tais como salários melhores, poderes políticos, cargos profissionais. Contudo para Eccel e Grisci (2009) é comum perceber a fragilidade na masculinidade e a crescente crise sobre as produções tradicionais do masculino. Nessa nova configuração, homens e mulheres copiam estilos subjetivos e constroem maneiras alternativas de vida: “[...] em geral não se mostram em estilos completamente opostos, mas em pequenas modificações e adaptações [...]” (ECCEL; GRISCI, 2009, p. 5-6) assim portam-se de maneira difusa e irregular.

Para Eccel (2010) essa multiplicidade deriva de uma sociedade com concepções de gênero (masculino/feminino) diferenciadas. A autora traz *in verbis*:

Desta forma, não mais se trata de ter apenas as mulheres como foco de estudo, e sim os processos de construção da masculinidade e da feminilidade, ou da constituição de sujeitos masculinos e femininos, considerando os aspectos contextuais (ECCEL, 2010, p. 4).

Contudo, a pluralidade e a diversificação ocorrem por diferentes condições de existência da masculinidade e da feminilidade, influenciadas sempre por pertencimentos culturais e que dizem respeito aos significados localmente produzidos (ECCEL, 2010). Para a autora diferentes organizações geram diferentes significados que constituem os gêneros. Esses significados variam conforme o tempo e o espaço cultural das organizações (ECCEL, 2010).

Para Eccel (2010) os contextos definem culturalmente: masculino e feminino, porém com reservas de contingenciais no que tange a fixação, ou seja, delimitam espaços e processos, mas não os fixam. Assim as subjetividades são fluídas e navegam pelos espaços criados e ou deixados por estes processos construtivos.

2.2 SIGNIFICADODE MULHER PARA O PÓS-ESTRUTURALISMO

O aporte teórico que permite uma série de análises sobre os temas gênero, sexo, sexualidade e poder é a teoria *queer*, tratada por Souza e Carrieri (2010) como “analítica *queer*” devido ao seu caráter pós-estruturalista que não admite em seu interior a denominação teoria. Dentre os autores engajados nessa analítica destacam-se Butler (2010) como principal referência, Scott (1995), sendo esta a primeira pensadora a abordar um pensamento sobre a teoria *queer*. Butler (2010) somados aos pensamentos de Louro (2003, 2010, 2011), Mariano (2005) e Souza (2004, 2010, 2013) que sustentam a analítica *queer* e que foram âncoras e lentes para essa análise. Butler (2010) promove um olhar crítico sobre as construções de categorias e identidades derivadas de poder e diferenciação discursiva de gêneros, aplica uma análise genealógica sobre o tema estudado: “*Se alguém é uma mulher [nesse ambiente], isso certamente não é tudo o que esse alguém é*” (BUTLER, 2010, p. 20, grifo nosso).

As teorias feministas encontram duas acepções sobre a categoria mulher, uma representativa, outra política. A representativa no sentido de apresentar os interesses e objetivos femininos concernentes a essa categoria, enquanto que a política pretende estender visibilidade a mesma. A produção assume um papel operacional em que despontam as lutas dos movimentos feministas, a busca pelo reconhecimento de igualdades ou de diferenças que permeiam esses movimentos. Mas essa produção está alicerçada nos termos femininos e masculinos, criados exatamente para atender a linguagem heteronormativa que expressa a diferença entre os sexos biológicos (BUTLER, 2010).

Ao criar esses gêneros distorceu-se o que era tido como “verdadeiro” para a categoria mulheres. O desenvolvimento da linguagem trouxe soluções por um lado e complicações por outro. Ao mesmo tempo em que classifica, distorce. Se a mulher não era representada ou era mal representada, o título de “feminina” não mudou muito esse cenário. As próprias mulheres começam a questionar essas classificações no interior de seus movimentos e no íntimo destes sujeitos, ou seja, os termos criados não produzem de fato as mulheres como sujeitos, não propõem

mudanças nem a emancipação desse sujeito vivo. Em termos mais objetivos: a produção tem que atender os requisitos de sujeito para ser aceita. A autora faz uma análise crítica sobre como o rótulo “feminina” continua produzindo um ser dominado, expurgado e relegado ao segundo plano, tendo o “masculino” como universal, dominante e preponderante. A produção de mulheres sem a emancipação política deixa claro que o cenário é o mesmo com linguagem nova, a construção política do sujeito mulher continua vinculada aos objetivos de exclusão (BUTLER, 2010).

O binarismo masculino/feminino forma a estrutura de exclusão e o feminino é descontextualizado e apartado das classificações. O termo impõe uma classificação que não se enquadra em nenhuma outra categoria ou que crie uma identidade ou uma produtividade categorizada aceitável. A autora critica o tratamento da mulher sendo o outro. Feminina/o são apenas termos que separam seres iguais em grupos diferentes cuja diferença é apontada apenas pelo próprio termo em si, ou seja, nada mais há, além do termo, para estabelecer a diferença, e a única utilização dessa diferenciação pelo emprego desses termos é para atender uma linguagem retorcida, incapaz de dar visibilidade política à mulher e às suas produtividades. Butler (2010) questiona se o problema não seria ainda mais sério:

Seria a construção da categoria mulheres como sujeito coerente e estável uma regulação e reificação inconsciente das relações de gênero? E não seria essa reificação precisamente o contrário dos objetivos feministas? [...] Se a noção estável de gênero dá mostras de não mais servir como premissa básica da política feminista, talvez um novo tipo de política feminista seja agora desejável para contestar as próprias reificações do gênero e a identidade (BUTLER, 2010, p. 23).

Para a autora, encontrar as repostas a estes questionamentos, a princípio, é tarefa marcante para a categoria mulheres. Mas em seguida, ela mesma reconhece que, essas formações ocorrem dentro de um campo de poder sistematicamente encoberto pela afirmação desse fundamento. Logo o termo mulher realmente só faz sentido quando não for presumível em campo algum, ou seja, não mais exista a diferente produção “mulher”, assim viria o equilíbrio ou igualdade de fato, e tanto masculina quanto feminino estariam diluídos num universo único, inseparável, indissolúvel: o ser humano (BUTLER, 2010).

Butler (2010) é enfática na questão de sexo e gênero. Para ela, não há uma distinção entre corpos sexuados e gêneros construídos socialmente. Pois segundo a autora, a construção do termo “homens” não se aplica exclusivamente a corpos masculinos ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. E se os sexos não são binários, também não o são os gêneros, se fossem seriam miméticos, assim: “[...] *homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino [...]*” (BUTLER, 2010, p. 24-25).

Assim, pretende-se mostrar que qualquer distinção, separação, exclusão e ou dominação com base nas diferenças sexuais ou de gênero devem ser questionadas sobre suas relevâncias significativas dentro de uma concepção autônoma desenvolvida sob quaisquer relações sociais, que envolvam ou não poder. Quais as justificativas para tais exclusões? Quais argumentos alicerçariam essas relações separatistas?

O pós-estruturalismo questiona as narrativas concebidas como verdades únicas e problematiza a dicotomia de gêneros. Para esta corrente de pensamento, gênero se constitui em meio a outras categorias sociais, tais como classe social, etnia, religião e essa constituição ocorrem de diversas maneiras construindo e desconstruindo figuras e produções, sem uma lógica específica, mas em uma multiplicidade que não se pode pensar gênero em apenas duas maneiras (masculino e feminino) (ECCEL; GRISCI, 2009).

Em outra reflexão crítica Butler (2009) afirma que sexo é uma marca regulatória, o que Foucault (1978) chamou de “ideal regulatório”, pois o mesmo marca o comportamento de acordo com seu marco regulatório. O feminino vai produzir e marcar, fazer circular, diferenciar os corpos que ele, marco regulatório, sexo biológico e natural controla. O mesmo ocorrendo para o masculino. Os comportamentos são materializados e marcados pelo biológico, mas apresentam níveis diferenciados de rematerialização e pode se voltar contra a própria força hegemônica regulatória. Nesse sentido, o que constitui a fixidez do corpo, seus contornos e movimentos, será plenamente material, mas a materialidade será

repensada com o efeito do poder (BUTLER, 2009). Para a filósofa tanto sexo quanto gênero são construídos discursivamente, para ela sexo pré-discursivo é uma falsidade, e o significado da construção torna-se o significado de um monismo linguístico, pelo qual tudo é, apenas e sempre, linguagem, portanto gênero é performativo e também linguagem, a classificação genérica nasce também para atender anseios linguísticos históricos (BUTLER, 2009).

2.2.1 A produção da diferença

Uma análise sobre gênero e sexo deve abstrair-se da temática única e central biológica e também da construção de uma produção social hegemônica de masculino e feminino. Em especial porque por mais que se recuperem conceitos e argumentos, o masculino tende a ocupar uma posição central e referencial, ao passo que na prática homens e mulheres são sujeitos que compõem os mais diversos arranjos e reduzi-los aos binarismos macho/fêmea, homem/mulher, masculino/feminino é uma redução simplista e não reflete a realidade dos fatos. As identidades masculinas e femininas são construídas, são provisórias e fragmentadas, pois se encontram em perpétuo movimento e renovação. Não existem masculinos e femininos fixos, como também masculino contém feminino e vice versa. A fixidez só existe nos dicionários, nas práticas a mobilidade é a regra (LOURO, 2011). Alguns dos conceitos sobre homens e mulheres, masculinos e femininos são marcados de acontecimentos antigos. Na filosofia, Platão (1961) acentuava:

E agora a tarefa que nos foi imposta ao começar, de fazer a história do universo até a geração do homem, parece quase realizada. [...] entre os homens que receberam a existência, todos que se mostraram covardes e passaram a sua vida a praticar o mal foram, conforme toda a verossimilhança, transformados em mulheres na segunda encarnação. Foi nesta época e por esta razão que os deuses construíram o desejo da conjunção carnal, modelando um ser animado em nós, e outro na mulher. [...] eis porque nos machos, os órgãos genitais são naturalmente insubmissos e autoritários, como animais surdos à voz da razão, e dominados por apetites furiosos, querem comandar tudo. Nas mulheres também e pelas mesmas razões, o que se chama a matriz ou útero é um animal que vive nelas com o desejo de procriar. [...] até que o desejo e o amor, unindo os dois sexos, eles possam colher um fruto, como numa

árvore, e semear na matriz, como num sulco. [...] Tal é a origem das mulheres e de todo o sexo feminino (PLATÃO, 1961, p. 220).

Nota-se que a herança conceitual da discriminação e da desqualificação da mulher está muito bem marcada e esse pensamento é prática discursiva que perdura por muito tempo e que se buscou identificar no decorrer da pesquisa. Enquanto que para Platão (1961) gênero é diferença anatômica, para Butler (2010) gênero é uma construção performativa. Essa filosofia platônica não apresentava nenhuma base científica, mas influenciou a concepção sobre o tema por um longo período em especial na metanarrativa e no senso comum. Não obstante, esses conceitos foram ratificados por outros filósofos e por outros pensadores também de outras áreas do conhecimento. Hipócrates (médico) da Antiguidade, famoso por ser o autor do primeiro compêndio sobre anatomia, o *Corpus Hippocraticum*, notável coleção da Medicina Antiga, afirma: “[...] a semente macha [**sic**] é mais forte que a semente fêmea [...]” (STREY, 2002, p. 54).

As conjecturas e conceitos a respeito de sexo foram acontecendo no decorrer do tempo, mostrando-se sempre a favor de um em detrimento do outro sexo, mas nunca em alternância, a vagina era considerada como um pênis introvertido no corpo, os ovários como testículos embutidos no corpo da fêmea. A mulher era também um homem, inferior, reprodutor, tendo seus aparelhos ou órgãos genitais iguais nos dois seres, porém os da mulher voltados para dentro do corpo. Essa fase marca uma verticalidade no sentido de homem e mulher, ou seja, os dois não são dois, são apenas um, com funções diferentes e hierarquizadas em graus de importância (sendo o masculino o mais importante), o homem de órgãos exposto era superior à mulher com seus órgãos implícitos (retratados no corpo) (LAQUEUR, 2003). Para o pensador, a mulher assume um caráter preliminarmente maternal e suas atribuições são direcionadas para as tarefas da casa, cuidar da educação dos filhos, ensinar as filhas no manejo da casa e nos afazeres domésticos, ou seja, recebe por delegação funções que deveriam ser desempenhadas por ambos [os sexos], mas que são sujeitadas à mulher devida a sua fragilidade corporal, pois se considerava o corpo feminino ligeiramente mais frágil e menos robusto para as tarefas que exigiam força, entre elas as militares e de combates.

Para sustentar suas teorias, Laqueur (2003) recorre a pensadores da Antiguidade, em especial Galeno (129-216 dC) que era médico e filósofo e dissecava macacos e porcos para estudar suas anatomias e compará-las com o ser humano. Essas teorias galenas são contestadas somente a partir do Século XVIII quando a medicina passa a dissecar corpos humanos e esses novos estudos dão origem à segunda onda do pensamento sobre sexo e gênero, essa nova filosofia prescreve dois sexos: homem é masculino, mulher é feminino (LAQUEUR, 2003).

Essas marcas da diferença sexual, registradas genealogicamente, desde a antiguidade passam pelos vários setores, inclusive a medicina e a filosofia. O termo surge em meados do Século XVIII com o *Two Sex Model* sendo a mulher polo oposto ao homem, em contraste com ele, e esse conceito é aceito e considerado normal. Assim, as diferenças centradas no sexo, anteriormente, foram difundidas e transferidas também para a nova classificação: o gênero. A mudança foi apenas nominal, enquanto que as diferenças e as conceitualizações permaneciam e estabeleciam o primário masculino e o secundário feminino (LAQUEUR, 2003).

Para Laqueur (2003), os estudos anteriores ao Século XVIII não se empenhavam em discutir as diferenças sexuais, mas as igualdades, fato que se inverte com as filosofias sobre os dois sexos, desenvolvidas após aquele período. A conclusão laqueuriana é que as diferenças orgânicas transferem-se para as classificações de gêneros (masculino/feminino) e os estudos não são mais somente nos corpos, mas também nas funções que estes seres desempenham na sociedade. São levadas em consideração a delicadeza e a sutileza da mulher e a força e a virilidade do homem, e suas funções são também classificadas com base nesses conceitos de gênero. Uma longa construção social é desencadeada com base nesses princípios e a diferença acentuada.

2.2.2 A consequência da diferenciação sexual: performances

Partindo desses acontecimentos de diferenciação fundadas nas construções sobre sexo e gênero marca-se o princípio da desigualdade corporal, bem como a desigualdade para além do físico vindo a acumular-se também no social e no

psicológico, refletindo no comportamento adotado que cada indivíduo assume diante das referências que os norteiam. Matos e Lopes (2008) abordam as questões de como os corpos recebem influências do meio no qual estão inseridos e como essas influências moldam o comportamento e as atitudes das pessoas ali situadas.

Essas inferências podem ser realizadas considerando-se que o corpo tipifica os gestos, as formas estéticas e os comportamentos caracterizados como femininos e masculinos. Cristalizam-se no corpo as crenças, as representações e os significados do que é ser homem ou mulher em determinada sociedade, em determinado momento. [...] Nessa perspectiva, o gênero refere-se a qualquer construção social que implique a distinção masculino/feminino, incluindo, assim, as construções que separam corpos 'femininos' de corpos 'masculinos'. Portanto, compreende-se que "a sociedade não forma só a personalidade e o comportamento, mas também as maneiras como o corpo aparece". [...] Nesse sentido, através das representações de gênero, definem-se valores e modelos de um corpo sexuado em função de paradigmas físicos, morais e mentais cujas associações tendem a criar a 'verdadeira mulher', expressa nas 'milimétricas' diferenças de uma suposta identidade (MATOS; LOPES, 2008, p. 77-78, 83).

Estende-se o mesmo entendimento para os comportamentos desencadeados pelas influências que gênero e sexo despertam ou dispõem sobre os sujeitos enquadrados em uma ou outra categoria. Identificado esses desencontros e essas constituições distorcidas entre sexo e gênero, as reações começam a surgir com movimentos que contestam e abrem frentes de estudos para formar uma base de reação para possíveis discussões e revisões de posturas. Aguiar (1997) analisa as perspectivas dos movimentos e reações feministas na Sociologia.

Na Sociologia, o feminismo liberta os filhos do jugo dos pais, mas não liberta a mulher da condição de subordinação. Essa perspectiva exclui a mulher do sistema político enquanto o patriarcado mantém o ordenamento econômico e político. Segundo Aguiar (1997), a visão feminista do patriarcado, as mudanças nas relações privadas substituiriam o poder dos maridos nos espaços doméstico por relações democráticas de diálogos e comunicação. Para Aguiar (1997), isso permitira a igualdade nos cargos públicos pela competência e não pelo nepotismo. Assim, também a Sociologia busca produzir conhecimentos sobre relações de gêneros e subjetividades (AGUIAR, 1997). Contudo, para Butler (2010) gênero não está alicerçado sobre a anatomia do corpo, mas sim na construção social e aquelas disposições sociais não constituem o gênero. Os

gêneros são constituídos pelas performances assumidas diante de seus momentos históricos (BUTLER, 2010).

Essa visão de Butler (2010) de que gênero e sexo são performativos, diferentes nas mais variadas formas de constituições possíveis, as fronteiras que cercam esses conceitos e essas classificações categorizadas em mulheres e homens são abertas, transpassadas a todo o momento, não se repetem e nem se moldam a nenhum padrão identitário fixo ou unificado. Pluralidade, mutabilidades e descontinuidades são a regra.

3 SUBJETIVIDADES

3.1 A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Uma perspectiva de conquistas dos próprios espaços e da própria visibilidade seriam processos pelos quais os sujeitos e as organizações tomam para si recursos e condições suficientes para ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão (SOUZA; MELO, 2009).

Os processos de constituição das subjetividades são caracterizados por mais de uma forma e conceito. Para Silva e Sachuk (2012) seria declarar-se independente, seja na individualidade ou na coletividade, seria a libertação de obstáculos ou alienações impostos sobre si, pode ser vista ainda como resistências às formas de sujeição. A subjetividade se caracteriza como um novo estado psicológico, ideológico e social por parte dos indivíduos. A função dos processos de subjetivação é libertar por completo o ser humano e fazê-lo tomar uma feição concreta na transformação de homens e mulheres livres e iguais (SILVA; SACHUK, 2012).

Contudo a subjetivação não é uma abstração dos sinais que cercam o projeto emancipatório. *“O que se deseja, sim, é a compreensão das relações de elementos e diretrizes que envolvem as pessoas”* (SILVA; SACHUK, 2012, p. 36). Esses processos afetam a vida organizacional, social, política, cultural e econômica. Para as autoras a subjetivação passa por dois aspectos, o primeiro endógeno, interior, próprio, particular, cujo interesse é o reconhecimento das obrigações individuais, o segundo é exógeno que se relaciona com o externo, com normas sociais, morais vinculadas aos padrões minimamente exigidos para o ser humano. Para as autoras a subjetivação é constituída por várias dimensões, por vários sujeitos sociais e por vários elementos que dão consistência e materialidade a esses sujeitos. Além disso, subjetivações se expressam de diferentes formas na vida social, política, cultural e econômica (SILVA; SACHUK, 2012).

Souza et al. (2013) assegura que existe uma busca por unidade de um campo de estudos em Estudos Críticos de Gestão (ECG), embora a divergência e multiplicidade de abordagens tornem essa unidade cada vez mais difícil e que somente em uma forma de amarrio (nó) tornaria possível um ponto de encontro desses vários pensamentos. Para eles, subjetivações é um motivo comum de luta e de resistências de vários movimentos, entre os quais o próprio movimento feminista destacado por Butler (2010) e Louro (2011).

Considera-se os ECG como uma grande “colcha de retalhos” (SOUZA et al., 2013, p. 200) e que as subjetivações seriam o “nó” de encontro dentro de uma visão pós-estruturalista. Assim, para o autor e seus colaboradores todos os ECG possuem uma busca pela emancipação, seja no pós-estruturalismo, neomarxismo, nas teorias feministas, no pós-modernismo, no pós-colonialismo. Mas os mesmos autores questionam se esses pensamentos seriam capazes de promover de fato a emancipação. Para tanto, debate o conceito de subjetivações nas suas concepções dentre as correntes de pensamentos que utilizam para sustentar suas argumentações, entre elas o pensamento guattariano que faz uma crítica aos movimentos universais de emancipação. Rolnik (2010) ao interpretar o sujeito no pós-estruturalismo como fragmentado, descentrado, sem essências e sem origem, mesmo assim não o coloca à margem das ações políticas sem, no entanto esperar desse sujeito, qual caminho seguir. Logo, Souza et al. (2013) concordam não com uma emancipação pura, subjetiva e unitária, mas com emancipações, no plural onde as subjetivações assumem o caráter múltiplo, envolvidas por relações de poder num vazio significativo, amarrado pelas contingências particulares que as constituem. Assim, as múltiplas subjetivações são processos e não fim a ser atingido como término de luta e de conquista (SOUZA, et al., 2013).

Os autores admitem que o pós-estruturalismo se afasta das teorias críticas devido às diferenças nas definições de sujeito, subjetivação, universalidades e contingências, por isso não defendem o encontro entre teoria crítica e pós-estruturalismo para a construção de um conceito para emancipação (SOUZA, et al., 2013).

Para melhor observar gênero evocam-se os espaços organizacionais e profissionais onde muitos estudos sobre o tema na atualidade estão sendo suscitados (ECCEL; GRISCI, 2009). Estas autoras demonstram que esses estudos recaem mais sobre as mulheres e que isso é uma relevância: “*A importância destes estudos é indiscutível, já que trouxeram os desafios enfrentados e embasaram políticas organizacionais em prol da inserção de mulheres*” (ECCEL; GRISCI, 2009, p. 1). Assim, as construções sociais que se encontram nas organizações incluem perceber as diferenças sexuais também nos ambientes profissionais onde os homens são vistos com homogeneidade naturalizada e cristalizada dessas relações por suas vivências masculinas que acabam por encobrir ou disfarçar a dicotomia masculino-feminino transparecendo uma especificidade única, a masculina (ECCEL; GRISCI, 2009).

Para estas autoras, a masculinidade é também construída socialmente nestes ambientes profissionais em seus espaços e tempos. Para elas, essas percepções afetam tanto homens quanto mulheres nas organizações, sejam nos discursos, nos processos ou na valorização monetária (salários). Mas, conjuntamente, essas categorias são múltiplas, pois existem várias masculinidades e várias feminilidades (ECCEL; GRISCI, 2009).

Nos processos de subjetivações Nardi (2006), Ramminger e Nardi (2008), Rolnik (2010, 2011), Foucault (1979, 1988) afirmam que os agenciamentos coletivos de enunciados não são redutíveis aos agentes individuais. As subjetividades são campos entre o individual e o coletivo. Trata-se de pensar a subjetividade como processos de vidas que são experienciadas.

Para Nardi (2006), o pensamento de Foucault (1988) quer saber como os homens governam os outros homens e a si mesmos e para isto analisa as instituições que impõem essas regras e práticas. O poder é a força que constitui o sujeito em toda a sociedade e evidentemente implicam nas resistências que essas práticas suscitam. O correto e o incorreto estão sempre em jogo e torna-se necessário compreender essas regras e esses jogos, assim tem-se de um lado o indivíduo e do outro a totalização disciplinar, ou seja, a sociedade.

O termo “subjetividade” remete à experiência de ser sujeito, no duplo sentido da palavra, aquele que é submetido e aquele que realiza a ação, em cada tempo e em cada contexto (NARDI, 2006).

Para Foucault (1979, 1988) a subjetividade permite uma junção ou uma indissociabilidade entre o individual e o coletivo, entre o interior e o exterior, entre o dentro e o fora, indivíduo e sociedade rompendo com as dicotomias que tradicionalmente marcaram os campos da psicologia social sobre a saúde e o trabalho. Esse conceito foucaultiano sugere uma estratégia poder-saber (FOUCAULT, 2003).

As desigualdades entre homens e mulheres instaladas e instituídas em diversos espaços da sociedade, como um produto das relações de poder, significa considerar as diversas produções e significados de masculinidade e feminilidade por meio dos quais os sujeitos são constituídos. As instituições sociais estão intrinsecamente envolvidas nessa teia de produção e reprodução de identidades, porém mais no coletivo. (LOURO, 2011).

Para Louro (2011) o sujeito, seja ele homem ou mulher, da classe social que for, da sexualidade que for, seja participante ou não de determinada religião ou partido político, este sujeito possui múltiplas identidades, experiências difusas e particulares que o torna único e essas características de classes, sexualidades, religião ou partido político interagem no sujeito constituindo suas subjetividades, mas não como camadas que se somam, e sim como processos que se articulam. Processos que podem ser até mesmo contraditórios entre si e que provocam as diversas posições que o sujeito assume. Essas posições são múltiplas, conflituosas e em alguns momentos, fazem o sujeito deslizar e oscilar distraidamente de diversas formas (LOURO, 2011).

Esse conceito mostra em primeiro plano que não há uma categoria central definida ou definidora das subjetividades que pudesse identificar todas as demais categorias ou servir de categoria mestra. Quando se afirma que as identidades são múltiplas, parciais, indica-se que não há realmente uma identidade universal, logo não há uma subjetividade única e explicativa para todos os sujeitos, mas

subjetividades, no plural, identidades, produções que inferem e interferem no singular e no coletivo (LOURO, 2011).

Para a autora, colocar uma base única de produção das subjetividades levará a um desvio de outras disputas também importantes e significativas no processo. *“As formas de inserção nessas disputas podem, também, ser diversas para cada sujeito – que pode viver instâncias ou situações de subordinação e, no mesmo tempo, situações de dominação”* (LOURO, 2011, p. 57). Assim, Louro (2011) defende que o sujeito vive e experimenta várias posições em sua particularidade com diferenças de tempo e intensidade nessas experiências sociais, tanto individuais quanto coletivas.

Para Lescura et al. (2012) as produções sociais são uma forma de revelar as relações indivíduo-sociedade e tender para um ou outro desses dois polos tira a vitalidade da teoria. Assim para os autores, o sujeito ao se relacionar com o coletivo cria o imaginário, construindo o mundo a partir do contexto que a origina: *“[...] por se constituírem [sic] de **produtos sociais**, devem sempre ser remetidas ao contexto no qual foram produzidas”* (LESCURA et al., 2012, p. 105, grifo do autor).

Para Melo et al. (2007) na Sociologia as produções são separadas o individual do coletivo, uma vez que o individual não consegue se impor sobre o coletivo. Logo, as produções individuais são diferentes das produções coletivas. Já na Psicologia Social as produções se apresentam como forma de dirigir o comportamento e atuam como um posicionamento subjetivo da consciência nos espaços sociais e constroem as atitudes e ações dos indivíduos. Para essa corrente de pensamento, tanto o individual quanto o coletivo são importantes no processo de construção social. Já na versão da Antropologia, as construções sociais são como as imagens mentais da realidade, formadas pelas experiências individuais do sujeito considerando seu ambiente de vivência, são manifestadas pelo discurso e estão em contínuo processo de produção.

Todas essas produções, esses discursos, esses sentimentos nascem dos comportamentos sociais. Para Melo et al. (2007) as produções, de forma geral,

estão ligadas às práticas sociais, juntando a história, a tradição e a realidade distribuídas na relação linguagem, discurso e ideologia que formam os sentidos produzidos nos sujeitos pelos processos de subjetivação e produção da realidade (MELO et al., 2007).

Para Westwood e Clegg (2003) as produções construídas pelo humanismo social vão além das representações, em síntese e para fins práticos os atos de produções podem ser entendidos como atos da retórica com agregado moral: *“sempre houve uma espécie de sociologia ao longo dessa linha [...] muito do que hoje é chamado de engenharia humana (com seus ideais de previsão e controle) pode ser visto como uma extensão de observações da retórica clássica”* (WESTWOOD; CLEGG, 2003, p. 164, tradução nossa). Para estes autores as produções de identidades são construídas a partir dos discursos e consolidam-se nas práticas sociais estruturantes:

Adotando uma perspectiva retórica este tipo leva a vantagem de permitir que a ciência social, que se inscreve em um construtivismo amplamente estruturante, de explicar e analisar movimentos que estão sendo feitos em um discurso particular ou narrativa e possíveis ramificações em uma perspectiva crítica (WESTWOOD; CLEGG, 2003, p. 167, tradução nossa).

Assim, as produções subjetivas assumem a condição de ir além das reduções de imagens estáticas de um sujeito passivo e além das proposições reducionistas em aceitar ou rejeitar situações. Essas produções vão além do simples sim ou simples não passivo do ser humano, elas vão permitir a interação e a construção social pós-estruturalista. Logo *“a virada discursiva que a análise organizacional tomou, infunde no pesquisador a responsabilidade moral para suas teorias”* (WESTWOOD; CLEGG, 2003, p. 80, tradução nossa). Para esse pensamento o ser humano é o propulsor das suas identidades e seus significados, ele as constrói, as monta, conforme suas expectativas e experiências, conforme suas cognições e conhecimentos pessoais (WESTWOOD; CLEGG, 2003).

Louro (2011) inicia sua conceituação sobre produções fazendo uma análise de que o pensamento de homens e mulheres é biologicamente distinto e as relações entre os mesmos são derivadas dessa distinção e se tornam argumento final e irrecorrível, seja no campo do senso comum ou da ciência, essa distinção passa a

justificar a desigualdade entre sexos e se estende para gêneros. A mesma pensadora considera necessário se opor a esse argumento demonstrando que não são as características sexuais, mas a forma de como essas características são representadas que vão construir o que é feminino e o que é masculino, em um momento histórico dentro de uma sociedade (LOURO, 2011). Assim, não se pode observar um ou outro elemento constituidores das subjetividades humanas, mas observar tudo o que se construiu socialmente sobre as bases do sexo. Logo o conceito de gênero se torna fundamental para essa análise. O conceito se torna uma ferramenta analítica e política simultaneamente (LOURO, 2011).

Para Louro (2011) esse conceito passa a exigir que se pense no modo plural, acentuando que os projetos e as produções sobre mulheres e homens são diversos. Assim, a autora se afasta dos processos essencialistas, objetivantes e predefinidos. Para a autora, o conceito passa a ser usado como relação social que se constroem sobre gêneros, considera não somente as mulheres, mas também os homens indistintamente. Assim, o debate é realocado nas relações desiguais dos sujeitos e não na desigualdade unitária entre homem e mulher:

As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas, [...] mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representações. [...] Na verdade, reivindica-se que sujeitos diferentes sejam considerados não como idênticos, mas como equivalentes (LOURO, 2011, p. 26, 50).

Fora desses conceitos ficam sem possibilidade de exames as múltiplas formas que podem assumir masculinidades e feminilidades, como também as complexas redes de poder que são criadas através dos discursos, dos códigos, das práticas sociais e dos símbolos que se movem e agitam dentro dos conceitos de gênero (LOURO, 2011). Logo, a pretensão da autora é mostrar que o conceito de gênero é constituinte das múltiplas identidades dos sujeitos. Múltiplas, móveis e até mesmo contraditórias. “*As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação*” (LOURO, 2011, p. 31).

Para Louro (2011) essas produções não são, contudo, meras descrições que “refletem” as práticas desses sujeitos; elas são, de fato, descrições que os

“constituem”, que os reproduzem. Assim, Louro (2011) defende que as produções das identidades não são reflexos, mas processos constitutivos da realidade. Contudo, a produção pode não corresponder aos acontecimentos, mas os efeitos que produzem sentidos nesses sujeitos e constroem a sua realidade. Em alguns momentos a produção é tão forte que a mesma perde o sentido e passa a ser o mundo real. Como exemplo cita-se:

Professoras foram vistas em diferentes momentos, como solteironas ou “tias”, como gentis normalistas, habilidosas alfabetizadoras, modelos de virtude, trabalhadoras da educação; professores homens foram apresentados como bondosos orientadores espirituais ou como severos educadores, sábios mestres, exemplos de cidadãos... Diversos grupos de vozes desenharam esses sujeitos. Do outro lado, eles e elas acataram, adaptaram ou subverteram esses desenhos (LOURO, 2011, p. 104, grifo do autor).

Assim, têm-se as produções como uma reprodução estática da realidade, mas isto não é verdade, a imagem é dinâmica, móvel e os desenhos formados nunca se repetem, nunca são os mesmos. As produções são totalmente amorfas, singulares e estão sempre em constituição e alteração.

Louro (2011) capta o exemplo da pesquisadora Mary Dalton (1996) que faz uma análise de como o cinema constrói a imagem dos professores capazes de tudo para salvar um aluno ou uma aluna, nos filmes “*Ao mestre com carinho*”, “*Um tira no jardim de infância*” e “*Sociedade dos poetas mortos*”, retratando uma figura heróica em meio a desprezos e baixos salários (LOURO, 2011, p. 105).

Para Louro (2011) esta imagem formada pelas telas cinematográficas influencia os demais professores em suas formações e em suas constituições das subjetividades. Ora sendo carismáticos como tais, ora sendo opostos a eles. Assim, as produções dos sujeitos não apenas são múltiplas, mas elas podem também transformar ou se contrapor (LOURO, 2011). Complementa que “*Em consequência, essa constituição é constantemente **construída, resistida e reconstruída***” (LOURO, 2011, p. 107, grifo da autora). Outro exemplo da autora é que por um longo tempo associou-se a professora com a solteirona que não conseguiu se casar. O casamento e a maternidade constituíam o destino certo das mulheres, mas quando não conseguiam atingir tais objetivos, a mulher se recolhia na sua missão de educadora (LOURO, 2011). Esse exemplo demonstra

claramente as produções do casamento e da maternidade com a atividade de ser professora como vocação a esse fim.

Pensar sobre produções é pensar sobre o início das constituições das identidades e é evocar o caráter individual e múltiplo, pois cada pessoa compartilha de uma forma diferenciada de perceber as situações que lhes são apresentadas, singularizadas e potentes em sua imanência de vida. Para Deleuze (1997):

[...] a vida do indivíduo é substituída por uma vida impessoal, embora singular, que produz um puro acontecimento livre dos acidentes da vida interior e exterior, ou seja, da subjetividade e da objetividade do que acontece. '*Homo tantum*' por quem todo mundo se compadece e que atinge uma certa beatitude. É uma *hecceidade*, que não é mais de individuação, mas sim de singularização: uma vida de pura imanência, neutra, além do bem e do mal, já que só o sujeito que a encarnava no meio das coisas a tornava boa ou má. A vida de tal individualidade se apaga em benefício da vida singular imanente a um homem que não tem mais nome, embora não se confunda com nenhum outro. Essência singular, uma vida... (DELEUZE, 1997, p. 28-29, grifo do autor)

Deleuze (1997) trata a questão da subjetividade como parte integrante da psique humana. Assim como no pensamento foucaultiano, Deleuze também vai formar suas bases ideológicas nietzschianas. Para Deleuze (1997) não há sujeito, nem homem, nem Deus. Trata-se apenas daquela singularidade livre, anônima e nômade, que percorre o mundo independentemente das matérias de sua individuação. Eis aí o significado do além do homem nietzschiano, o tipo que se encontra para além de tudo aquilo que se possa ser.

Se a redução bergsoniana instaura, também como veremos, um campo de experiência transcendental, não será no interior de uma subjetividade constituinte. Pelo contrário, [...] assistiremos, no interior do campo transcendental, ao nascimento da própria subjetividade (PRADO JÚNIOR, 1989, p. 89).

A subjetividade deleuzeana caminha para o tudo e o nada individual, o sim e o não imanente e inerente a cada um, o gosto, o prazer, a percepção, enfim a vida no interior desses conceitos que formam a gênese de qualquer forma de subjetividade. A subjetividade não tem início nem fim, nem meio, ela apenas é a forma simples e total da individuação (PRADO JÚNIOR, 1989). Para o autor, repensar subjetividade como elemento de análise e constituição não pode terminar com uma síntese definitiva, ela é o espaço aberto onde são inscritos

todos os elementos constitutivos do sujeito, onde por excelência também são inscritas as ausências e as buscas. Subjetividade é o espaço restrito de começo aberto a todo o universo para os acontecimentos.

Para Rolnik (2011), a subjetividade torna-se uma mistura de sentidos que não possuem raízes e nem coordenadas, as coisas podem ter qualquer sentido ou sentido nenhum: “[...] *uma saturação de sentido que funciona como num processo inflacionário*” (ROLNIK, 2011, p. 95). Nesse pensamento, as subjetividades perdem todos os valores relativos, as máscaras já não fazem mais sentido, seja qual for o estágio que se encontra, a pessoa sente-se estrangeira, nova num labirinto de ir e vir tão intenso que se perderam o ritmo e a frequência: “*é uma verdadeira falência da credibilidade de todas as espécies de subjetividade: um generalizado*” (ROLNIK, 2011, p. 95). Para a pensadora, a subjetividade transpassa o campo de territorialização e desterritorialização e esses campos são fecundos e produtivos para oferecer sentimentos e operações: “[...] *a capacidade operatória de semiotização das intensidades a que estava habituado não comporta tamanha rapidez de desterritorialização [...]*” (ROLNIK, 2011, p. 96). Neste sentido pergunta-se: Poderia estar os sistemas de subjetividades em crise? Ou a crise é parte integrante destes sistemas? Estando todos os sentidos “suspensos”, a incerteza e a insegurança geram um estado de alerta constante: “*Para um estado de coisas permanentemente nebuloso, trepidante e ameaçador, um estado de espírito permanentemente de plantão*” (ROLNIK, 2011, p. 98). As subjetividades tentam administrar as situações nas quais são envolvidas, ou se deslocam para outras subjetividades em forma de máscaras. “[...] *é a própria condição de vida. A abolição de uma é a abolição de outra*” (ROLNIK, 2011, p. 100).

Para Rolnik (2011) as subjetividades são instáveis, um processo de acesso e rompimento por meio de movimentos convulsionados, sem ritmos e de sintonia teórica, as personagens assumem papéis fictícios mais que os reais, o que a psicanálise laciana chamaria de máscaras. Esses movimentos incorporam o desejo e a vontade como forma de expandir os afetos e por meio de misturas compor as subjetividades que se fazem necessárias. Para ela, esses movimentos

da alma atravessam de forma eufórica e amarga as categorias “mulheres” pois: “*Não há mulher alguma no planeta hoje, que não saiba da euforia mas também da dor dessa mutação*” (ROLNIK, 2011, p. 233). Para a autora, a produção do desejo e das subjetividades veio intensificar a deriva desses movimentos.

Nessas constituições de subjetividades existem aquelas que são construídas de forma industrial, maquinada, essencialmente fabricada, modelada, recebida e consumida. Essas máquinas-fábricas variam, às vezes máquinas territorializantes, às vezes em escalas industriais. Assim, como se produzem cosméticos e produtos alimentícios: “[...] *injetam-se representações nas mães, nas crianças, como parte do processo de produção subjetiva*” (ROLNIK, 2010, p. 33). A subjetividade é a matéria-prima da evolução das forças produtivas em suas formas mais atuais. Para Rolnik (2010), os marxistas não compreenderam a questão da subjetividade porque se sobrecarregaram de dogmatismos teóricos, fato que não ocorreu com o capitalismo. Os capitalistas entenderam que as subjetividades talvez sejam mais importantes que qualquer outro tipo de produção. Essa produção de subjetividades ocorre não somente nos meios das ideologias, mas também no coração do indivíduo, em suas maneiras de perceber o mundo, de compreender os acontecimentos, de se articularem com essas máquinas produtivas dentro da ordem social.

Tudo o que é produzido pela subjetivação capitalista – tudo o que nos chega pela linguagem, pela família, e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de ideia ou de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidades ou a identificações com polos maternos ou paternos. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo (ROLNIK, 2010, p. 35).

Assim, as identidades individuais produzem efeitos sobre a produção de subjetividades e vice-versa, ou seja, as subjetividades vão também constituir as formas de produções que os indivíduos trazem em si. Essas produções podem ser benfazejas, mas também atroz. “*Embarcamos neste processo social geral da produção de subjetividade e não há mais volta*” (ROLNIK, 2010, p. 35).

Para Rolnik (2010), as subjetividades não correspondem nem a uma entidade individuada (sujeito), nem a uma entidade social predeterminada (coletividade), é produzida por “*agenciamentos de enunciação*” (ROLNIK, 2010, p. 39). Esses processos são duplamente descentrados, podem ser tanto de natureza extrapessoal sistemas maquínicos não-antropológicos, quanto de natureza infra-humana sistemas de percepção e sensibilidades orgânicas. Preliminarmente a autora procura diferenciar indivíduo de subjetividade, pois ela entende que o indivíduo é serializado registrado, modelado enquanto que a subjetividade não é passível de estar centrada nesse indivíduo. Para ela, a subjetividade é modelada no registro social, a mesma critica a tentativa cartesiana de vincular o sujeito à subjetividade e considera que essa tentativa “envenenou” os pensadores ao longo da história. Usando a linguagem da informática, o sujeito existiria apenas como terminal consumidor de subjetividades predefinidas. Ele consome sistemas construídos e sensíveis (ROLNIK, 2010).

Para Rolnik (2010) a subjetividade está em circulação e é social vivida por indivíduos em suas existências individuais e oscila em dois pontos:

(a) uma relação de alienação e opressão, a qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe;

(b) ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização (ROLNIK, 2010, p. 42).

Para a autora, não existe uma identidade tipo “recipiente” onde são alocadas ações exteriores que serão interiorizadas. Segundo a mesma, o indivíduo está numa encruzilhada de muitos componentes de subjetividades.

A produção de identidades ocorre entorno de determinada situação (ordem social). Para este contexto produções de identidades não significa apenas as descrições estáticas e imagéticas das práticas, mas sim como são construídas estas práticas. Não refletem a realidade, mas a constroem, produzem significados, produzem sentidos. A pergunta deve ser: como estes significados são construídos? (CARRIERI et al., 2013)

As produções, neste contexto, não são meios de categorização ou classificações que mostram um grupo ou um indivíduo. Não funcionam como imagens refletidas verdadeiras e nem distorcidas. Elas são várias construções que se criam e recriam e todas fazem sentido num determinado contexto. Assim produções aqui contrariam qualquer visão hegemônica, única e estática da realidade (CARRIERI et al., 2013)

Se sexo e gênero não são determinantes nem determinados diretamente, gênero pode se estender para muito além dos limites binários. Para Carrieri et al. (2013) mulheres são interpretes e consumidores de masculinidades e vice versa. Para estes autores, homens, mulheres, gays, lésbicas e transexuais são consumidores, produtores e reprodutores destes produtos culturais conhecidos como masculinidades e feminilidades.

Não há nenhuma razão para dividir os corpos em masculinos e femininos. Esta divisão se deu apenas para atender às necessidades econômicas e discursivas da heterossexualidade (CARRIERI et al., 2013).

Carrieri et al. (2013) afirmam que os homens não são criados iguais e aqueles que não se enquadram no modelo convencional hegemônico de masculinidade, construído socialmente, também sofrem discriminação tanto quanto as mulheres. Carrieri et al. (2013) não aceitam o argumento de que sexo cria desigualdades entre homens e mulheres e também internamente dentro do gênero masculino. Estas diferenças não são justificáveis (CARRIERI et al., 2013).

Diferentes contextos geram diferentes percepções. A mulher branca, européia, francesa de classe superior enfrenta experiências completamente diferentes da mulher negra de classe baixa no Brasil. Portanto, as diferenças relacionadas a gênero são intensificadas ou não dependendo do contexto espacial e temporal em que estão inseridas (CARRIERI et al., 2013).

Carrieri et al. (2013) não admitem que gênero, como uma estrutura social, determine as desigualdades entre homens e mulheres no âmbito das organizações e nem admitem estruturas sociais estáveis que dão significados

universais às entidades. “*Por conseguinte, a existência de estruturas sociais estáveis nas quais os significados das entidades tornaram-se universais não podem ser considerados como certos*” (CARRIERI et al., 2013, p. 286, tradução nossa).

Em suas conclusões Carrieri et al. (2013) observam que as organizações não são apenas consumidoras, mas também produtores de masculinidades e de feminilidades. Mulheres produzem e consomem masculinidades e vice versa. Tanto sexo quanto gênero são construções sociais e históricas. Masculino e feminino não são polos opostos, mas complementares. Masculinidade e feminilidade não são entidades estáticas e gênero exhibe múltiplas formas e não apenas o binarismo masculino/feminino (CARRIERI et al., 2013).

3.2 A RELAÇÃO ENTRE SUBJETIVIDADE E GÊNERO

Ao pesquisar sobre gênero depara-se com diversos conceitos e ensaios, alguns marcados e predefinidos outros amplos e vastos quase infinitos. Os pensamentos ainda em construção inacabada de sujeitos ativos e presentes num contexto muito maior e múltiplo, e porque não dizer infinito do ser humano traz novas configurações e abordagens que se faz refletir sobre as incontáveis possibilidades de subjetividades a respeito (BUTLER, 2010).

Butler (2010) não encontra razão para reduzir em um conceito único de “feminino” ou “masculino” algo tão vasto e extenso como as categorias de gêneros. Não tem como definir homens e mulheres, machos ou fêmeas. Qualquer classificação ou definição colocaria em risco de degeneração essas múltiplas posições assumidas pelas individualidades e pelas subjetividades que se formam entorno do ser humano. Quando se quer entender o ser humano a partir de uma classificação única e ou mesmo dicotômica entre masculino e feminino acaba-se por suplantar capacidades de atuações diversas em suas mais variadas formas de ações. O termo “gênero” traz em si uma série de pensamentos que estão em

transformação. E por que não dizer em constante transformação? Fixar o gênero a partir do sexo biológico, tendo-o como uma marca definidora de padrões e comportamentos revelou-se uma ilusão. Compreender gênero partindo das construções sociais entre “masculino” e “feminino” também se tornou uma tentativa ilusória, pois os termos não são amplos o suficiente para dar conta de explicar todas as variações do ser humano fundadas na questão das relações sociais de sexo (BUTLER, 2010).

No pós-estruturalismo tanto o sexo biológico como a construção social de gêneros são rejeitadas como unidades de classificação. O foco não é mais a “mulher” ou o “homem”, o “feminino” ou o “masculino”, mas sim as subjetividades. O centro nervoso dessa discussão ocorre na diferença entre as pessoas e suas múltiplas identidades. As semelhanças ou expectativas de semelhanças baseadas no sexo biológico ou de gêneros são desconstruídas e nessas considerações surge o reconhecimento das várias performances possíveis (BUTLER, 2010).

Butler (2010) traz para a discussão a questão da Analítica *Queer*. Uma contribuição significativa dessa analítica é a questão da performance assumida pelo ser humano e as categorias “mulher”, “homem”, “feminino” ou “masculino” devem ser compreendidas como repetições de ações, gerando performances e não como absolutos e inevitáveis referendados no biológico e ou no social. Essas contribuições também se tornam importantes para a teoria crítica feminista porque questiona a categoria “mulher” como sujeito do feminismo (SCOTT, 1995; MARIANO, 2005). Os debates surgidos desses questionamentos estão gerando novas reflexões a cada dia e para o pós-estruturalismo esses debates não findam, porque as performances são infinitas, assim como infinitas são as subjetividades humanas. A relação que se pode apreender destes três temas (Sexo, Gênero e Subjetividade) é que todos são pluralizados, não dicotômicos e diversificados, a ponto de serem tão múltiplos quanto às unidades de análises. Cada unidade corresponde a um tipo específico e próprio, independente e diferente de qualquer outro.

O que se pode apreender dessa relação de gênero e subjetividade é que os sujeitos são construídos socialmente e sofrem as influências do poder-ciência, do

poder-política, que exercem pressão sobre as constituições desse sujeito e suas ações.

4 METODOLOGIA

4.1 O MÉTODO

A metodologia foi baseada em pesquisa qualitativa com entrevistas individuais (GASKEEL, 2002). A complexidade da pesquisa foi observada de forma única, pois a Instituição que se pretendeu pesquisar mostra-se extremamente reservada, tanto que em Administração não se encontrou nenhuma outra pesquisa com a mesma Instituição e esse pode ser um demonstrativo importante, pois foi observada a consciência da especificidade do trabalho bem como sua delicadeza em realizá-lo. A pesquisa delimitou-se às instituições maçônicas pertencentes à jurisdição da Grande Loja Maçônica do Estado do Espírito Santo.

Para Joseph (2000) a pesquisa empírica qualitativa situa-se no campo do estudo dos acontecimentos a partir do contato direto do pesquisador com a situação a ser investigada, em que se procura verificar, na perspectiva dos participantes, como os acontecimentos se manifestam em todos os aspectos. Como a proposta da pesquisa é analisar as questões sobre gênero desenvolvidas por participantes da Maçonaria, nossas análises foram centradas especificamente nas formações das constituições dos sujeitos e suas subjetividades.

Para Denzin e Lincoln (2005) a pesquisa qualitativa projeta a realidade de mundo para o pesquisador. Com presença nos locais de acontecimentos dos participantes a pesquisa qualitativa busca revelar os sentidos produzidos e as vivências são captadas pelos vários métodos a serem utilizados. Esse processo é de indução e geração de sentidos através das técnicas utilizadas, no caso entrevistas individuais (CRESWELL, 2003).

Foram convidados a participar Maçons da Alta Administração da Grande Loja Maçônica do Estado do Espírito Santo, membros do Sacro Colégio de Mestres Instalados², membros do Tribunal de Justiça Maçônico³, Veneráveis Mestres em exercício e mulheres que integram essa comunidade maçônica, em especial as

² Colégio que agrupa os Ex Veneráveis de Lojas;

³ Organização que agrupa pessoas responsáveis pelos julgamentos internos dos processos maçônicos jurídicos;

esposas de Veneráveis Mestres em exercício. Justifica-se esta seleção das mulheres porque é comum que as mesmas dirijam os Departamentos Femininos das Lojas Maçônicas. É raro o departamento feminino ser dirigido por outra pessoa que não seja a esposa do Venerável Mestre em exercício. Quando a mesma não tem condições de saúde para exercer o cargo, o mesmo é desempenhado por alguma outra integrante do departamento. Também foram convidadas, em forma de adesão, outras pessoas participantes da Maçonaria, sem indicação ou seleção prévia. Assim foi possível o não direcionamento nas entrevistas mantendo a liberdade sobre as participantes e dando maior consistência à pesquisa.

As entrevistas representaram dentro da pesquisa uma ferramenta essencial, pois para Gaskell (2002, p. 65), "*a compreensão dos mundos dos entrevistados e de grupos sociais especificados é condição sine qua non da entrevista*". O roteiro de entrevista contemplou dados sobre os aspectos pessoais, profissionais e familiares para melhor entender as produções daqueles ambientes. As entrevistas contaram na quantidade de vinte e três (GASKELL, 2002). Os encontros onde participam as esposas ocorrem, ordinariamente, uma vez por mês e ainda em eventos esporádicos realizados pelo mesmo Departamento ou pela Ordem como um todo, tais como: palestras educativas, encontros em seminários sobre temas maçônicos e encontros sociais, onde participam os maçons, as esposas e também os filhos e filhas. Também são realizadas outras atividades, tais como: campanhas filantrópicas, assistências às famílias e ou às instituições beneficentes (hospitais, orfanatos, asilos e outros).

Conforme Triviños (1992, p. 96): "*Qualquer que seja o ponto de vista teórico que oriente o trabalho do investigador, a precisão e a clareza são obrigações elementares que deve cumprir na tentativa de estabelecer os exatos limites do estudo*". Com base nesse princípio tentou-se obter o maior rigor metodológico possível, a fim de cumprir no todo o objetivo da pesquisa. Assim a pesquisa foi delimitada às pessoas participantes da Grande Loja Maçônica do Estado do Espírito Santo e suas lojas jurisdicionadas.

4.2 PRODUÇÃO E TRATAMENTO DE DADOS

Nas entrevistas foram anotados e gravados os diálogos, as informações e outras falas improvisadas, comentários espontâneos e ou produções sociais desenvolvidas pelos entrevistados (BAUER et al., 2002).

O tratamento dos dados ficou intimamente ligado à metodologia planejada e expectativa da pesquisa no que tange a sua análise. Houve a preocupação inicial com a preparação dos dados bem como a análise não temática, objetivando diretamente os objetivos proposto que a pesquisa pretende responder.

O *corpus* produzido da pesquisa foi transcrito em relatórios e posteriormente analisados sob a mesma ótica da análise do discurso foucaultiana, bem como os demais elementos constitutivos do discurso percebido (ALVESSON; SKÖLDBERG, 2000).

Verificar-se-á a necessidade de ampliação ou redução o *corpus* foi revisto adequadamente de forma crítica e cíclica para conferir uma variedade saturada de elementos significativos que apresentassem as condições de resposta ao problema suscitado sob a luz dos achados (BAUER et al., 2002).

As entrevistas não seguiram um roteiro único e uniforme acabado em si para todos os entrevistados, mas contemplou um roteiro básico observado para todos os entrevistados, mas com a liberdade de expressão sobre temas que os mesmos se sentiram a vontade em dizer para enriquecer a pesquisa (BAUER et al., 2002).

Foi feito um mapeamento das informações com classificações segundo os objetivos da pesquisa para formar um *corpus* suficiente com base a responder o problema da pesquisa. Foi criado também um diário de campo para anotações que serviram de orientações e recomendações para as análises em momento logo após as entrevistas. Assim foi possível observar informações, discursos e acontecimentos ocorridos nos momentos das entrevistas (ALVESSON; SKÖLDBERG, 2000).

4.3 ANÁLISES DOS DADOS

A análise das informações foi realizada à luz do referencial teórico de forma crítica e os elementos encontrados foram contrastados com o referencial para satisfazerem os objetivos da pesquisa.

A análise crítica dos discursos oferecidos foi detalhada, em especial os discursos enunciativos, pois os enunciados ou atos enunciativos são contemplados por Foucault como:

[...] em nossos dias, a história é o que transforma *documentos* em *monumentos* e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos (FOUCAULT, 2002, p. 8, grifo do autor).

Considerou-se que os dados foram assim entendidos e trabalhados de forma a esclarecer o objetivo a que se propusera.

Foi empregada a análise do discurso nos moldes de Foucault (2002) que aprofundou a pesquisa considerando não somente informações textuais, mas as formações construídas nessas relações dentro do ambiente estudado. “[...] *em contraste com a maioria das análises de discurso, este trabalho está interessado não nos detalhes de textos falados e escritos, mas em olhar historicamente os discursos*” (GILL, 2002, p. 246).

Para Foucault (2003b) o discurso possui uma ordem, é finito, tem finitude, mas essa ordem não é uma estrutura. O discurso não é algo infinito, ele é interditado, tem que se saber como falar, com quem falar. Não é algo excluído, mas é interditado.

Os discursos se deslocam. Não há discursos fundamentais ou criadores de um lado e discursos complementares de outro. Alguns discursos tidos como principais se perdem e os comentários tomam seu lugar principal. Mas embora os pontos de

aplicações possam mudar, a função discursiva permanece a mesma. São os jogos discursivos (FOUCAULT, 2003b).

Para Foucault (2003b) os discursos encerram inesgotáveis tesouros de sentido e merecendo ser indefinidamente relançados, recomeçados e comentados. O discurso novo não está no que é dito ou repetido, mas no acontecimento de sua volta, na enunciação. O autor do discurso é quem dá unidade de coerência com sua vida pessoal e suas experiências vividas, a "*história real que viu nascer*" (FOUCAULT, 2003b, p. 28). O discurso nada mais é que a manifestação da realidade,

[...] a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode enfim tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas tendo manifestado o intercâmbio seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si [...] (FOUCAULT, 2003b, p. 49).

Os princípios da inversão (fontes e expansão), da descontinuidade (rarefação e discursos ilimitados e silenciosos), da especificidade (não transformar o discurso em jogo de significações prévias) e da exterioridade (não tratar as superficialidades como princípios) (FOUCAULT, 2003b), foram premissas observadas na produção das entrevistas e na produção dos dados, assim como as formas de aparecimento dos discursos, suas condições de crescimento e de variações e a observação das funções de exclusões discursivas. Para o pensador "*A parte crítica da análise liga-se aos sistemas de recobrimento do discurso; procura detectar, destacar esses princípios de ordenamento, de exclusão, de rarefação do discurso*" (FOUCAULT, 2003b, p. 69).

Uma das preocupações de Foucault (2003b) seria a possibilidade da formação de discursos infinitos. Para o autor, o discurso atua como arma ou instrumento de luta, do qual as pessoas se munem para garantirem suas linhas de ações e seus territórios controlados. É no discurso que se reconhece a loucura do louco, onde se desenha qualquer coisa, seja de inclusão ou de exclusão, seja no sistema histórico, seja modificável ou não, institucional e até mesmo pessoal e porque não dizer, até constrangedor. Nessas relações de discursos as formas adquirem

novas e múltiplas tonalidades, seus efeitos mudam, suas razões mudam, e acabam por mudar também a verdade ou a vontade da verdade.

Foucault (2003b) aborda as questões dos comentários, como forma de discursos, que são atos dentro do próprio discurso e por assim serem, variam de acordo com aquele que comenta, o mesmo ocorrendo para o discurso em si. O pensador fala também dos discursos científicos, sua magnitude e suas falhas, suas verdades e a inquietude da linguagem com seus “nós” da coerência ou a monstruosidade dos quimeros devaneios, ou seja, o que se entende disso é que os discursos variam e flutuam de acordo com os devaneios e verdades daqueles que os proferem.

Outro ponto abordado por Foucault é a disciplina como princípio regente e controlador dos discursos, para Foucault a disciplina é uma “tesoura” que inibe, limita e corta as verdades através da ação de quem fala.

Têm-se o hábito de ver na fecundidade de um autor, na multiplicidade dos comentários, no desenvolvimento de uma disciplina, recursos infinitos para a criação dos discursos. Talvez, mas não deixam de ser princípios de constrangimento; e é provável que não se possa reconhecer o seu papel positivo e multiplicador se não tomarmos em consideração a sua função restritiva e constrangedora (FOUCAULT, 2003b, p. 10).

Segundo o autor, o discurso não passa de um jogo, de escrita, de leitura e de intercâmbio e sugere a tomada de decisão em três pontos importantes. Segundo Foucault (2003b, p. 13): “1) *interrogar nossa vontade de verdade*; 2) *restituir ao discurso o seu caráter de acontecimento*; e 3) *abandonar a soberania do *significante**” e para isto sugere os métodos da inversão, da descontinuidade, da especificidade e por fim da exterioridade, indica ainda que seja preciso aceitar na produção dos acontecimentos a introdução do acaso, acredita que isto para poder envolver todas as relações e multiplicidade do próprio discurso. Salienta a necessidade de medir os efeitos dos discursos de forma científica, inclusive os discursos médicos, psiquiátricos e também os sociológicos. Busca chamar a atenção para a economia interna dos discursos, ou seja, seus conteúdos, fora dos limites do formalismo linguístico e também para as comparações dos discursos e suas correlações.

Foucault (2003b) acredita que os discursos apresentam as faces da verdade e não propriamente a verdade em si, até mesmo porque o autor prega isto, não existe verdade mais verdadeira, indicando que a verdade é histórica, é produzida por relações de poder.

Para interpretar a produção de mulheres foram feitas análises cuidadosas dentro do contexto da referida organização com ações que “*perscrutam, em detalhe a organização da interação social*” (GILL, 2002, p. 246). Os discursos foram agrupados não por temas, mas por inerência a cada objetivo proposto na pesquisa. Assim as respostas àqueles objetivos foram pinçadas e selecionadas de forma a responder o problema de pesquisa por meio dos objetivos geral e específicos.

Foi empregada a análise refletida que é o momento onde o pesquisador realiza suas interpretações, pode-se recorrer ao conhecimento teórico e empírico adquirido sobre o meio pesquisado, buscando analisar os detalhes da entrevista e as motivações presentes nessas ações. Nessa reflexão tornou-se importante não somente a análise das questões básicas e comum a todos, mas também as subjetividades e as variações típicas do meio social dos entrevistados com as devidas reservas do pesquisador para que sua experiência e vivência não contaminassem o processo investigatório. (JOSEPH, 2000).

5 APRESENTANDO A MAÇONARIA

Com o intuito de facilitar a compreensão dos leitores que não conhecem a Maçonaria ou a conhecem de forma superficial será feita uma explanação mínima para a compreensão da pesquisa.

A Maçonaria é uma instituição corporativa iniciática⁴, com objetivos de influenciar e propor um aperfeiçoamento do caráter humano, das práticas sociais, buscando tornar feliz a humanidade, pela prática do amor ao próximo, da tolerância, da igualdade entre as pessoas, do bem-estar familiar, do respeito à Pátria, à autoridade e à religião. Não faz distinção de credo ou raça e seus ensinamentos ultrapassam todas as fronteiras, buscando sempre o progresso da humanidade (GRANDE LOJA, 2009a).

A Maçonaria é universal, sem fronteiras geográficas ou psicológicas e congrega para a edificação da fraternidade humana buscando a colaboração de todos os homens de todos os credos e raças (FIGUEIREDO, 1987).

A Maçonaria possui diversos ritos⁵autônomos e independentes que são utilizados para difundir seus princípios e pensamentos de forma a contribuir para a formação pessoal, intelectual e espiritual do maçom. A reunião maçônica ocorre em determinados lugares, devidamente preparados e estilizados, denominados Lojas Maçônicas⁶ (FIGUEIREDO, 1987).

⁴Iniciática por admitir seus membros em forma de iniciação, onde a admissão é feita por laços de compromissos e sigilo.

⁵ Por rito entende-se o conjunto de regras segundo as quais se praticam as cerimônias maçônicas e se comunicam graus, sinais, toques e palavras secretas, bem como todas as demais instruções para a vida do ser humano.

⁶Etimologicamente o termo “Loja” deriva do sânscrito *loka*, *mundo*, e efetivamente uma loja maçônica simboliza o mundo, o universo. É o espaço onde os maçons realizam seus trabalhos, seus estudos e suas venerações.

As lojas são dirigidas por um presidente que recebe o título de Venerável Mestre⁷, com atribuições de zelar pela ordem e pelo cumprimento dos regulamentos, estatutos e constituições aprovadas pelos corpos dirigentes da instituição.

Em todas as lojas existe uma estrutura organizacional com cargos e funções definidas em regulamentos com atribuições específicas e delimitadas que promovem a organização e execução das sessões⁸ ritualísticas bem como as demais atividades desenvolvidas pelos membros da loja.

A arquitetura da loja maçônica, também denominada Templo Maçônico, é uma tentativa da réplica do Templo do Rei Salomão (Rei de Israel - bíblico) que na concepção maçônica é a representação do universo e de tudo o que nele há. A Maçonaria tomou o templo de Salomão como protótipo para desenvolver seus rituais e ensinamentos doutrinários sob aplicação filosófica e simbólica. Assim a Maçonaria procura construir o ser humano, aparando-lhe as imperfeições de forma alegórica, influenciando em seus comportamentos e procedimentos nas práticas sociais. *“Nas sociedades iniciáticas, templo é o lugar onde se reúnem os adeptos, [...] onde o ser perfeito deve ser “edificado”, construído”* (FIGUEIREDO, 1987, p. 499, grifo do autor).

Das reuniões ritualísticas participam os maçons regulares⁹, aqueles que estão em dia com suas atividades, graus e compromissos pecuniários. Oportunamente e em geral, uma vez por mês, reúnem-se concomitantemente as esposas ou companheiras dos maçons, membros das lojas, em lugar reservado e separado, cujo grupo recebe o título de Departamento Feminino. Nesta reunião das mulheres são aceitas também filhos, filhas e ocasionalmente parentes próximos. As atividades desenvolvidas pelas mulheres nestes departamentos são, em geral, assistenciais e filantrópicas perante a comunidade.

⁷ Título que define o posto de maior autoridade de uma loja maçônica, cujas atribuições são definidas explicitamente nos regulamentos, constituições e estatutos da ordem.

⁸ Sessão é a realização das reuniões maçônicas, também denominadas trabalhos. As sessões podem ser ordinárias administrativas ou de instruções, extraordinárias para fins específicos de magnas de instalação, de iniciação, de posse, de filiação, de famílias, acadêmicas ou fúnebres segundo o objetivo de cada uma.

⁹ Considera-se regular o maçom que está devidamente inscrito como membro ativo no quadro de uma loja e cumpre com seus deveres perante a loja e perante a Grande Loja.

O caráter secreto da Maçonaria está baseado nos antigos costumes da ordem que dividia seus ensinamentos em públicos (exotéricos) e secretos (esotéricos). Os públicos eram ensinamentos éticos destinados ao público em geral e em forma de contos, mitos, fábulas, parábolas e alegorias, enquanto que os secretos eram destinados aos membros internos, preparados e que já tinham recebido e assimilado os ensinamentos éticos. Esse tipo de aplicação filosófica foi também utilizado por Cristo, segundo a Bíblia, Ele dava ensinamentos à população em forma de parábolas enquanto as revelava em separado somente a seus discípulos, conforme o Evangelho de Marcos capítulo quatro, versículos de nove a onze e versículo trinta e três (FIGUEIREDO, 1987).

A Maçonaria busca ser um sistema de educação moral e filosófica capaz de levar o homem à perfeição humana, um estágio de completude e satisfação pessoal e espiritual que permita o sentimento e a sensação de paz interior e saciedade material e espiritual. Para tanto, realiza em suas cerimônias os rituais místicos que contemplam a utilização de palavras sagradas e palavras de passes, sinais e toques secretos (contato físico nos cumprimentos maçônicos), sendo estes revelados somente aos maçons dos graus pertinentes e mantendo-os em absoluto segredo para os graus inferiores e à população em geral. Estes sinais, toques e palavras são necessários para o reconhecimento entre membros da ordem em seus respectivos graus (FIGUEIREDO, 1987).

Contudo, os estatutos, os regulamentos, os objetivos da Ordem Maçônica não são segredos, eles estão publicados em livros maçônicos especializados onde qualquer pessoa, maçom ou não, pode adquirir e conhecer seus ensinamentos e preceitos, porém não consta em publicação maçônica a revelação dos sinais, toques e palavras esotéricas. Os compromissos de sigilo absoluto foram intensificados na Idade Média, quando a Maçonaria esteve exposta a perseguições pelo clero romano, e que, se reconhecidos, naquela época, eram levados à fogueira e ao martírio: “[...] *assim ocorreu a muitos deles*” (FIGUEIREDO, 1987, p. 468).

A manutenção desses segredos permitiu a diferenciação das demais instituições filantrópicas na atualidade, tais como *Rotary Clube* e ou *Lions Clube* e ainda

permitiu um caráter de fundo filosófico-espiritual. A Maçonaria está organizada em potências maçônicas que são: O Alto Corpo Regular, o Grande Oriente, a Grande Loja e o Supremo Conselho (FIGUEIREDO, 1987).

Devido ao seu caráter secreto, a Maçonaria é classificada, pela ciência oficial¹⁰, como ocultista, pois estuda o que ainda não foi esclarecido pelos estudos humanos, e cujo objetivo é o aperfeiçoamento moral, intelectual e espiritual do homem, de onde decorrem deveres e direitos inalienáveis (FIGUEIREDO, 1987).

No Brasil, a Maçonaria pode ser contada em três períodos marcantes, o Período Colonial, onde o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, fundou uma loja no Tijuco, atual cidade de Diamantina no Estado das Minas Gerais, seguido da criação de lojas na Bahia e no Rio de Janeiro. Em 1817 chega ao Rio de Janeiro o representante do Grande Oriente Lusitano¹¹, portador de Constituição e Regulamento dessa Ordem, com o fim de obrigar todos os maçons brasileiros a se filiarem aquele Grande Oriente. Houve resistência por parte dos brasileiros. Passo seguinte foi a criação das Lojas Constância, Filantropia e Emancipação, também filiadas ao Grande Oriente Lusitano. Com a vinda da corte portuguesa para o Brasil foi fundada a Loja São João de Bragança, em seguida a Loja Comércio e Artes. “[...] em 1822 esta loja contava com 94 membros ativos” (FIGUEIREDO, 1987, p. 81). Logo depois foram criadas as Lojas Tranquilidade e Esperança de Niterói. “A principal tarefa dessas lojas consistiu então em promover a campanha da libertação política do Brasil” (FIGUEIREDO, 1987, p. 81). Em 17 de junho de 1822 convocou-se uma Assembleia Geral, que criou e instalou o Grande Oriente do Brasil¹², sendo o mesmo reconhecido pela França, Inglaterra e Estados Unidos da América (FIGUEIREDO, 1987).

O período monárquico foi marcado por altos e baixos que variam desde o fechamento do Grande Oriente do Brasil pelo seu Grão-Mestre¹³, o então Imperador D. Pedro I em 1827, seguido pelo seu ressurgimento em 1831, após a

¹⁰ Termo maçônico para referir aos estudos do senso comum ou estudos científicos.

¹¹ Potência (organização) maçônica portuguesa

¹² Potência Maçônica brasileira e existente até os dias atuais com um grande número de lojas em todo o Brasil.

¹³ Maior autoridade maçônica da potência

abdicação de D. Pedro I. Em 1832 fundou-se um Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito¹⁴. Em 1834 foi firmado na França o “*Traité d’Unioin d’Aliance et Confedédération Maçonniqne*” entre os Supremos Conselhos dos Estados Unidos da América do Norte, França e Brasil. Nesse ato, o Brasil foi “*representado pelo Grande Lugar-tenente Comendador Machado E. Silva*” (FIGUEIREDO, 1987, p. 82).

Em 1863, o grande irmão Doutor Joaquim Saldanha Marinho fundou o Grande Oriente e Supremo Conselho dos Beneditinos que recebeu o reconhecimento da França e de Portugal em 1865 (FIGUEIREDO, 1987).

No período republicano brasileiro a Maçonaria segue sem muitas alterações até que em 1927 o Supremo Conselho, convocado pelo Grande Comendador Doutor Otávio Kelly rompeu o tratado de 1865. Esse ato provocou a fundação das Grandes Lojas soberanas em vários estados brasileiros com suas lojas jurisdicionadas dentro de seus respectivos territórios. Essas novas potências estaduais se articularam com as demais Grandes Lojas do Mundo e muitas dessas, aqui no Brasil, deixaram de reconhecer o Grande Oriente como potência maçônica regular. Esses acontecimentos minaram as articulações do Grande Oriente do Brasil e o mesmo não foi recebido no Congresso dos Supremos Conselhos em Paris em 1928 e em Bruxelas em 1935. Fato conseqüente levou o Grande Oriente do Brasil a frequentes fragmentações e fundação de novas potências, “*algumas regulares, outras não*” (FIGUEIREDO, 1987, p. 84).

Em sete de novembro de 1970 a Grande Loja do Rio de Janeiro, por intermédio de seu Grão-Mestre o irmão¹⁵ Waldemar Zveiter, funda a Grande Loja do Estado do Espírito Santo, sendo o irmão Aly Edmundo Poletti empossado como primeiro Grão-Mestre desta Potência Maçônica e Plínio Gustavo Louroza empossado como Eminente Grão-Mestre Adjunto. A reunião de fundação ocorreu no edifício Ricamar, 10º Andar, na Rua Alberto de Oliveira Santos, nº 59, centro, Vitória, Estado do Espírito Santo. Disponível em: <<http://www.glmees.org.br/v2/>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

¹⁴ Nome dado a um dos ritos maçônicos praticado em lojas no Brasil.

¹⁵ Membro da Ordem.

Atualmente a Grande Loja Maçônica do Estado do Espírito Santo conta com 101 (cento e uma) lojas jurisdicionadas presentes em todos os municípios do estado, suas atividades são voltadas para a filantropia e para o desenvolvimento do ser humano em trabalhos constantes para a conscientização de uma sociedade melhor a cada dia. Disponível em: <<http://www.glmees.org.br/v2/>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

A Grande Loja Maçônica do Estado do Espírito Santo é uma potência maçônica brasileira reconhecida pela Grande Loja Unida de Londres. Este reconhecimento coloca a Grande Loja Maçônica do Estado do Espírito Santo entre as quatro reconhecidas no Brasil, juntamente com a Grande Loja do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Rio Grande do Sul. O indicativo deste reconhecimento é um estreito e disciplinado rigor no cumprimento de padrões maçônicos de procedimentos à ritualística e compromisso com a Ordem Maçônica Mundial (GRANDE LOJA, 2008).

De acordo com os regulamentos e constituição da Grande Loja Maçônica do Estado do Espírito Santo, o mandato administrativo de Grão Mestrado é de quatro anos, sendo permitida uma reeleição e o atual Grão-Mestre é o Irmão Aídes Bertoldo da Silva e o Eminente Grão-Mestre Adjunto o Irmão Walter Alves Noronha.

6 PROCESSOS CONSTITUÍDOS E CONSTITUINTES DE SUJEITOS

Fundamentado na análise de discurso foucaultiana procurou-se analisar as experiências e vivências das categorias mulheres pertencentes ao mundo maçônico, identificando as produções de mulheres constituídas e constituintes nesse ambiente relacionadas a gêneros.

Buscou-se compreender como as relações de gênero afetam os sujeitos no ambiente maçônico, como são constituídas as categorias mulheres e como se dão os processos de subjetivação dos participantes, homens e mulheres na Maçonaria.

Esta análise inicia-se com uma visão crítica sobre os processos de subjetivação encontrados no ambiente pesquisado, bem como uma visão sobre as relações de gênero e sexo, tanto no aspecto biológico quanto no aspecto cultural e destaca-se os dispositivos de subjetivação por parte dos entrevistados.

6.1 A MULTIPLICIDADE DE ASPECTOS BIOLÓGICOS E CULTURAIS

Busca-se saber sobre as origens e causas dos efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de partidas múltiplos e difusos atingem os sujeitos pertencentes à Maçonaria. Ora encontra-se o biológico representativo de sexos, homem e mulher, ora se depara com o cultural masculino e feminino, ora com os dois e também momentos em que nenhum se fez presente.

Centrar e descentrar tornou-se constante nessa análise, homem e mulher, feminino, masculino, não transpareceram noções estáveis, assim como o termo mulher, todos os dois (sexo e gênero) se mostraram complexos, relacionais, múltiplos e fragmentados.

Os sujeitos produzidos no ambiente pesquisado trazem em seus discursos rupturas e descontinuidades em dissonâncias subvertidas entre sexo e gênero que suplantam qualquer conclusão prévia. Suplantam também uma matriz heterossexual dicotômica que ofereça uma leitura aguda sobre a produção de

mulheres na Maçonaria. Por outro lado depara-se com discursos associados a formas de simplificação cultural sobre os temas pesquisados, o que levou a uma análise mais detalhada e embasada nos níveis discursivos encontrados. Tornou-se importante saber quais são as práticas culturais que produzem esses entendimentos e que exportam os mesmos para a sociedade. Tem-se, portanto uma investigação que propõe decifrar essa complexidade sexual e genérica que desregula eficientemente códigos sexuais fixos e hierarquizados ou do contrário ter-se-ia uma investigação que preservaria de forma não explícita os fundamentos de identidades em favor de categorizações sexuais e genéricas.

Diante desse cenário lembra-se Butler (2010): *“A complexidade do conceito de gênero exige um conjunto interdisciplinar e pós-disciplinar de discursos, com vistas à domesticação acadêmica dos estudos sobre gênero ou dos estudos sobre mulheres”* (BUTLER, 2010, p. 12).

A presente pesquisa propõe encontrar os posicionamentos dos entrevistados na produção de mulheres na Maçonaria, através da análise de discursos dos mesmos. Para Butler (2010) não se pode esperar que existam “mulheres”. A percepção de “mulheres” encontrada nos discursos dos entrevistados é difusa, aberta e fragmentada. Difusa porque está permeada de outros conceitos e se entrelaçam com pensamentos múltiplos, ora voltados para o biológico, ora voltados para o gênero cultural, ora para o profissional, ora para a família, ora apenas para os afazeres domésticos, a exemplo pode-se citar a fala da entrevistada E21:

Ah mulher... eu sempre me lembro da sutileza, da doçura, esse jeito feminino que eu vejo assim que hoje está se perdendo, as mulheres hoje estão dinâmicas, à frente de trabalhos, tem que se multiplicar né... trabalha fora, dentro de casa, e não sobra tempo, e está deixando a feminilidade de lado.

Percebe-se que feminilidade aparece como uma série de requisitos, não mencionados, mas implícitos, que a mulher, por se encontrar num mundo dinâmico e múltiplo acaba perdendo a relação com o gênero e passa a ser simplesmente mais um no processo, como que perdendo o próprio significado, nem igual, nem diferente, apenas mais um. Confirmado no discurso consoante de

Butler (2010) mulheres já não são determinadas pelo sexo, ou seja, mulheres já não têm sexo estável (BUTLER, 2010).

Já a entrevistada E22 responde: “[...] *desse tipo: mulher ligada à pessoa e feminino ligado a algumas normas, ligado legislações não, normas mesmo da própria sociedade, normatização*”. Uma tipificação do feminino como gênero normativo, mulher passa a ser uma qualificação do ser humano, uma tipificação normatizada. Para esta entrevistada os processos que a constituem como mulher são uma combinação complexa de estruturas normativas abrangentes que, como tal moldam as categorias mulheres. Aceitar esta combinação de normatividade e contingência não significa, no entanto, resolver a questão de identidades, mas reconhecer a impossibilidade dos sujeitos de criarem suas próprias histórias de vida à medida que os processos permanecem obscuros como tal.

Para essas duas entrevistadas (E21 e E22) observa Butler (2010, p. 20) “*o feminismo encontra na suposição de que o termo “mulheres” denota uma identidade comum*”. Reforça-se aqui a questão de identidade ser uma suposição, ou seja, não há uma definição única, cabal para “mulheres”, que mesmo no plural é constatada como problemática e de múltiplos significados, a exemplo disso tem-se o discurso da entrevistada E06:

Eu não vejo a mulher como um objeto e eu não vejo a mulher, também, como um, que ela tenha que ser uma pessoa assim, só feminista. Não, eu acho que a mulher ela tem que ser lutadora, batalhadora, ela tem que buscar o espaço dela, no tempo e no espaço, entendeu? Na sociedade em geral, e até mesmo dentro da família. E ser guerreira porque a mulher tem peculiaridades que o homem não tem, né? Isso já é específico do próprio sexo, da formação toda da mulher mesmo e tal. Mas eu acho que ser mulher é algo muito especial e que, também, muito difícil.

Para você se considerar, no meu ponto de vista, considerar, assim, mulher, não é questão de ser Amélia, né? É questão de ser lutadora, de galgar um melhor lugar na sociedade, no trabalho dela, ela tem que ser uma profissional muito boa porque ela tem que lutar muito pra ser melhor do que o homem, pra ela ser respeitada, por causa dos preconceitos, da nossa sociedade, até mesmo na questão, assim, de dirigir uma família, de estar à frente de uma família. Ela tem que ser muito mediadora, porque ela ta sempre assim, jogando, é o lado do marido, é o lado dos filhos, é o dela, é o da sociedade, é do contexto em que tá em questão né? Então eu acho que, como as pessoas dizem assim, “ah, é muito sublime ser mãe, ser mulher e tal, essa coisa toda”, é! É muito sublime! Mas também é algo muito difícil e que você tem que ter um caráter muito

sério, uma coisa assim, muito apurada, né? Uma sensibilidade, mas ao mesmo tempo você tem que ser corajosa, né? Eu acho que a mulher não tem que tá só chorando, “ah, porque a mulher é muito sensível, tudo chora”, não gosto disso, acho que isso não é, claro, a mulher se permite ser mais sensível, ser mais delicada, mas nem por isso ela deixa de ser um sargento ou de ser uma guerreira, né (risos)? E06.

Para a entrevistada são considerados outros elementos definidores de mulheres, ou seja, vários elementos, tais como elementos sociais e familiares se mostram presentes na constituição dessas categorias e não apenas as questões biológicas ou de gênero.

Fica presente na expressão que para a entrevistada, ser mulher é também ser um conjunto de elementos culturais que a relacionada externamente com aspectos morais à espera de vivificação imaterial (BUTLER, 2010). Neste discurso verifica-se uma tentativa compulsória de equivalência e, em alguns momentos, de sobreposição da mulher em relação ao homem, do feminino em relação ao masculino, isto se verifica tanto implicitamente como explicitamente na exposição. Assim a categoria “mulheres” torna-se normativa e excludente (BUTLER, 2010).

Quanto à abertura nos discursos apresentados encontram-se percepções expressas nas formações discursivas que revelam uma amplitude de termo que refletem várias possibilidades, como se pode observar para a entrevistada E06: “*A mulher tem peculiaridades que o homem não tem [...] ela tem que ser uma profissional muito boa, [...] tem que ser mediadora [...], joga de um lado com o marido, de outro com os filhos, e tem o lado dela, e o da sociedade*”. Assim tanto “mulheres” quanto “femininas” são construídas paradoxalmente e não assumem resultados fixos e consequentes, ou seja, a multiplicidade gera também uma dispersão nas subjetividades sofridas pelo ambiente e que consequentemente também interferem nesse mesmo ambiente.

Ao mesmo tempo têm-se dois entrevistados E16 (homem) e E13 (mulher) que trazem seus discursos para o campo da biologia somado ao cultural, ou seja, fazem a distinção sexual, mas demonstram acreditar que a cultura também influencia na formação desses sujeitos, trazendo para a reflexão que sexo biológico por si só não define mulher veja o discurso de E16: “*Mulher é aquela pessoa que gera um filho principalmente*” e a entrevistada E13:

Mulher! Mulher... guerreira! Eu acho esse ponto. Porque mulher é muito interessante [...] é porque mulher vê mais à frente, sabe! [...] então a mulher, ela percebe muito, ela observa muito, [...] agora a mulher é mais... eu acho que é mais complicado, porque a mulher ela é muito... como eu vou te explicar... não tem o que explicar... mulher é mulher... não tem jeito. E13.

O que se encontra nesses discursos é uma difusão, um permear de atributos e conceitos que se entrelaçam fortemente marcando a pluralidade das compreensões e posições em contrapartida à “*presunção hegemônica*” tanto criticada por Butler (2010) como identidade universal supostamente a ser encontrada em diferentes culturas.

Percebe-se ainda a entrevistada E01 que feminino assume uma condição de codinome de mulher ou um suplemento que a valida, veja-se:

Feminino. É que a mulher tem que ser feminina né. Senão... O que eu entendo é isso: a mulher tem que ser feminina. Que seja. Eu principalmente, eu tenho essa... essa... a mulher tem que ser feminina mesmo. [...] Tem que ser feminina. Senão... E01

Percebe-se nesse ponto que a entrevistada traz para o seu discurso a impressão pessoal marcada pelo cultural e entrelaça o biológico assumindo um posicionamento de validação pelas experiências próprias, mas com traços pré-discursivos e aparentemente neutros que se instalam na superfície social e também na superfície natural. O que já era observado por Butler (2010) “sexo natural” é pré-discursivo.

Assim se nota nesses discursos que o biológico marca fortemente a compreensão dos entrevistados e que gênero, pode nem ser considerado, como no caso do entrevistado E14: “*Feminino? O que eu poderia dizer? [pausa] Não tenho assim uma definição não.*” Assim como que para o entrevistado E16 mulher é quem gera um filho, percebe-se que a mulher como objetivação do biológico, ou seja, para o entrevistado a mulher tem função definida e estável. Esses dois discursos mostram as concepções fundadas na materialidade do sexo, na distinção sexual e demonstra não preocupado com o cultural, que nesses casos é relegado.

A entrevistada E15 confirma de forma semelhante os mesmos conceitos demonstrando que a discussão de sexo e gênero nem sempre interessa a todos

os entrevistados e que essas diferenciações podem não representar seus objetivos e posicionamentos. Veja-se:

Entrevistada E15: Mas no feminino? Como assim? Feminino?

Entrevistador: O que você entende por feminino.

Entrevistada E15: Ah... [gesto de ombros de não se importar].

Entrevistador: Você não se preocupa com isso não? Você acha que isso é um ponto que não precisa de tanta relevância, não deve ser pensado? Ou deve ser pensado... como deve ser pensado, no seu conceito?

Entrevistada E15: Essa parte "feminino" aí... vai ficar sem resposta [risos].

O discurso permite interpretar não um descaso, mas um posicionamento de não necessidade de conceituar algo que está muito presente, porém não significativo para a entrevistada, segundo Butler (2010, p. 29) “*esse ponto de vista relacional ou contextual sugere que o que a pessoa é – e a rigor, o que o gênero é – refere-se sempre às relações construídas em que ela é determinada*”.

Assim o multiposicionamento dos entrevistados passa também pelo não posicionamento, ou seja, a manifestação da não preocupação com o evento pesquisado. Aqui a entrevistada está claramente demonstrando que acha tão natural o que é ser mulher que ela nunca problematizou ser mulher, ou seja, para ela mulher já é algo reificado, dado a priori, tem existência pré-discursiva e por isso não precisa ser problematizada.

Com o entrevistado E18 percebe-se que o conceito gênero pode ser uma complementaridade do outro, mostra que são elementos que se constituem mutuamente, um contém o outro como segue: “*O feminino é aquilo que... é o... que o masculino precisa vamos dizer assim, eu acho que o masculino, ele não é completo sem o feminino*” (E18). Em contrapartida as afirmações totalizantes do discurso sobre o significante masculino são controversas em gestos totalizantes feministas.

Os discursos apresentados ora se voltam para a individualidade, ora para o conjunto marido e mulher onde a mulher acaba sendo complemento e buscando mais a conciliação do casal, mas em determinados momentos os conceitos

naturalizados são distorcidos e acaba por considerar que existe um gênero biológico, natural, pré-discursivo, algo natural, veja-se o entrevistado E17:

Mulher é uma parte do homem, que faz parte do casal, na verdade integra o casal, [...] E o feminino né... é a mulher ser feminina... a mulher que não é feminina, eu acho que ela distorce os próprios conceitos naturais dela. Entendeu?

Para Butler (2010, p. 29) “o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes”. Assim entende-se que, numa negação interna, segundo Butler (2010), o sexo separado propicia um princípio de discussão crítica ocidental sobre representações hegemônicas que norteia a própria noção de sujeito produzido, logo a visão do conjunto ou de sexo e gênero como complemento se torna presente no discurso proferido.

Essa crítica reforça a necessidade de entender e compreender os discursos de forma múltipla, pois conceitos criticados pelo referencial teórico proposto são facilmente encontrados nos discursos proferidos, o que, conforme Louro (2011) denota uma cautela ainda maior ao interpretar esses posicionamentos que se multiplicam e se pulverizam nas referências dos entrevistados.

Percebe-se a fragmentação presente em quase todos os discursos tornando-se quase que um atributo, como uma característica nuclear, contrariando de pronto a noção de estabilidade, sendo o estável aqui, a própria difusão e multiplicidade. Entende-se que os discursos encontrados estão dentro dos conceitos vislumbrados por Foucault (2003b), ou seja, estão presentes acontecimento discursivo, enunciado histórico, formação discursiva e ruptura, como principais características a serem observadas. Notam-se também efeitos de linguagens que atravessam os sujeitos em suas temporalidades, ou seja, os sujeitos são deslocados de si em seus discursos em face dos momentos históricos a que estão inseridos, nisso reflete a ausência de autonomia dos discursos oferecidos, uma vez que os mesmos estão presos a formações épicas e sistêmicas que os envolvem.

Também não há uma pressão ideológica a ser descoberta, nem verdades a serem reveladas, a não ser a verdade histórica e contextualizada de cada entrevistado. Contudo cabe uma discussão sobre as formações discursivas presentes nessas entrevistas e o reflexo das formações sociais de onde as mesmas emergiram não como reflexo puro e irrefletido, mas como reflexo dos sujeitos entrevistados pelo fato dos mesmos estarem ligados estritamente à instituição pesquisada, ou seja, a Maçonaria. Os discursos aqui encontrados são de pessoas participantes de uma determinada organização e a pergunta que se faz é: esta instituição atua sobre os entrevistados em seus discursos? Cabe a reflexão como forma de análise porque em caso afirmativo a produção será uma, em caso negativo outra. Foucault “*rebela-se contra o dogma em se enxergar nas formações discursivas o reflexo das formações sociais das quais emergiram*” (SOUZA; SOUZA-RICARDO, 2008, p. 12).

Cabe então observar estas formações discursivas não como uma estrutura, mas como um mosaico de subjetividades e contextualizações. Nota-se nesta análise que várias produções podem ser encontradas e que, desde já, percebe-se uma sistemática variação de interpretações e vivências, onde os entrevistados, assim como os conceitos, são múltiplos, fragmentados e individuados, abrindo um espaço muito mais amplo do que o esperado para as análises dessas produções sociais, mesmo considerando que todos os entrevistados são membros da mesma instituição, sob as mesmas condições, os posicionamentos são distintos.

Assim analisar as relações sociais de sexo torna-se necessário para um detalhamento das subjetividades apresentadas pelos entrevistados. O modo de agir e de ser dos entrevistados passa pela questão dessas relações e para conhecê-las tem-se que aprofundar a análise.

6.2 RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO NO AMBIENTE PESQUISADO

Para analisarmos esses discursos apresentados tem-se que considerar dois aspectos básicos: o biológico e o cultural. Estes dois pontos constituem o principal conteúdo discutido, as dificuldades e ou despreocupação dos entrevistados em separar estes elementos demonstra, numa visão primeira, que essas diferenças nem são problematizadas de forma relevante, mas torna-se necessário discutir e detalhar tais modos de agir, pois neles constituem-se as subjetividades destes entrevistados. Cumpre-se configurar a parte conceitual que se referenda sobre o *status* de “mulheres” como base de pesquisa e principalmente como base aberta à pluralidade, onde feminino e masculino não apresentam noções fixas (BUTLER, 2010).

6.2.1 Aspectos biológicos

A própria condição biológica também é uma condição cultural. Por quê? Embora pareça uma composição neutra e natural a condição biológica de mulher está alicerçada na matriz heterossexual, que é também uma construção cultural. Para existir “mulher” tem que existir “homem” e isso se manifesta antecipadamente num contexto cultural e político e cujas fronteiras não são fechadas e nem estáveis. No discurso de E06 fica claro essa manifestação do biológico “*ah, é muito sublime ser mãe, ser mulher e tal, essa coisa toda*”. Neste contexto encontra-se entre os entrevistados, expressões que remetem a aspectos marcados pela capacidade de reprodução humana. No discurso de E18 “*primeiro que nós somos gerados de uma mulher*”. Ser mãe é uma condição heteronormativa compulsória, ou seja, a mulher não escolhe ser mãe, isso é dado, é natural. Embora para que isso se concretize é necessário o desejo, esse desejo não permite ou cria condições para se fugir da condição da maternidade e nem cria a possibilidade para aqueles que não são mulheres, logo a condição de maternidade é encontrada no discurso consolidado.

Já para a entrevistada E09: “[...] *mulher é dona de casa, trabalha fora, é mãe*”, para o entrevistado E20: “*Mulher é gênero feminino, mas ser humano como todos nós, e feminino é a essência dotada de capacidade que os homens não têm que é ser mãe*”. Assim a heteronormatividade atua como uma matriz de produção de mulheres, onde para ser uma mulher de “verdade” o sujeito tem que ter a capacidade de reprodução sexual, no qual o biológico se instala como precursor de mulher.

Para a entrevistada E09 homens e mulheres, na atualidade, evidenciam apenas o sexo biológico e os demais elementos constitutivos das subjetividades, desejos, vontade, capacidades, habilidade já são equiparados: “*Eu acho que diferença é só o sexo. [...] Na capacidade já somos iguais. As mulheres buscam isso né... as mulheres querem isso né...*”. O mesmo ocorre para o entrevistado E17: “*Diferenças sim. Diferenças físicas, diferenças biológicas, agora não como diferenças de conceito, entre pensamento, entre religião, entre trabalho, entre as demais diversas outras atividades, não existe essa diferença.*”

Para estes entrevistados o biológico é marco divisor e diferenciador. Logo esse princípio dá sustentação aos processos desencadeados na Maçonaria que definem o posicionamento e lugar de cada ser, segundo o biológico.

Nota-se que considerações que partem do biológico estão centradas na capacidade de ser mãe, nas habilidades domésticas e no complemento sexual, ou melhor, na diferença sexual como complemento conjugal. Assim a mulher assume uma performatividade restrita dentro de um universo reduzido que a envolve e a define o universo biológico.

Contudo, essas fronteiras definidoras não são entendidas como cabais, uma vez que tais conceitos e interpretações, por parte dos entrevistados, não consideram as variações que permeiam tanto feminino quanto masculino. Porém, essa configuração serve como referência, pois os conceitos encontrados estão aparados nos aspectos do biologismo, o que denota a marca indelével do natural que permeia concepções sobre o tema pesquisado: gênero. A ampliação dessa discussão caminha para o sentido de observar o quanto estes conceitos

influenciam a formação das performatividades assumidas pelos entrevistados, dentre outras cita-se a própria divisão sexual nos processos maçônicos, nas vivências estritas das reuniões fechadas em comparação com as demais, esta divisão gera posicionamentos e atitudes performativas nos processos constitutivos das subjetividades tanto por parte das mulheres envolvidas quanto dos maçons, posição que irá refletir numa análise maior sobre a produção de mulheres no meio maçônico. Cumpre-se encontrar, como discutido por Butler (2010) o *status* de “mulheres” nessas relações desenvolvidas por esses atores do feminismo e suas distinções fundadas no sexo e no gênero.

Ainda sobre os aspectos biológicos e considerando as diferenciações entre homens e mulheres apresentadas pelos entrevistados, se pode observar a exemplo do entrevistado E16: “*As diferenças são grandes na realidade. O sexo em si. Os órgãos genitais [...]*”. O discurso volve imediatamente para a anatomia física em que a diferença biológica dos órgãos é a condição decisiva para definir o que é ser mulher. Assim, o biológico aparece como o elemento de primeira ordem, ou seja, em primeiro plano, não descartando, porém considerações culturais também presentes nos mesmos discursos vistos como complementares pelos entrevistados. Para o entrevistado E17:

Diferenças físicas, diferenças biológicas, agora não como diferenças de conceito, entre pensamento, entre religião, entre trabalho, entre as demais diversas outras atividades, não existe essa diferença, o sexo feminino tem a sua fragilidade, tem os seus momentos, mas existe também a diferença biológica natural mesmo.

Estes discursos demonstram que o biológico natural ainda se faz presente fortemente na construção conceitual dos entrevistados, o que se permite interpretar que a marca biológica recebe considerações significativas no meio pesquisado, como referenciado por Eccel, Flach e Oltramari (2007). Veja-se o posicionamento do entrevistado E18:

Existem diferenças entre homens e mulher, mas não de direitos, mas diferenças, na minha concepção, em algumas coisas que eu acho que são inerentes da mulher e outras coisas inerentes só ao homem. Eu particularmente me considero um homem um pouco machista, em algumas coisas, mas eu sei que os direitos da mulher, estão sendo conquistados, mas algumas coisas eu acho que são inerentes apenas às mulheres, e outras apenas aos homens, nesse ponto eu já entro um

pouquinho em contradição porque eu acho que hoje as mulheres querem ter acesso a algumas coisas que eu acho que seriam inerentes só aos homens e os homens querem ter acesso a algumas coisas que seriam apenas da mulher. Na minha... eu vejo muito como na igreja católica antigamente, muito antigo, onde os homens ficavam de um lado e as mulheres de outro. Não sei se você ...

Entrevistador: Já ouvi falar.

Entrevistado E18: Então não é que eu queira separar os homens das mulheres, na minha concepção somos todos iguais, mas por exemplo existem trabalhos que eu acho que não são inerentes às mulheres e as mulheres querem exercer, existem trabalhos que são apenas inerentes às mulheres e os homens querem exercer. Eu acho que essa fusão em algum momento não é a salutar, na minha opinião.

Embora o entrevistado tenha citado aspectos culturais em sua resposta, seu discurso, refletindo seu posicionamento, o que se considera na posição do mesmo é o aspecto biológico, separa as atividades pelo sexo biológico e contrariar isso seria errado (não salutar). Para sustentar sua divisão sexual faz referência à igreja católica por separar homens de um lado e mulheres de outro. Para o entrevistado isso estaria pautado em qual aspecto biológico ou cultural? Parece a primeiro plano cultural, mas o biológico o embasa é a matriz heterossexual dando sustentação ao cultural de maneira prévia e disfarçada (BULTER, 2010). O mesmo para o entrevistado E20:

Entrevistado E20: Diferença apenas no sexo, porque são todos dotados de alma e espírito, e o espírito, ele não tem sexo, então não existe diferença.

Entrevistador: Você consideraria como diferença, apenas a diferença biológica?

Entrevistado E20: Só biológica.

Mesmo que o entrevistado acredite no biológico como fundamento/base para gênero, também se apoia em outras características que não são biológicas, ou seja, mulher para eles é algo mais complexo que envolve outras características culturais que atuam junto ao sexo biológico. Ou seja, o biológico é insuficiente para definir mulher e o discurso fica cortado como na tesoura de Foucault (2003b), ou seja, o discurso é inibido por ele mesmo.

No entanto a entrevistada E21 traz um discurso reflexivo baseado no sexo (homem e mulher, macho e fêmea). Tal afirmação deve ser interpretada como um posicionamento que permeia biológico e cultural simultaneamente. Veja-se:

Eu sempre vejo o casal no mesmo peso, na responsabilidade, na autoridade, não sei se porque a minha criação é religiosa, o homem sempre ele tem uma autoridade, até a gente vislumbra na natureza né... **você vê que o macho, ele tem sempre uma predominância, mas isso é uma coisa natural, não uma coisa forçada, sem aquela brutalidade, querendo impor autoridade, uma coisa mais natural,** tanto é que o filho né... geralmente tem o maior medo do pai, apesar de o pai, às vezes não fazer nada, a mãe se escabela toda, mas ele tem mais medo do pai que da mãe. **Isso já vem da natureza do ser humano.** E21[grifo nosso].

Para este entrevistado a presença da religião na constituição da categoria mulheres reflete uma performatividade, externa ao ambiente pesquisado, mas que leva para este ambiente, modos de agir e de ser, configurados e constituidores.

Também neste discurso pode ser percebido o cultural alicerçado no biológico natural. Ao citar o exemplo da natureza refletido no cultural, ao considerar o “medo” do filho em relação ao pai e à mãe, mais uma vez percebe-se que a sustentação é o biológico e até pode-se citar, parafraseando Butler (2010), a questão do “*falocentrismo*”, o poder do macho, o poder do pai em comparação à mãe, interpretada sem autoridade ou condições de se impor diante do filho. Como discutido em Scott (1995), Louro (2011) e Piscitelli (2002), tal posicionamento permite analisar que além da diferenciação existem traços de patriarcado nos discursos oferecidos com valorização do homem em detrimento à mulher, o que acentua ainda mais a questão do biológico. Encontra-se semelhança também no discurso da entrevistada E12:

Existem as diferenças corporais, o homem é mais forte, a diferença do sexo. Mas hoje em dia já tá quase... questão do mundo né, vamos botar assim, já está bem... quase nivelado mesmo. Os direitos. Têm algumas coisas, mas a mulher cada dia vai superando mais, mas acho que ainda tem muita gente machista, tem algumas diferenças para serem igualadas aí.

Nesse discurso percebe-se que o reconhecimento do biológico como diferenças corporais seguido de um argumento cultural voltado para o profissional, onde os interditos parecem apontar para uma insatisfação que já vem sendo superada, mas ainda se mostra presente a diferenciação entre homem e mulher com uma

superação de uma categoria sobre a outra, em síntese a superação do homem sobre a mulher.

A entrevistada E11 traz a expressão: “*A diferença também já é por ser homem e mulher, já é uma diferença né...*”. Nesse discurso o pressuposto biológico faz toda referência e marca, de início, a percepção do entrevistado fundada no biológico.

Logo se entende a marca biológica como fundadora e sustentadora das relações que se expressam naquele ambiente. Contudo essa marca não existe em função da instituição ou de suas regras de condutas, mas por percepção de seus próprios membros, no caso a entrevistada E11.

Para fechar esse ciclo de análise sobre os aspectos biológicos presentes, contempla-se uma pergunta feita pela entrevistada E06 quando perguntada sobre as diferenças entre homens e mulheres, ela simplesmente traz uma série de interditos começando sua resposta pela seguinte pergunta: “***Além das biológicas, né?*** [grifo nosso]”, ou seja, para essa entrevistada o biológico é indiscutível, ele está presente e desloca qualquer outro sentido, pode-se interpretar que o biológico é supremo, é dado, não está sob análise e a entrevista poderia partir de uma condição já pré-estabelecida e considerar apenas outros aspectos, uma vez que, *a priori*, a “base biológica” não se discute.

6.2.2 Aspectos culturais

Nos discursos também se encontram posicionamentos que refletem os aspectos culturais que fundam os conceitos sobre sexo e gênero. Ao exemplo disso tem-se o entrevistado E04: “[...] *na maneira de se vestir, na maneira de se comportar, na maneira de falar, no convívio que ela tem e ela expor as suas razões pra você ter o contato com a humanidade com a sociedade dentro do seu parâmetro [...]*”. Nesse primeiro discurso a performance de como é ser mulher, com se veste e se comporta se torna um “parâmetro”, ou seja, um campo supostamente fechado que, delimitando o que se pode e o que não se pode, ou o que é permitido e o que não é permitido abre uma discussão ampla, pois inicia uma possibilidade de

crítica sobre esses referidos “parâmetros”, ou seja, o termo vem carregado de interditos que pressupõem conceitos anteriormente vislumbrados pelo entrevistado e que abre espaço para uma percepção múltipla de sentidos. Assim as mulheres procuram demonstrar seus comportamentos de forma a condizer com os padrões sociais aceitáveis na Instituição Maçônica e estes padrões estão baseados numa conduta de princípios educados e de bons costumes perante a sociedade. Estes princípios aceitos socialmente pela Maçonaria tornam-se princípios da mesma e qualquer conduta fora destes parâmetros subjetivos são também rejeitados dentro da Maçonaria. Assim, a Maçonaria acaba por se tornar um reflexo da sociedade, com as devidas ressalvas, transmitindo às mulheres a linha de comportamento que as mesmas devem seguir e se pautar. No entanto, estas linhas não são fixas e nem regimentadas, são exemplos reforçados pela aceitação e por uma normatização implícita que acabam por definir indiretamente como as mulheres devem desenvolver seus comportamentos condutas sociais dentro do ambiente pesquisado. A maneira de se vestir, de falar, de se expor para a humanidade é subjetivada pelos “moldes” maçônicos. Assim as mulheres acabam por assimilar o que melhor lhes convém conforme os usos e costumes da Instituição. Portanto, a Maçonaria é quem dita como deve ser as mulheres em seu meio, no convívio social dentro da Instituição. Para o entrevistado E14:

[...] e hoje, de uma certa época para cá, ela vem participando mais da sociedade né... até hoje a nossa presidenta hoje é feminina, e eu vejo assim a participação muito intensa, até na área de trabalho, igual o nosso comércio aqui, oitenta por cento aqui é feminino, então eu vejo assim uma participação muito grande da mulher no trabalho, e importante na família né.

Para este entrevistado a sociedade é o termômetro que indica a capacidade de articulações de “mulheres”, quando a mesma é aceita na sociedade, esta “categoria” emerge como força de trabalho nos afazeres domésticos e profissionais, contraponto ao passado, onde a mulher não tinha essa liberdade ou essa possibilidade, pois os costumes eram outros. O trabalho surge como definidor do que é mulher e gênero, esta observação aparece tanto nos entrevistados que consideram mulher como algo biológico quanto nos que as consideram como algo cultural, ou seja, o trabalho produz gênero.

A performance assumida na atualidade difere de épocas anteriores e as conquistas sociais, políticas e profissionais também, pois agora a mulher tem espaço e capacidade para exercer atividades que antes não podiam. Essas concepções denotam uma construção de participação social e profissional em condições de igualdade, nas quais as mulheres não devem ser vistas como sujeitos passivos, vulneráveis ou meramente como massa de manobra, mas como seres próprios, constituidores de suas subjetividades de fato e de direito (SOUZA; MELO, 2009).

Contudo, essas relações sociais de sexo e gênero não se encontram em simetria e trazem de volta a reflexão sobre as tensões de poder entre homens e mulheres (MACEDO et al., 2012). As frequentes tentativas de se igualarem profissionalmente, percebida nos discursos refletem essa busca pela igualdade de capacidade e habilidades pessoais e profissionais que anulam qualquer diferenciação baseada no sexo e no gênero, o que é percebido pelo discurso da entrevistada E02: “[...] *Se bem que hoje a mulher tá ali, par a par com o homem, mas nem tudo, nem tudo!*” Nesse discurso observa-se o reconhecimento da igualdade regulada, ou seja, a igualdade em alguns aspectos e a não igualdade em outros, mostrando que internamente a própria consideração de igualdade sofre restrição de outra fonte, contudo percebe-se que o discurso está veiculando considerações sociais do passado, a expressão “*se bem que hoje*” mostra formação discursiva com outros momentos históricos e com elementos externos ao próprio discurso.

Ao ser perguntado sobre a existência de direitos iguais entre homens e mulheres na instituição pesquisada, o entrevistado E19 anuncia: “*Eles buscam muito isso, igualdade fraternidade, buscam muito isso. Mas eu acho que tem uma separação sim, tem uma divisão aí...*”. Como observado por Devreux (2005) a divisão social do trabalho e do poder, com base no sexo e no gênero, foi constatada nas respostas dos entrevistados, não como respostas cabais e definitivas, mas como elementos constituidores dos enunciados e conseqüentemente como elementos presentes que por fim influenciam a produção de mulheres na instituição

pesquisada. Sobre as diferenças entre homens e mulheres o entrevistado E05 responde:

Porque veja bem: a diferença que eu vejo é aquela que a própria história das sociedades fizeram que acontecesse. Tranquilamente isso aí: a submissão da mulher. Eu não compactuo muito com isso, até pouco tempo pra trás, talvez é... menos de um século atrás... pelo cérebro da mulher ser menor que o nosso disseram que ela era dotada de menos inteligência, e elas já estão provando aí que não é isso, bem que acontece né... [risos] há uma igualdade, uma paridade realmente nisso aí né... são muito mais detalhistas, e etc. e tal. Então a diferença que eu vejo é simplesmente uma diferença cultural. Cultural, é isso que eu entendo eu não vejo nada mais que difira o homem da mulher.

Para o entrevistado as diferenças entre homens e mulheres são as construções sociais, com base no sexo biológico ou no gênero cultural que fazem esses seres distintos entre si. Esse “cultural” também contempla conceitos pré-discursivos que vão reforçar aspectos estudados pelos teóricos no tocante à crítica de produções fundadas especificamente no biológico como também no cultural. Butler (2010) propõe a reflexão que desmonta essa fundação e reinterpreta esses acontecimentos em produções performativas e distanciadas da concepção binária.

O conceito cultural de feminino se mostra presente no discurso de um entrevistado ao demonstrar seu conceito de feminino como sensualidade. A feminilidade e a sensualidade são conceitos que se mostram muito próximos um do outro, senão até mesmo acoplados, no sentido de um produzir ou despertar o outro, observa-se o discurso do entrevistado E16: “*e o feminino é a mulher sensual*”. A conexão cultural de gênero e sensualidade é trazida à tona construindo um pensamento todo particular e predefinido, porém inacabado.

Esses discursos trazem para a análise as reflexões da constituição cultural dos entrevistados e mostram que tanto gênero quanto sexo estão alicerçados na matriz binária de sexo, às vezes preconcebida, às vezes erguida de acontecimentos históricos, mas com uma presença intensa de reflexões que permitem ou levam a interpretar esta matriz constituidora.

Que gênero pode ser autônomo o suficiente para interpretar em si mesmo o próprio conceito? Para Butler (2010) gênero já nasce marcado pelo sexo, ele só

recebe o rótulo de masculino ou feminino a partir da identificação biológica, o que torna impossível para gênero ser autossuficiente como conceito autônomo de análise. Os discursos apresentados nesta primeira análise mostram essa concepção timbrada pelo biológico e as respostas oferecidas até então apontam para uma cautela ao analisar as relações de gênero existentes no ambiente maçônico. Contudo, para Butler (2010) tanto sexo quanto gênero se mostraram alicerçados sobre as constituições culturais e não sobre as constituições biológicas. O que parece ser uma contradição é a negação da própria constituição biológica fundadora de gênero, ou seja, o sexo também recebe uma marca conceitual cultivada culturalmente.

Ratificando Louro (2011) nessa análise depara-se com a presença de pluralismo e as individualizações marcando substancialmente um universo multifacetado a ser entendido. Percebe-se pelos discursos analisados, gênero e sexo são performativos e heterogêneos, singulares nas mais variadas formas de constituições possíveis, as fronteiras que cercam esses conceitos e essas classificações categorizadas em mulheres são abertas, transpassadas a todo o momento, não se repetem e nem se moldam a nenhum padrão fixo ou unificado. Pluralidade, e descontinuidades é a regra que permeia o ambiente pesquisado.

6.3 A CONSTRUÇÃO DA CATEGORIA “MULHERES” NA MAÇONARIA

Para Scott (1995) gênero é uma categoria criada para análise e pode se tornar uma categoria útil de análise quando estudados em seus comportamentos históricos. As palavras, as coisas ou as ideias possuem história e não servem como regras fixas e sentidos amplos e generalizados. Neste pensamento encontram-se somados os conceitos e as categorias criadas para fins diversos que acabaram se tornando também categorias analisáveis, como é o caso dos gêneros masculino e feminino.

Conforme demonstrado, os gêneros masculinos e femininos não constituem categorias fixas e definitivas, devido ao alto grau de individualidades que as compõem. Também não significa negar a existência dessas categorias, mas sim de dar novos e múltiplos significados a elas. Por um lado não existem categorias fixas, mas também por outro não existem individualidades soltas completamente pulverizadas e anárquicas. Tanto um lado quanto o outro podem se tornar uma armadilha conceitual que pode levar ao erro epistemológico das controvérsias sobre categorias. Se para Mariano (2005) tem-se esse dilema, tem-se assim uma crítica ao essencialismo e ao binarismo e uma sedução pós-moderna pela total fragmentação e dispersão.

A crítica ao essencialismo, levada às últimas consequências resulta na construção de um feminismo sem mulheres, ou seja, considerando o extremo o pluralismo, a categoria se torna tão individual que o sujeito desaparece e perde o significado (MARIANO, 2005). O que requerer em nome das mulheres se “mulheres” não existe? Para Butler (2010) tem que haver o sujeito, senão quem será emancipado? Como falar abertamente contra sexismo se a categoria “mulheres” é uma ilusão? Como discutir sobre o aborto legal, creches adequadas para os filhos, salários equiparados sem estar alicerçado no conceito fundamentado de mulher? Esta pesquisa não quer negar ou suprimir a categoria “mulheres”, mas dar-lhe novos e múltiplos significados. Trata-se de encontrar a melhor maneira de conceituar “mulheres” dando um aspecto difuso e múltiplo sem, no entanto dispersá-lo de forma pueril. A esse respeito Mariano (2005) evoca autoras feministas como Judith Butler e Chantal Mouffe que reconstróem a categoria mulheres de forma não homogênea, mas instável e contingente. Assim as categorias são construídas em contextos políticos específicos mediante articulações e conflitos e estas categorias estão sempre em formação que vão se montando discursivamente em momentos históricos.

Diretamente onze perguntas estão ligadas ao objetivo de conhecer e entender como essas categorias mulheres são constituídas, no momento histórico junto à instituição pesquisada. A primeira dela visa o entendimento de como os entrevistados consideram o ingresso de mulheres na Maçonaria, seguido por

perguntas que vão identificar como se dão as participações das mesmas, suas liberdades de ações, direitos e condições de mobilidade dentro do ambiente pesquisado.

Para as entrevistadas e os entrevistados a Maçonaria é uma instituição singular com muitas funções e espaços, alguns consorciados entre homens e mulheres outros específicos para homens, como é o caso das reuniões ritualísticas, onde somente homens podem frequentar. A instituição não considera a diferença sexual, mas em graus de conhecimentos filosóficos, porém alguns participantes consideram como sexista. A ordem contempla e insiste na presença das esposas ou companheiras dos maçons e as recebe também como membro da ordem maçônica, mas com funções e participações distintas entre ambos. O homem tem um tipo de participação enquanto a esposa ou companheira tem outro, mas ambos pertencem à ordem, o que difere são campos de ações de cada um. Alguns discursos confirmam essas variações:

Entrevistada E01: “*É através do esposo, porque ele entra [...]*”. Logo nesse primeiro discurso percebe-se o discurso que considera que o homem entra e a mulher entra por meio dele, ou seja, se não fosse por ele, ela não entraria. O que se confirma no discurso da entrevistada E03: “*Através dos irmãos*”. Para o entrevistado E04 e a entrevistada E06:

Bom, eu com esse tempo de Maçonaria, a mulher entra... inclusive a mulher é fundamental na iniciação do homem para a Maçonaria, ela que através da iniciação do homem ela já está autorizando o companheiro ou esposo a participar da Ordem, a buscar os princípios maçônicos, e ele entrando para os princípios maçônicos, desde quando ele inicia a companheira já está participando através dos estudos paramaçônicos, do departamento feminino de um modo geral, e outras associações também ligadas à Maçonaria [...]. E04.

...

Elas entram apoiando o marido. Porque é uma ordem apenas de homem. Então, a Maçonaria... ela prima em primeiro lugar a família. Então, quer dizer, o marido... ele não entra se não tiver o aval da mulher. A partir do momento que ela deu o aval pra que ele se torne maçom, ela também entrou na Maçonaria. Agora, de que forma que ela entrou? Ela vai entrar sendo parceira, né? Em primeiro lugar, o que eu acho mais importante é respeitar todos os preceitos e as normas e as regras da instituição. Ela sabe que o marido entrou numa instituição, e que tem lá o seu ritual, algumas coisas em que a gente não pode ter acesso. Quer dizer, isso no passado já foi muito mais, hoje em dia não, que já é muito

mais aberto, né? Quando o [nome do esposo] entrou, por exemplo, minha mãe me chamou e foi aquele negócio assim “Pelo amor de Deus, não deixa, aquilo é do diabo, e quando morre eles tiram o corpo e a mulher não pode nem ver o corpo”, aquelas histórias todas, essa mitologia aí que virou folclore né?

Então, o que acontece? Você tem que confiar, entregar, observar, participar e estar do lado. Quer dizer, eu sempre estive do lado do meu marido na Maçonaria. E06.

Para a entrevistada E09: *“Através dos maridos que elas entram”*. Para a entrevistada E10: *“Olha. Normalmente as mulheres entram acompanhando seus maridos”*. Para a entrevistada E11:

Bem pelo menos na minha parte foi feito uma entrevista que é uma sindicância e nisso foi perguntado também se eu estava de acordo de o meu esposo entrar, aí em concordei, que um pouquinho eu já conhecia e o cunhado¹⁶ que fez a entrevista falou se eu não assinasse ele também não entrava né... [risos]. Se eu não concordasse também não entrava, porque dependia da participação da cunhada¹⁷ com certeza, foi assim que nós entramos, foi feito essa sindicância e daí, assinamos os papéis, e... estamos aí...

Para o entrevistado E12: *“Como cunhadas. Como esposas dos maçons”*. Para o entrevistado E13 (grifo nosso): *“É... eu vejo assim na área da participação, no caso de loja né... a participação delas, elas tem uma importância muito grande no **apoio dos próprios maridos que estão na Maçonaria** [...]”*. Nesse discurso, em específico, reforça-se a questão *“dos maridos que estão na Maçonaria”* ratificando a participação dos maridos enquanto as mulheres dão apoio a esta participação. O mesmo se repete no discurso da entrevistada E15: *“Através dos homens, porque eles viram maçons, e elas acompanham os maridos”*. Para o entrevistado E16: *“a mulher entra para a Maçonaria, primeiro acompanhando seus maridos, apoiando seus maridos e segundo participando dos departamentos femininos das ações sociais, tudo isso aí, eu acho que é a Maçonaria”*. Para a entrevistada E17 e também a entrevistada E22:

Elas entram através das próprias instituições paramaçônicas, né? Que nós temos conhecimentos quais são, as Filhas de Jó, Estrela do Oriente, Meninas do Arco Iris, e entram através também do próprio maçom, acompanhando o maçom, porque o maçom sozinho sem sua esposa, não é base familiar, ou como esposa, ou como mãe, ou como irmã, a mulher está adentrando por uma dessas portas aí existentes. Ela está entrando como mãe, ou como esposa, ou até como uma irmã de um

¹⁶ Expressão que as esposas usam para se referirem aos “irmãos” do esposo maçom.

¹⁷ Expressão que as esposas usam para se referirem às demais esposas dos outros maçons.

maçom, ela consegue ter este acesso, ou nas Instituições paramaçônicas. (E17)

Entrevistada: De várias formas. Primeiro eu quero deixar claro que Maçonaria é uma instituição para homens, não existe mulher maçom, não existe, não é reconhecido, nem pela Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, nem pela Confederação da Maçonaria Interamericana, não há reconhecimento da atuação de mulheres como maçom. A mulher ela tem algumas instituições paramaçônicas, das quais ela pode participar, porque Maçonaria é para homens. (E17)

Entrevistador: Nesse seu conceito de que Maçonaria é para homens e as mulheres estão ligadas às instituições paramaçônicas, é uma diferenciação, e como você entende essa diferenciação, como você compreende isso... a mulher só paramaçônica e o homem maçom?

Entrevistada: Maçonaria é uma instituição secular, então ela vem de muitos anos atrás, há séculos atrás, foi criada exatamente com o propósito do ingresso do homem, de trabalhar o homem, de uma forma talvez, filosófica, e a partir daí existem regras, existem normas, existem legislação, que proíbe realmente a iniciação de uma mulher na Maçonaria, isso aí é estabelecido pela própria legislação da instituição, então a mulher não tem, não lhe foi dado o direito de ingressar, de iniciar e isso nós temos que respeitar porque a sociedade é feita de normas, as normas estão na sociedade, na família, nas instituições profissionais, acadêmicas, então são para serem respeitadas. (E22)

Assim vão se construindo as categorias “mulheres” na instituição pesquisada, fragmentadas com opiniões convergentes e divergentes, que se aproximam e se distanciam, assim como antecipado por Louro (2011) estão produzidas em seus respectivos momentos históricos. Também como previsto por Melo et al. (2007) as produções estão ligadas às práticas sociais, juntando a história, a tradição e a realidade. Continuando e reforçando essas construções reafirma-se que a produção dessas categorias encontra-se nas produções via discursos e consolidação nas práticas sociais. Assim entende-se que as categorias “mulheres” no ambiente de pesquisa estão ligadas as suas práticas sociais, tradição e costumes, o que permite compreender que as categorias sofrem influências legais consuetudinárias. E para se entender bem essas formações, deve-se juntamente, observar os costumes e a tradição da instituição, que mantém o mesmo comportamento e atitude desde os primórdios de seu estabelecimento como organização ontológica.

A existência de grupos específicos para mulheres e jovens na Maçonaria que recebem o nome de Ordens Paramaçônicas permite entender que a instituição visa atingir e envolver toda a família dando suporte e atenção a todos os

seguimentos familiares, porém a instituição considera que o homem é a cabeça da família e não a mulher, por isso a mulher não é vista como o agente dentro da instituição maçônica.

Assim, nas entrevistas percebe-se a existência de grupos destinados às meninas de até 12 anos (as Filhas de Jó) e também o grupo chamado Ordem Internacional do Arco-íris para Meninas, seguido pela instituição internacional chamada Ordem da Estrela do Oriente, que recebem mulheres de maior idade, desde que sejam parentes de maçons regulares¹⁸, podendo até mesmo ser parente de maçom falecido, desde que o falecimento tenha ocorrido em período que o mesmo se encontrava na regularidade. Para os meninos e adolescentes dos 12 até 21 anos de idade existe a Ordem Internacional DeMolay. Junto às lojas existem os Departamentos Femininos das Lojas onde participam as esposas ou companheiras dos irmãos (membros) daquela loja específica. Sendo ainda que as mulheres integrantes dos departamentos femininos podem participar das ordens paramaçônicas, mas não estão obrigadas a isto. Para o entrevistado E04, acrescido pelo discurso da entrevistada E22:

[...] As entidades paramaçônicas, as Filhas de Jó, As meninas do Arco Iris, departamento feminino, Estrela do Oriente, enfim, todos os segmentos maçônicos, dentro dos paramaçônicos, e é através do maçom, acompanhando, que existe, e dá força a essa parte feminina de um modo geral, ou seja, de jovem, adolescentes e as adultas. E04.

[...] Existem sim. Para os meninos existe a ordem DeMolay, é uma ordem internacional para os meninos de 12 à maior idade, que funciona com a finalidade de preparar esses jovens para serem líderes, na realidade, aliás, todas as instituições paramaçônicas que existem elas trabalham com a preparação do cidadão, um dos princípios da Maçonaria é tornar feliz a humanidade, então eu não vejo de que forma isso é possível sem a preparação do cidadão. E22.

Paralelo a isso nós temos uma instituição muito importante que é a Ordem Internacional da Estrela do Oriente, essa instituição que eu participo, eu sou Deputada, ela foi fundada em 1850 nos Estados Unidos, se propagou por diversos países, Alemanha, Austrália, Inglaterra, Japão, Itália, e chegou ao Brasil em 1995, hoje já tem mais de 1 milhão de membros espalhados por todo mundo. [...] tem ritual, tem

¹⁸ Maçons que estão em gozo de seus direitos maçônicos, com suas contribuições pecuniárias e frequentando as lojas maçônicas.

constituição, tem Landmarks¹⁹, tem regras, regulamentos, mas não é a Maçonaria feminina. E22.

Entrevistador: Não é iniciática?

Entrevistada E22: É iniciática. É uma instituição paramaçônica iniciática, sem fins lucrativos, onde seus ensinamentos... os requisitos para iniciar têm que ter um parentesco com um mestre maçom regular, pode ser filha, pode ser neta, pode ser irmã, pode ser até viúva de um mestre maçom regular, desde que ele tenha falecido na regularidade, mãe, esposa, então é uma instituição paramaçônica iniciática, e o próprio mestre maçom ele pode iniciar. Estas mulheres que iniciam têm que ter maior idade, e tem que ter um parentesco com um mestre maçom regular, não pode ser com aprendiz, nem companheiro, ele tem que estar no grau de mestre maçom para ela ser iniciada.

Entrevistador: Dá-me somente um esclarecimento: tem que ser as duas coisas: ela tem que estar na maior idade e ter o parentesco, ela não pode estar somente casada e ter ainda menor idade?

Entrevistada E22: Não. Os requisitos são: ter maior idade, parentesco com um mestre maçom regular, e acreditar num ser supremo. Nós não trabalhamos a religião, religiosidade, é diferente né... então a pessoa pode ter a religião que ela quiser, nós não trabalhamos religião dentro da... então as mulheres essas têm que ser filhas, noras, netas, sobrinhas, irmãs ou viúvas de mestres maçons, desde que ele tenha falecido na regularidade, aí a loja vai dar uma declaração dizendo que ele era regular, durante o período do seu falecimento, então esta instituição beneficia as mulheres para que elas possam ingressar, iniciar, e adquirir conhecimento, ou desenvolver talvez conhecimentos filosóficos. A instituição é uma instituição baseada... os princípios são: educar, edificar o caráter, aprimorar os valores morais das pessoas, e o crescimento do ser humano.

Na pergunta sobre igualdade de direitos entre homens e mulheres os discursos se mostraram também individualizados e divergentes, alguns acham que existe igualdade de direitos, outros a negam e outros procuram fazer um meio termo tentando dizer sim com não. Veja a resposta da entrevistada E02 e também do entrevistado E04, seguida e da entrevistada E06:

Entrevistada E02: Igualdades de direitos... [pausa]... não, assim no meu pensar não, igualdades não. Porque o departamento feminino a gente se reúne, tipo como se fosse não um apoio, mas é à parte. Eu não posso entrar na reunião deles, eu não sei de nada, não posso saber e não posso entrar. Então não é igualdade. Não é igual, não se iguala né... e direitos, você perguntou...

¹⁹Landmarks: Termo originário do inglês onde *Land* significa terra, país, território ou terreno e *Mark* significa marco, limite ou delimitação. Na Maçonaria os Landmarks são as regras, as normas que dão os princípios maçônicos e são inalteráveis, sob pena de irregularidade da loja ou potência que o fizer. Existem 54 Landmarks, mas as potências agregam os mesmos segundo suas filosofias e pressuposições não existindo uma definição geral para todos (FIGUEIREDO, 1987). A Grande Loja do Estado do Espírito Santo admite 25 Landmarks.

Entrevistador: É igualdade de direitos entre homens e mulheres na Maçonaria.

Entrevistada E02: É... não. Ao meu pensar.

Entrevistado 04: Uma que é nossos princípios, a célula base da Maçonaria é a família, e a família, se a gente não tiver o respeito, o carinho, o conhecimento né... nós não podemos ter uma família sólida, se não tiver o respeito e o afeto, o amor, entendeu? Dentro das suas tolerâncias e dentro dos seus conhecimentos e do respeito.

Entrevistador: Eu posso entender que na sua resposta a igualdade de direitos está pautada nesta questão do respeito?

Entrevistado E04: É isso aí. Cada um reconhecer o espaço um do outro.

Eu te digo que sim. Porque, exemplo, a gente frequenta aqui. Nós temos... a gente constitui um departamento feminino. Então no departamento feminino, o certo é ter a presidente, o tesoureiro, secretário, como tem na loja, é igual. Só que nós temos uma linha de trabalho que vai compactuar com a deles, mas que é algo mais voltado pro social, pro filantrópico, entendeu? E06.

Para a entrevistada E11: *“Não. Aí já muda um pouquinho. O dos homens são as reuniões deles que são secretas e das mulheres são abertas a todas. Então são diferentes”*. Para a entrevistada E15 [grifo nosso]:

Entrevistada E15: **Não. Não tem não. Igualdade? Como assim?**

Entrevistador: Ah tem que ser o seu conceito... [risos]

Entrevistada E15: Tem sim. Tem. Entre eles lá conosco, todo mundo... tem aquela harmonia, todo mundo em carinho um com o outro... todo mundo tem. Não tem nada de falar mal deles. Todos os homens, as cunhadas, os cunhados, tudo perfeito.

Esse discurso demonstra uma flutuação para não desagradar, ora acredita que não, e logo diz que sim, esse deslocamento também serve para entender o discurso moderado pela instituição, ou seja, a entrevistada não acreditava e nem percebia a igualdade de direitos, mas prefere não relevar tal fato para não ser ou se sentir em desarmonia com as demais pessoas, com as quais compartilha um ambiente que não deveria ter diferenças de direitos, mas o discurso deixa escapar que tem.

Sobre as realizações de atividades pelos homens pertencentes à Maçonaria que as mulheres não podem participar têm-se diversos posicionamentos a respeito, uns concordando outros justificando e outros criticando. Esta pergunta visa à

compreensão da separação ou divisão sexual encontrada na Maçonaria. Segundo Macedo et al. (2012) essas relações de poder entre homens e mulheres influenciam na formação de categorias, refletidas no ambiente organizacional. A dinâmica dessas relações sociais mostra as posições ocupadas pelos homens e pelas mulheres e permitem responder como se manifestam estas práticas relacionais. A oposição é disfarçada, enquanto existem as formas categorizadas entre homens e mulheres os interesses se juntam na formação familiar, educação dos filhos, no crescimento econômico familiar, as demandas sociais e os interesses comuns passam a ser reconfigurados como o centro das atenções próprias. No caso das mulheres os direitos não são os mesmos que os dos homens. Não se trata, contudo, de "guerra dos sexos" ou da aniquilação de uma das partes, mas a desigualdade entre esses sexos. Logo são forças de resistências.

Porém para Butler (2010), como também para Louro (2011) e ainda para Scott (1995), essas categorias, quando existem, não são fundadas nem no corpo nem no biológico, mas sim em atividades performativas, ou seja, em condições impostas pela sociedade e pelo meio cultural que as envolvem, na presente pesquisa, o meio maçônico. Logo a mulher que se desenvolve e se projeta do meio maçônico vem caracterizada pelos preceitos que lá residem e são inculturadas conforme os usos e costumes daquele ambiente.

E essa performatividade está em harmonia com o pluralismo, porém não um pluralismo absolutamente solto, mas um pluralismo que gira dentro de limites impostos pela própria organização vinculando a liberdade a parâmetros comportamentais.

Veja-se a resposta do entrevistado E17 ao ser perguntado sobre o porquê das mulheres não poderem realizar as reuniões ritualísticas: *“Elas não realizam porque está dentro dos nossos, para quem não conhece os nossos Landmarks que são as nossas leis pedras, na verdade, então isso já vem da própria criação da instituição”*. Portanto as mulheres possuem liberdade de ação limitada, direitos não tão iguais ou semelhantes, condições de participação diferentes, tudo dentro de um limite organizacional, ou seja, é uma intraliberdade, ou a liberdade dentro

dos próprios parâmetros, o que caracteriza performatividade definida por Butler (2010).

Um dos pontos a ser compreendido é a questão de a mulher nunca poder ingressar na Maçonaria sem ser acompanhando o marido ou companheiro, ou seja, se não for por meio de um homem, a mulher não pode entrar para a ordem maçônica e o homem não pode entrar sem a autorização dela. Esse ponto não defendido nem criticado é apenas entendido, porque se tem discursos que visam os dois lados da questão, de um lado homens maçons que defendem que se a mulher entrar descaracterizaria a Maçonaria e tornar-se-ia outra instituição, outra coisa qualquer, mas não mais a Maçonaria como é entendida atualmente. Já seria outra realidade, outra disciplina, outros rituais, outras características que já não mais a atual, o que se confirma no discurso do entrevistado E18:

Entrevistado: Não. Eu acho que as suas perguntas abrangeram bastante em relação à concepção que a Maçonaria tem da mulher. Porque, vou ser até um pouco repetitivo porque a colocação que eu tenho da mulher, na Maçonaria e na vida do homem, eu acho que ela tem... é um ser... na realidade a nossa base, então existe uma coisa que me preocupa. Querer levar a mulher para dentro dos templos, isso é uma coisa que me preocupa porque eu não sei como que a mulher vai assimilar isso, a forma que os maçons usam para se polirem, os instrumentos que nós usamos, eu não sei se eles serão filosoficamente entendidos pelas mulheres, isso é uma coisa que me preocupa, desde o momento que esteja sendo essa base que ela é, ela será eternamente relevante para o homem e para a instituição. Agora quando ela quiser, porque a mulher hoje ela está querendo, às vezes, ocupar alguns lugares que são inerentes ao homem eu acho que esse entendimento que a Maçonaria tem para a mulher e da mulher, ela vai se perder quando a mulher quiser vir para dentro dos templos. E eu, na minha opinião, vai ser um momento que igualar a mulher ao homem no sentido de importância que ela tem pro homem.

Entrevistador: Então eu vou aprofundar na sua fala, já que a fala era sua, mas já que você tocou dessa forma, vamos aprofundar. Se colocasse a mulher dentro da Maçonaria seria a mesma Maçonaria ou não seria a mesma Maçonaria?

Entrevistado: Não seria a mesma Maçonaria. É uma opinião minha e eu sou muito...

Entrevistador: Já seria outro pensamento, outra filosofia, outra adaptação...

Entrevistado: Seria outra coisa, não seria essa Maçonaria. Teríamos que ter outra instituição para fazer isso, não a Maçonaria, porque a base que a Maçonaria tem, os princípios que vem da Maçonaria não seriam os

mesmos, nós não estaríamos dando continuidade à tradição maçônica, e aos nossos objetivos. Eu concordo que a mulher esteja junto.

Logo, a construção dessa relação social, entre maçons e mulheres vai definindo performances particulares, específicas desse ambiente, com características fragmentadas e incorporações de procedimentos baseados em relações que envolvem tradição milenar, valores familiares contingentes, disciplina, hierarquia, organização institucional e subjetividades. Aparentemente tudo isso pode estar presente em todas as relações sociais que se podem pesquisar ou procurar entender, então o que marca a diferença dessa pesquisa e dessa análise são as peculiaridades em que as mesmas se desenrolam, mais especificamente as peculiaridades maçônicas, onde rituais e regras fixas ditam os comportamentos e procedimentos sociais que conduzem e formatam as subjetividades e individualidades de forma categorizada. Assim encontram-se as individualidades estudadas por Louro (2011) e as performances discutidas por Butler (2010).

A Maçonaria demonstra uma tendência em busca de valores familiares, pelos bons costumes sociais (aqueles aceitos pela maioria da sociedade), pelas virtudes e pelo caráter digno do ser humano, segundo os seus próprios conceitos, sendo que esta dignidade está pautada em relações sadias de amizades, companheirismo, honestidade, tolerância às individualidades e respeito à autoridade e às religiões (GRANDE LOJA, 2009a). Esse conjunto de regras ritualizadas parece harmonizar-se ao encontro dos anseios sociais, entendidos como valores morais e sociais que as mulheres, em especial as donas de casa, as mães de família demonstram como bons princípios para a constituição de famílias.

Assim, a Maçonaria soma-se aos anseios dessa categoria mulheres, e essa categoria acaba por reificar a própria organização, que outrora parecia lhe excluir ou separar. Aqui se encontra também o coletivo sobrepondo-se ao individual de forma disfarçada, mas reiterando as premissas aludidas por Rolnik (2010, 2011), Foucault (1979, 1988) e Butler (2010) onde o sujeito passa a ser performativo segundo o coletivo que envolve sua subjetividade.

Um discurso que mostra esse pensamento pode ser da entrevistada E22: “*A instituição é uma instituição baseada... os princípios são: educar, edificar o caráter, aprimorar os valores morais das pessoas, e o crescimento do ser humano*”. Tal pensamento continua a se construir no discurso do entrevistado E05: “*A Maçonaria não existe sem a família. E não existe uma família sem a mulher*”. Logo o que vai construir essas categorias “mulheres”, neste ambiente são esses conceitos e a performance construída nesse ambiente está, também, pautada nos mesmos conceitos e preceitos. Para o entrevistado E18:

Eu acho que o homem não entra para a Maçonaria sozinho. Quando ele inicia na Maçonaria, inicia ele e a sua família, ninguém entra para a Maçonaria sozinho, tanto é que quando o homem é casado a Maçonaria pede o consentimento da mulher para que ele ingresse na Maçonaria. Ninguém entra para a Maçonaria sozinho, ele entra para a família maçônica, e a Maçonaria, nós, eu falo nós por eu ser maçom, nós adotamos a família dele, ele não vem sozinho, e nós não separamos ele da mulher e dos filhos, ele vem com a família.

Esse conceito de família adéqua aos anseios da mulher-mãe, da mulher-esposa, da mulher-família, embora, segundo Devreux (2005), esses valores não contribuem diretamente em favor de “mulheres”, contribuem para uma parcela delas, ou seja, algumas de suas categorias, aquela envolvida com a família, com os filhos e com os bons costumes aceitos pela sociedade, ratificando a individualidade e fragmentação da própria categoria.

Contudo não se pode entender que essa harmonização gera ou principia uma submissão cega sem reflexão, a categoria mulheres nesse ambiente é muito pluralizada e atenta, porque estar em harmonia não significa estar submissa, mas atingir um estado de equilíbrio entre os anseios, os desejos e as finalidades, porque os anseios correspondem aos sentimentos de realização pessoal, familiar, profissional, social e até espiritual que permeiam e transpassam as subjetividades (ROLNIK, 2011).

A mulher presente neste ambiente é ativa, porém sutil. Sua atitude é de espera, mas também de ação. Ela não se deixa converter em um ser inoperante. Contudo sua postura é de tal sutileza que os incautos podem confundir com irrelevante. O discurso da entrevistada E10 mostra isso com clareza, Veja-se:

A mulher é mais maleável, ela é mais é... ela procura entender uma situação de uma forma que às vezes o homem não percebe daquela forma, eu acho que a mulher tem esse dom de... como se fosse assim, um bombeiro, ela está sempre apagando um incêndio aqui e ali, e às vezes ela está mediando entre o filho entre o marido, entre funcionários, entre setores, e até mesmo entre a Maçonaria, porque às vezes, a gente tem algumas situações que a mulher tem que estar intervindo. Não estou dizendo que todas elas são assim, mas acredito que deveria ser assim. Existem homens maravilhosos e existem mulheres maravilhosas também, mas eu percebo que existe diferença sim, entre masculino e feminino. Não digo assim, vamos supor, de dirigir um carro, isso aí não. Tanto a mulher pode dirigir muito bem quanto o homem pode. Não quer dizer que o homem vai dirigir melhor do que a mulher, mas se a gente for ver, pelo pensar do senso comum se entende que o homem estaciona muito mais rápido que a mulher, mas não quer dizer que todos eles são assim. Existem mulheres que dirigem muito melhor que homens. Como numa empresa, existem homens que conduzem bem a empresa, existem mulheres que dão um show em administração, existem diferenças em algum aspecto e outros não. Não quer dizer que a mulher seja inferior ao homem ou que ela tenha menos competência.

Esse discurso de valorização da mulher em relação ao homem mostra o otimismo e a potencialidade da mulher, desfazendo aquela visão simplista e reducionista que apenas coloca a mulher como ser manipulado e submisso incondicional ao homem. A quebra desses paradigmas de submissão aparece como força reativa no discurso da entrevistada E22:

Também... isso é bíblico, isso é vem de muitos e muitos anos, a própria sociedade quem impõe as regras, as normas, normatizando o que a mulher pode fazer, como que ela tem que ser, qual é a figura, o papel do homem, na sociedade, na família, no ambiente de trabalho, então essas normas vem sendo quebradas, lógico, ao longo dos anos a mulher foi ocupando mais espaços, ela foi galgando outros lugares, antigamente, lá atrás, a mulher não trabalhava fora, não participava do orçamento doméstico, e hoje já é completamente diferente, hoje nós vemos mulheres aí que elas mesmas são quem comanda toda a parte familiar, elas às vezes são quem dirigem e gerenciam a parte familiar, a casa, os filhos, e até financeiramente, falando, hoje a mulher já tem... já é uma outra visão da mulher, hoje já é outro papel pra mulher.

Os modos de agir de cada entrevistado são partes importantes nessa pesquisa, uma vez que constituem suas subjetividades. Logo se questiona a percepção dos entrevistados sobre a liberdade de ação das mulheres na Maçonaria a entrevistada E10 responde:

Entrevistada E10: O que eu saiba até hoje, sim, e às vezes, tem algumas que ultrapassam confundem né... essa liberdade com invasão de espaço. Mulher é bicho complicado. Tem hora que você tem dar rédea, mas uma rédea meio curta, porque tem alguma que passam dos limites. Mas existe sim liberdade, mas tudo aqui a gente procura conversar e pegar a autorização do venerável, e se não for o venerável, ele vai pedir

pro Grão-Mestre, se não for o caso dele autorizar, mas até hoje tem funcionado bem.

Entrevistador: Então essa liberdade de ação, ela é comunicada, discutida, aprovada, aos cunhados ou pelos cunhados?

Entrevistada E10: É. Antes de tudo tem que ser negociada. Assim você tem que trazer uma ideia e você tem que apresentar essa ideia porque o venerável, ele não pode resolver tudo, e às vezes você está vendo uma coisa que o venerável, não está vendo, você tem uma ideia que ele não está sabendo daquilo... então você tem que chegar e apresentar essa ideia, então quando eu tenho alguma ideia eu posso conversar com a primeira dama, ou eu converso com meu marido, e meu marido conversa com o venerável, e se ele achou a ideia boa, ele põe isso para a esposa dele e aí depois a gente vê isso. Isso é apresentado em loja.

Entrevistador: Mas isso significa uma submissão ou significa?

Entrevistada E10: Não. Significa uma organização. Respeitar os espaços de um e de outro.

Este discurso mostra que a categoria mulher encontrada na Maçonaria não é uma categoria domesticada, mas ativa, embora esse ativo seja limitado, nos sentidos de mulheres não possuírem total acesso e total condição de ações e reações que se fazem presentes e marcam essas presenças como sujeitos constituídos e constituidores de subjetividades, não é um sujeito passivo, mas atuante. Pode-se trazer para essa análise o sujeito, fruto do coletivo de Rolnik (2011), como também o sujeito transpassado de Foucault (1979; 1987a), o sujeito fragmentado de Louro (2011) e o sujeito performativo de Butler (2010).

Nesses discursos observa-se que tanto o coletivo influencia como é influenciado pelo sujeito individual, resultando na pluralidade e fragmentação da categoria pesquisada.

6.4 AS SUBJETIVIDADES DE “MULHERES” NA MAÇONARIA

Para Louro (2011, p. 45, grifo nosso) as subjetividades “***também se trata[m] de um poder que é exercido sobre os sujeitos, ainda que agora sejam observados de um modo mais coletivo***”.

Da mesma forma Butler (2010) ajuda a refletir como as subjetividades são construídas individualmente e estão acopladas a um momento histórico, envolvem relações de poder, políticas e faz parte dessas relações sociais de sexo, ou seja, gênero é uma categoria de análise a ser discutida por apresentar forças atraentes e também resistentes nesses processos constitutivos de categorias, na pesquisa especificamente as categorias “mulheres”.

Relembrando Nardi (2006), Ramminger e Nardi (2008), Rolnik (2010, 2011), e Foucault (1979, 1988) os agenciamentos coletivos de enunciados não são redutíveis aos agentes individuais. Entende-se em conjunto com estes autores que os campos entre o individual e o coletivo são o espaço de processos, vidas e experiências por meio dos quais estes discursantes operam suas subjetividades.

Essas experiências difusas e particulares dos sujeitos os tornam singulares e as classes sociais, as sexualidades, a religião ou o partido político interagem nos mesmos constituindo suas subjetividades, não como camadas que se somam, mas como processos que se articulam. Processos ora contraditórios em si mesmos ora confluentes e que provocam os posicionamentos diversos. Essas posições múltiplas mostram que os entrevistados, homens e mulheres deslizam e oscilam distraidamente de formas variadas.

Não há uma categoria única central definida ou definidora dessas subjetividades que permitisse identificar todas as demais categorias ou servir de modelo. As identidades são múltiplas, são também parciais, logo não há uma um campo único e preparado como subjetivo para todos os sujeitos, mas diversas subjetividades, no plural, identidades, produções.

Uma base única de subjetividades levaria para um desvio de outras disputas também importantes e significativas nos processos. Entende-se que o sujeito vive e experimenta várias posições em suas produções levando em consideração o momento histórico e a intensidade dessas experiências.

Por esses motivos com finalidade convergente a entrevistada E12 traz sua manifestação sobre suas subjetividades de forma a refletir que homens e

mulheres são igualmente importantes nos processos constitutivos onde afirma literalmente:

É isso que eu já tinha falado antes, porque a partir do momento que você é um casal, são dois, mas na verdade é um, então se você não está apoiando, se você não está incentivando, se você não está junto então não tem um porque vir sozinho e ficar e acaba ficando cansativo, acaba talvez até afastando as mulheres que não participam, porque às vezes tem uma festa, tem um evento mas a esposa não vem e querendo ou não isso também pode ser, se você for olhar por outro lado, pode causar até uma separação, alguma coisa assim de prejudicar o casamento, porque o casal tem que andar junto, então a importância da mulher acho que é isso aí... por trás de um grande homem tem sempre uma grande mulher. E12.

Esses discursos mostram que tanto a instituição quanto os participantes, homens ou mulheres querem que as mulheres estejam presentes e consideram importante essa presença.

Segundo ponto seria discutir como essa mulher ou as categorias mulheres se percebem dentro do ambiente, suas importâncias, suas utilidades, suas partes no conjunto? Para as entrevistadas E07 e E11 tem-se os seguintes discursos:

A minha motivação está desde que eu botei o primeiro pé na Maçonaria, desde pequena, eu sempre fui apaixonada pela Maçonaria [lágrimas], eu vejo que isso tem muito, mas muito mesmo a ver com meu pai. Desculpa. E07.

Eu acho que a gente está sempre em família. A gente se sente muito bem. Não é só que a gente vem aqui se reúne, mas fica aquele negócio assim, ah eu sai daqui vou pra casa, vou pra uma lanchonete, to com fome, a gente acaba pegando o telefone liga pras cunhadas, chama elas, vem pra casa, entendeu? É assim. Vai em casa, eu faço aniversário, elas já estão ali, sempre tão ali. Alguém ta fazendo aniversário na família, já faz parte da família. Entendeu? Já ta na lista pra chamar também, não só porque é de sangue né... é uma família né... então acho que é a amizade que a gente faz e isso é muito importante. E11.

Esse sentimento de amizade despertado pela boa convivência nas relações sociais também contribui para produção de mulheres na Maçonaria. O campo subjetivo encontrado aqui reflete a autorrealização social e como enfatizado por Louro (2011) essa produção varia com o tempo e com os sujeitos, mas em todos os casos são presentes.

Concordando com Lescura et al., (2012) as produções sociais demonstram as relações indivíduo-sociedade. Assim esse sujeito ao se relacionar com o coletivo

cria o imaginário, construindo seu universo partindo do contexto que o envolve. A entrevistada E12 confirma o sentido da realização social, seguida das observações do entrevistado E16 e da entrevistada E22:

Primeiro eu quis vir pelo meu esposo, depois a gente cria amizades, criam-se laços e a convivência, a gente acaba convivendo com as pessoas, gostando... então chega fica um tempo longe, às vezes liga, ta na praia... então passa a vir né... pela amizade que se faz. E12.

Primeiramente o que eu vejo é a mulher participar da Maçonaria, é porque elas já notam nos seus maridos a diferença, e ali ela tem como uma confiança maior, convivências, geralmente quando elas participam com outras mulheres ali ela pode se abrir que ela tem praticamente certeza que está num meio confiável. E16

Eu acho que é o social. O social sempre motivou a mulher. A mulher é muito carismática, e por ela ser carismática, ela se envolve muito com o social com o bem estar familiar, o bem estar do próximo, eu acho que é isso que motiva as mulheres, e que empolga para estarmos realizando estes trabalhos. E22.

Esses três discursos em específico versam sobre a questão da autorrealização, tanto social quanto familiar acredita-se como Souza e Melo (2009) que essas ações são buscas de espaços, visibilidades e capacidade de influenciar processos decisórios.

A subjetividade caracterizada aqui se harmoniza com os estados psicológicos, ideológicos e sociais dos sujeitos envolvidos. Como abordado por Silva e Sachuk (2012) esses processos visam libertar o ser para fazê-lo ativo na constituição de homens e mulheres livres e iguais.

Os discursos também confirmam que os processos de subjetivações se manifestam de formas diferenciadas na vida social, política, cultural e econômica, ou seja, cada pessoa sentirá e projetará sua subjetividade de forma singular.

O terceiro ponto a ser discutido é a questão das ações dentro e fora do ambiente maçônico, ou seja, o ambiente impõe performatividades sobre os sujeitos? Pelo discurso da entrevistada E09: *“Eu acho que age diferente de acordo com o local que está. Não age da mesma forma com todos. Age diferente. [...] Alguns agem de acordo como lhe convém naquele determinado momento”*. Para a entrevistada E10: *“[...] eu já agia dessa forma antes de vir pra Maçonaria. Pra mim não mudou*

em nada. Eu continuo como eu era antes de vir para cá. Entende? Porque essa já era a minha conduta”.

Para a entrevistada E13: *“Bem eu respondo por mim, eu do mesmo jeito que eu estou aqui com você sou lá fora, se você me encontrar em qualquer lugar eu vou parar, vou te cumprimentar, normal”.* A entrevistada E22, observa:

Eu creio que sim. Não vejo por que não agir da mesma forma. A mulher ela é muito autêntica, eu pelo menos, particularmente, tanto estando com você agora, ou estando no meu local de trabalho, como estando lá num evento maçônico, eu ajo da mesma forma. E22.

As categorias formadas neste ambiente pesquisado trazem fluidez em suas constituições e as subjetividades acompanham a diversidade, não há uma unidade de pensamento ou de comportamento que vincule homens e mulheres a comportamentos padrões, ainda que a Maçonaria pregue, estimule e institua rituais como formas de procedimentos e recomendações sobre as questões de comportamentos, as subjetividades fogem totalmente de modelos rígidos e fixos. Todo essencialismo é negado, embora, mais uma vez identifica-se o desejo essencialista maçônico, porém ele não se mostra presente nas entrevistas realizadas. As entrevistas se mostram independentes, diferentes, com diferentes interpretações da realidade, e singularidades próprias que não permitem a padronização ou a massificação de ações homogêneas. O pluralismo torna-se presente, reafirmando a multiplicidade de pensamentos e posicionamentos nas redes relacionais.

As subjetividades encontradas nestes ambientes constituem-se por processos, enquanto Butler (2010) interpreta tais processos como performances, seja por performances, seja por processo ou seja pelos dois, o que conta neste momento é compreender que, pelos discursos apresentados, não há unicidade e fixação, não há padrão e modelo, o que se encontra remete a dinâmicas que variam de acordo com o momento e com o espaço, trazendo para a reflexão a variedade de ações, marcadas fortemente pela individualidade.

O respeito a essas individualidades pela instituição pesquisada torna-se visível, pois a Maçonaria, que embora tenha normas e encaminhamentos para as ações,

não interfere no íntimo das pessoas, assim as subjetividades não são removidas ou remodeladas, mas toleradas. Porém essa tolerância possui limites e espaços, ou seja, não se pode tudo, anarquicamente, mas respeitam-se posicionamentos e individualidades, desde que a liberdade subjetiva não ultrapasse os limites do senso institucional, ou seja, ainda que haja liberdade, há também uma esperança de senso crítico médio que atua sobre estes seres trazendo-os para dentro de parâmetros aceitáveis socialmente, em condições normais de vivências, ou seja, sem sobressaltos e ou pontos críticos que transtorne ou polemize qualquer relação social. Esses processos subjetivos trazem a liberdade de ação, mas traz juntamente as posições conflituosas que fazem os sujeitos oscilarem e deslizarem em seus procedimentos, inclusive mudarem seus posicionamentos nas redes de relacionamentos, às vezes, como abordado por Louro (2011) até por posicionamentos contraditórios.

Analisando cada discurso, procurando sentir cada dizer, interpretando cada ser que responde e faz de suas palavras uma ordem impressa de seus pensamentos e de suas subjetividades, inclusive de suas constituições e relembrando Foucault (2002):

O objeto não espera nos limbos a ordem que vai liberá-lo e permitir-lhe que se encarne em uma visível e loquaz objetividade; ele não pré-existe a si mesmo, retido por algum obstáculo aos primeiros contornos da luz, mas existe sob as condições positivas de um feixe complexo de relações (FOUCAULT, 2002, p. 51).

Analisa-se que as subjetividades não são presas pré-existentes querendo ou buscando serem libertadas, elas se constituem momento a momento e se transmutam também momento a momento. A mesma pergunta feita duas vezes em momentos diferentes vai receber respostas diferentes com detalhes e minúcias diferentes, mostrando a constituição dessas subjetividades e a produção que cada ser passa a considerar. Cada momento torna-se único, individual e imutável.

Nessa visão foucaultiana que cada ser humano se desdobra e se transforma deixando rastros a serem decifrados é nitidamente encontrada nesses discursos, o que se percebia imóvel mostra-se agitado e o que era considerado homogêneo agora é interpretado como difuso e fragmentado.

As formas subjetivas que se encontram nestes discursos levam a reconhecer processos móveis, contingentes e provisórios, tanto das entrevistadas mulheres quanto dos entrevistados homens. Portanto esses modos de subjetivação, além de únicos, são criados ou gerados a partir das experiências, das formas de interpretação do mundo, das formas de ações, das formas de se interpretar a si mesmos e também a própria instituição a que pertencem. Este processo que tem em si o produto, ou seja, o próprio sujeito derivado de seu próprio eu e de sua própria experiência, traz a noção de que a subjetividade é ao mesmo tempo constituição e constituinte desses sujeitos entrevistados. A contar pelas constituições e transmutações passam de mil, para não dizer infinito. E essa multiplicidade enriquece a pesquisa, pois mostra o ambiente, anteriormente percebido como homogêneo e rígido agora flexível e múltiplo.

Quanto às constituições e produções de mulheres relacionadas às questões de que as mulheres não podem e os homens podem no ambiente pesquisado, têm-se vários posicionamentos e estes são constituidores destas subjetividades. Veja-se os discursos que versam sobre esta pergunta. Para a entrevistada E06: *“Na verdade são... as reuniões deles, lá dentro do templo. Porque fora disso, assim, a gente é muito parceiro”*. Para esta entrevistada a reunião maçônica é unicamente para homens, mas esta reunião não elimina a parceira estabelecida entre homens e mulheres no ambiente pesquisado. No complemento dessa pergunta tem-se:

Entrevistador: [...] Essa não participação lá da reunião ritualística, que foi a que você abordou, também não incomoda?

Entrevistada E06: Não, de jeito nenhum, e a gente tem que saber respeitar porque a gente já sabia disso quando entrou aqui. Então a gente também não tem que tá futucando. É uma coisa que eu acho muito séria na mulher do maçom, é ela ter esse respeito aí.

A entrevistada E12 não entende a divisão sexual como ponto importante a ser discutido e demonstra ter uma compreensão pela divisão sexual, não de forma imposta e subordinativa, mas de uma forma organizativa, demonstra ter curiosidade, mas não sobrepõe essa curiosidade sobre a harmonia da convivência e confiança no companheiro, para ela, basta a harmonia do casal e a separação sexual vivida na Maçonaria não é o ponto crucial a ser considerado na relação do casal:

Entrevistada E12: As reuniões fechadas né... porque na verdade a gente não sabe o que se passa lá dentro, muita gente tem curiosidade, eu sou meia à vontade com isso, porque a partir do momento que eu concordei para que ele entrasse, eu sabia que teria isso aí, então, não tem porque ficar perguntando, ficar insistindo, ficar querendo saber, mas aí tem essas atividades que a gente na verdade não sabe, certinho o acontece lá dentro, a gente que eles têm que estudar, melhorar, se aprimorar, e tal mas, não temos certeza o que realmente acontece.

Entrevistador: Esse fato de você não saber o que acontece, isso diminui você, enquanto mulher ou acha que a mulher é diminuída por isso?

Entrevistada E12: Não. No meu caso não. Pode até ser que alguma mulher sinta isso, eu desconheço as que eu converso, as que a gente... mas também a gente não conversa com todo mundo, não tem liberdade de falar de certas coisas com todo mundo. Mas eu acho que não, é o que eu falei: a partir do momento que você concordou com uma coisa, você tem que botar na sua cabeça e ser o que você concordou.

Já para o entrevistado E16, essa não participação de mulheres nas reuniões ritualísticas não está restrita pelo fato delas serem mulheres, mas uma questão de organização interna da Maçonaria, pois se considerar os graus os homens também não podem participar de todas as reuniões, pois aquelas que estão acima de seus referidos graus, são fechadas e impedem também homens que ainda não atingiram os graus daqueles estudos. Isso fica evidente no discurso do entrevistado E16:

Entrevistado E16: Isso seriam as reuniões dos graus que são diferenciados. As ordens paramaçônicas têm o ritual delas também, mas o da Maçonaria ele é muito profundo, milenar, ele traz uma essência ali que está enraizado na sua essência.

Entrevistador: Perfeito. Aprofundando essa pergunta: existem atividades que a mulher não pode realizar, mas existem também algumas atividades que os homens também não podem realizar, devido a estes graus que você falou. O que você poderia complementar a este respeito. Que a Maçonaria não discrimina a mulher, ela não diferencia somente a mulher, mas o homem que não tem o grau correto também não pode participar de todas as atividades. Aquelas não correspondentes aos seus graus?

Entrevistado E16: Sim. Sim. Porque a Maçonaria é uma grande escola. É como se fosse ali começando no jardim de infância, vai para o primeiro ou segundo grau e tem os graus filosóficos que seria a faculdade da Maçonaria, seriam os graus dos 4 ao 33, considero como uma faculdade e o aprendiz como o jardim de infância, está dando os primeiros passos dentro da Maçonaria.

O mesmo discurso se repete na fala do entrevistado E18, ou seja, os maçons praticam uma reunião à parte das mulheres, mas isso não define a mulher como

submissa, incapaz ou impossibilitada de participar das reuniões maçônicas. Essa separação ou divisão acontece meramente por tradição e ritualística que foram pensadas assim primeiramente, para somente receber tal destaque e proporção de discussão, mas não assume o centro das atenções. Para ele (entrevistado) há outros pontos a serem discutidos mais importantes para o relacionamento de homens e mulheres, tais como harmonia, entendimento, confiança e que os simbolismos da instituição estão pautados em atividades que, quando da criação e formação da Maçonaria eram destinadas exclusivamente a homens, devidos, estritamente a caráter de força física e não intelectual, moral ou cognitiva:

Entrevistado E18: Na minha concepção, nós maçons, os segredos que nós temos são coisas que só nós sabemos, eu acho que o maçom ele atinge um grau dentro da Maçonaria, da qual o profano ou as nossas cunhadas não conseguem nos perguntar alguma coisa que a gente não possa responder. Isso fica meio, vamos dizer assim, obscuro para aquele maçom mais inexperiente, que ele fica à vezes, preocupado com o que ele vai revelar, mas nós maçons com uma certa experiência, sabemos que não temos nada de segredo para as mulheres, o que nós praticamos lá dentro só nós sabemos a forma que é... então, praticamente não existe nada que uma mulher não possa saber, a única coisa que nós praticamos e elas não praticam é a nossa ritualística que acontecem dentro do templo, da forma que nós praticamos, isso aí, como eu disse, não cabe à mulher, e na minha concepção ela, aquela ritualística que nós praticamos, às vezes é todos os dias, da mesma forma, aquilo tem uma forma de entrar dentro do homem para que ele seja polido, talvez na mulher não encaixaria.

...

Entrevistado E18: Isso é a forma que a Maçonaria, uma das formas que a Maçonaria tem de polir o homem, vamos dizer assim: é a didática que ela usa. Porque é tudo tempo e hora. Nós não podemos pegar um aprendiz, e passar pra ele algumas coisas que não é o momento, tudo tem o momento dele aprender as coisas, porque na Maçonaria os graus são aprendizados, então o que você aprende no grau um, você aprende no grau dois, você aprende no grau 3. Então na concepção da Maçonaria, tudo é no seu tempo, não é que ele não pode, às vezes, você tem um desembargador que é grau um, às vezes você tem um pedreiro que é grau três, sem discriminar nenhum nem outro, mas o que a Maçonaria tem para passar para um desembargador que é grau um, no tempo certo ele vai saber quando ele for grau três. Então é tudo tempo e hora, a didática da Maçonaria, passa para o homem é dessa forma, por intermédio de graus. Tudo no seu tempo. Porque a Maçonaria entende que se ela misturar, a forma que ela passa, o homem não vai poder assimilar, o polimento do homem tem que ser feito, na concepção dela, aos poucos.

...

Entrevistado E18: Ele é impedido de participar daquele, que ele ainda não está naquele nível.

Pelo discurso apresentado entende-se que a Instituição pesquisada não faz distinção de sexo, mas considerações sobre instruções intelectuais classificadas em graus como forma de julgamentos próprios e objetivos, considerando para isso as instruções maçônicas ministradas. Este tipo de classificação em graus reforça a performatividade apontada por Butler (2010) onde os modos de agir e de ser são modelados, retomando também Rolnik (2010) sobre as forças do coletivo que atuam sobre os sujeitos.

Assim têm-se os dois lados, os homens querendo deslocar seus discursos para se referirem às mulheres tentando demonstrar uma liberdade que, que segundo eles, as mulheres possuem e do outro as mulheres como parte integrante desse mesmo ambiente com suas argumentações que refletem suas subjetividades e restrições.

Ao ser perguntado o que justificaria a não participação de mulheres nas reuniões ritualísticas obteve-se os seguintes discursos: Para a entrevistada E01: *“Aí... aí eu não sei. Eu acredito que o homem... o maçom é o homem. Não a mulher”*. Para o entrevistado E04:

Porque é desde o princípio né. A Maçonaria é milenar e já vêm dos nossos princípios maçônicos, as leis maçônicas, nossos estatutos, os nossos Landmarks, a nossa constituição, já vem desde 1717 que a gente vem buscando isso aí. Não que a gente discrimine a mulher, porque é nossa companheira e está do nosso lado, porém as nossas reuniões, só nós que temos, desde iniciados, a iniciação é nossa, não é delas.

Para o entrevistado E05, as subjetividades que compõem os modos de ser e agir dos participantes da Maçonaria vão além de uma relação simplista de homem e mulher, esses modos compõem o relacionamento familiar e têm a tradição maçônica como orientador primeiro dessas subjetividades, para somente depois considerar aspectos relacionados a sexo e gênero, o que é confirmado pela entrevistada E22:

Entrevistado E05: Uma tradição maçônica. É uma tradição maçônica. E essa tradição ela é por vezes consuetudinária. Por vezes ela é consuetudinária e nós respeitamos isso.

[...]

Entrevistador: Você está dizendo que a tradição, a cultura permite esse tipo de ação, permite esta conduta e que isso não torna a mulher inferior ou discriminada na Maçonaria?

Entrevistado E05: Não. Em hipótese alguma. Em hipótese alguma!

Entrevistador: Trata-se de uma questão de tradição?

Entrevistado E05: De tradição. Tanto é que, por exemplo, é... determinadas reuniões por muitas vezes o departamento feminino, se elas chegam e dizem assim: Oh, nós estávamos precisando falar com vocês lá dentro, e tal, tal, tal... Não tem problema. Aquilo é agendado e no momento oportuno, nós suspendemos a nossa reunião e elas têm entrada para que elas expliquem ou peçam, e façam o que elas acharem por bem fazer. Claro que, como eu disse, dentro da nossa ritualística. Infelizmente, ou felizmente não sei. Entendeu? Quem sou eu pra julgar isso? Mas, há essa restrição mas isso em hipótese alguma seria um divisor entre elas, e o mais interessante meu irmão, elas entendem e compreendem isso perfeitamente sem problemática alguma. E05.

Entrevistada E22: Bem, como eu disse anteriormente a Maçonaria é uma instituição secular que vem lá dos tempos de Cristo, e desde lá já foi normatizado que a mulher não pode participar, então é uma questão de normatização.

Entrevistador: Uma tradição?

Entrevistada E22: É a tradição da própria Maçonaria. Até hoje que eu saiba não é permitido que a mulher participe de reunião ritualística.

Mediante tais discursos pode-se analisar que as subjetividades de mulheres na Maçonaria são constituídas por acontecimentos e rupturas. Acontecimentos estes reticulados e performativos que seguem tanto efeitos constitutivos da instituição pesquisada que interfere nessas subjetividades, quanto também por elementos individuais que compõem os sujeitos. É uma mescla de instituição e sujeito, sem percentuais fixos de participação de um ou de outro, mas variações dinâmicas, ora sofrendo interferências mais substanciais, ora interferindo substancialmente. Estas performances constituidoras e também constituídas transpassam qualquer noção de estabilidade ou definições rígidas. O que conta nesse cenário é a multiplicidade de efeitos sofridos e produzidos que impedem qualquer análise estática. Assim como defendido por Butler (2010) essa configuração é perfeitamente aceitável e compreensível, uma vez que não há, dentro de uma análise lógica e fiel, como determinar linhas de contornos que possam identificar uma subjetividade, ou subjetividades homogêneas, mas consagra-se o pluralismo.

Essas subjetividades são imanentes dos sujeitos, elas estão acima do bem e do mal e só encarnam tal significação com a adesão do sujeito às mesmas, ou seja, numa visão deleuzeana, é com o envolvimento do sujeito é que as coisas passam a ser rotuladas como boas ou como más. Embora as personalidades se percam umas diante das outras, nenhuma é igual à outra, mas sejam todas imanência pura das subjetividades que as formam e as intensificam. É a liberdade que se funde com a pluralidade resultando no múltiplo incontável de variações e subjeções. Assim as subjetividades encontradas nesses discursos caminham para o sim e para o não, para o tudo e para o nada, para o dentro e para o fora do individual e do coletivo. Não possui início nem fim, mas uma constante mutação e remodelação dos sentidos e das percepções. É a forma simples e também total da singularização, é espaço que se abre para todos os acontecimentos do universo como argumentado por Prado Júnior (1989) ao interpretar o próprio Deleuze (1997).

Também como argumentou Rolnik (2010) entende-se que as subjetividades que se constituem nesses momentos e são como processos inflacionários que se avolumam diante de acontecimentos. Os entrevistados podem ser entendidos como seres em labirintos de ir e vir, com ritmos e frequências alternadas que se prontificam em viver cada momento tornando-o único e genealógico.

Estas alternâncias trazem para a reflexão a noção de instabilidade conceitual num estágio de perpétuo plantão de alerta para os acontecimentos, seja eles endógenos (do sujeito) ou exógenos (do ambiente) e sempre em movimento e constituições.

Contudo não se pode descartar as forças de atuações dos coletivos, que embora não são entendidas como atuantes exclusivas sobre as subjetividades o são em partes. Relacionando com o pensamento de Rolnik (2010) esses coletivos agem sobre os sujeitos de forma involuntária, por meio de movimentos sem ritmos e sem sintonias, mas que marcam os sujeitos levando-os a assumirem, muitas vezes, papéis difusos das territorialidades históricas. Assim as subjetividades destacadas nesses discursos montam o momento de seus acontecimentos, sejam eles benfazejos ou atroztes, mas numa produção marcante e sem volta.

Os sistemas maquínicos e não-antropológicos disparados pela instituição pesquisada sobre os sujeitos constituídos/constituidores mostram a natureza implícita na humanidade que norteia os princípios sensíveis da organização pesquisada, ou seja, é o coletivo atuando e performatizando o sujeito que é centrado e descentrado o tempo todo sob as influências da coletividade. Abordar-se a questão da performatividade exógena e do descentrar das subjetividades, o que se transparece claro nos discursos analisados.

A produção dessas subjetividades não está amarrada ou unificada, nem sobrepostas, mas navegam entre altos e baixos e se entrecruzam formando um todo, complexo e indeterminado de constituições. O que Deleuze (1995) chamaria de rizomático transpassando qualquer território específico e indo além das margens fronteiriças, criando de um micro-circuito generalizado a um macro impensável.

Nesses movimentos e posicionamentos percebem-se os deslocamentos das subjetividades, o que Rolnik chamou de “**abolição da vida**” e “**uma abolição dentro da outra**” (ROLNIK, 2011, p. 100, grifo nosso). Aquilo que o sujeito não consegue administrar em suas subjetividades cria-se novos desejos subjetivos, deslocando de ensaios a ensaios, constituindo suas experiências.

Esses deslocamentos trazem euforia e dores, são transmutações, às vezes, amargas, em especial as produções maquinadas, industriais que modelam e restringem territórios subjetivos produzidos sob forças específicas que apertam e consomem os sujeitos, fazendo de suas subjetividades as matérias-primas dos efeitos discursivos e performativos que lhes são impostos.

Os efeitos dogmáticos teóricos praticados e defendidos pela instituição pesquisada trazem em si os reguladores performativos da produção de identidades, não só por meio das ideologias, mas também atuando sobre o coração do sujeito em suas várias formas de perceber o mundo e de sentir os acontecimentos. Esta produção é exercida pelo processo de subjetivação que chegam pelos discursos, pelo conceito de família e pelos equipamentos que se rodeiam.

Enfim o que se pode analisar dentro desses discursos constituídos são produções de subjetividades oriundas de uma equação complexa dos “**agenciamentos de enunciação**” (ROLNIK, 2010, p. 39, grifo nosso).

As categorias “mulheres” produzidas nesse ambiente não permitem mais enxergar o sujeito nem o coletivo, mas uma massa pactuada em seus objetivos e processos, são os registros sociais que imprime a estampa que se encontra previamente discutida ao abordar a questão das performatividades do ser humano.

Reforça-se a questão da alienação e opressão nas relações de expressão e criação onde o sujeito reapropria os componentes de suas subjetividades produzindo os processos de singularização.

Reafirmando Butler (2010) nessas relações de gênero e subjetividade deixam transparecer, na pesquisa, que o poder-ciência e o poder-política exercem influência sobre a produção das categorias “mulheres” aqui interpretadas. Não há como fugir desse debate e dessa relação, os processos de subjetivação são categoricamente marcados por esses movimentos.

Nessa análise entende-se que não há uma produção de categoria “mulheres”, mas muitas produções de muitas categorias “mulheres” que se montam momento a momento, com leitura e releitura de posicionamentos e uma única marca registrada: **a marca da pluralidade**. Contudo reconhece-se que isso não pode ser observado em um ou outro discurso específico, mas no conjunto total da obra, ou seja, somente observando a soma dos discursos é que se pode perceber essa multiplicidade. Se o leitor incauto solicitar um discurso que verse sobre essa pluralidade, não se tem como atendê-lo, mas considerando todo o volume, a pluralidade é explícita. Em todas as análises depara-se com movimentos se constituindo indefinidamente como um caleidoscópio que não tem forma nem cores definidas, mas se constituem a cada movimento e nunca retornam ao estado anterior. Assim interpreta-se essa análise como extremamente difusa constituinte e constituidora de “mulheres” na Maçonaria.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente há uma busca e uma vontade de entender os atos que mantêm significados semânticos associados às subjetividades. Os discursos que se apresentaram nesta pesquisa deixaram de ser meramente um jogo de palavras para ser o caminho entre as constituições dos discursantes. A repetição dos atos acaba por formar movimentos e gestos, podendo chegar a se tornarem normas dentro de uma temporalidade social constituída. Contudo a repetição deve ser bem compreendida, pois nunca ocorre na mesma intensidade e mesma dinâmica sem variações. Nos detalhes, a própria produção de mulheres na Maçonaria acontece devido à individuação e singularidade que cada ser carrega em si e seus relacionamentos com a coletividade.

Gênero assume atos personalizados e performatizados nos discursos encontrados. Uma crítica sobre as expectativas naturalistas de sexo e sexualidade, da fisiologia biológica e da própria construção social trouxe reflexões sobre como os seres estão se moldando e se constituindo no decorrer do tempo na Maçonaria.

A história do ser humano é marcada por inúmeros acontecimentos e descontinuidades, não há repetição de fatos e situações, tudo muda a todo instante, não há fatos determinantes que imponha um procedimento único ou obtenha resultados iguais. A marca do ser humano tem sido a descontinuidade, a ruptura e a fragmentação, o pensamento foucaultiano alerta para esta percepção e no ambiente pesquisado não foi diferente, por mais estruturante que a Maçonaria seja ou tenta ser, ela não consegue congelar comportamentos dando um só e único sentido para todos os seus membros, sejam eles homens ou mulheres, ligados diretamente ou indiretamente à Instituição. As subjetivações de “mulheres” se mostraram extremamente originárias, em especial pelo contexto ao qual estão inseridas.

Pesquisar sobre a produção de mulheres na Maçonaria despertou inúmeras reflexões, que reafirmam a pluralidade. Não se pode concluir esta percepção

olhando um ou outro discurso individualmente, mas o conjunto da obra, o todo conduz à reflexão que os posicionamentos, os conceitos, as percepções, as rupturas e até os tipos de rupturas são por demais rizomáticos e todas as expectativas a respeito dos resultados finais desta pesquisa foram suplantadas. Tudo fugiu ao esperado. As previsões e os ensaios ficaram aquém dos resultados encontrados. O que trazia uma impressão revelou-se diferente, às vezes mais sutil, às vezes mais acentuado. Com base no riquíssimo referencial teórico de Butler, em especial em *Problemas de Gênero*, esperava-se encontrar estes discursos pluralizados, mas os resultados foram por demais acentuados.

Os resultados mostraram que a produção de Mulheres na Maçonaria passa por várias performances, por várias constituições, por várias subjetividades, e seria possível destacar uma individualidade para cada entrevistada(o), e tantas mais seriam encontradas quantas entrevistas fossem feitas. Isto trouxe a reflexão de que no ambiente pesquisado não existe esse ou aquele procedimento, que no ambiente pesquisado existe patriarcado, que existe submissão e ou encontro harmônico de interesses, pode-se dizer que o rizoma que se deflagra em tudo isso é muito maior, ou seja, há influências e traços de patriarcado, de submissão, mas há também interesses convergentes concentrados entorno de objetivos comuns, tais como a agregação familiar, os interesses de um bom convívio social, crescimento e desenvolvimento familiar e econômico, social e por que não acrescentar espiritual, porém cada posicionamento sempre diferente um do outro e performatizado.

As relações sociais de sexo no ambiente pesquisado foram percebidas muito distantes de importâncias significativas, sendo superadas por outras preocupações que permeiam e transpassam as experiências e os modos de ser e de agir dos sujeitos. Contudo pode-se perceber que os processos de subjetivação estão presentes nas lojas maçônicas e nos departamentos femininos, onde atuam mulheres participantes da Maçonaria. Os discursos mostraram que há sim performatividades e resistências nessas relações e também que os processos de subjetivação regimentais prescritos na tradição maçônica são consistentes e canalizam para a separação sexual dentro da instituição e mesmo que isso não

acarrete maiores conflitos para os envolvidos, tanto homens quanto mulheres, eles estão ali presentes, consolidando relações diferenciadas, onde a supremacia masculina ainda impera sob considerações perpetuadas na tradição maçônica. Essas diferenças mesmo que aceitas ou toleradas não podem deixar de serem notadas e questionadas.

As categorias “mulheres”, na Maçonaria, são constituídas de forma equilibrada com poucas resistências devido ao direcionamento que é dado às mesmas, cuja direção é aceita, valorizada e até mesmo buscada pelas “mulheres” uma vez que tal direcionamento visa o equilíbrio familiar, dando grande ênfase ao núcleo familiar sem questionar quais são os meios para que esse equilíbrio seja alcançado. Assim a família assume o centro das relações desprezando, de forma até despreocupada o sexismo, a dominação e o patriarcado que por vezes podem ser vislumbrados na Instituição.

Os processos subjetivos de “mulheres” passam pelas relações de forças, de poder e de resistências constituindo os modos de ser e de agir dessas várias categorias. As subjetividades estão performatizadas pelo conjunto da obra, pela soma das partes, homens, mulheres, família, filhos, interesses econômicos, sociais, espirituais e materiais atuam constantemente sobre esses seres e os fazem criar e recriar o ambiente tornando-o pluralizado, autossuficiente e ao mesmo tempo forte como instituição peculiar constituinte de seres humanos atuantes na sociedade.

Os discursos mostraram isso quando deparam com posicionamentos difusos, em outros discursos já citados, a mulher não tem espaço para as reuniões ritualísticas, mas isso se tornou, para elas e para eles um detalhe pouco importante e não dimensionador das subjetividades desenvolvidas no ambiente.

Logo no mesmo ambiente encontram-se discursos distintos, mas que não se postam como conflitantes, mesmo com pensamentos difusos, no resultado final sobressaem-se as considerações de harmonia e entrosamento e pode-se dizer até de cumplicidade familiar, onde as diferenças sexuais e de gêneros existem,

mas não são suficientes para estabelecer ou propagar desarmonia ou insatisfações pessoais relevantes.

Contudo para entender esse conjunto sem desprezar cada entrevistado no singular precisa-se criar a alternativa de perceber que posicionamentos múltiplos formam o todo por meio das partes, ou seja, cada ser entrevistado tem sua parcela nessa constituição do todo e não se pode desprezar o sentido de que esse todo é simplesmente o reflexo das individualidades.

Ao pesquisar a produção de mulheres na Maçonaria depara-se por fim com as questões de gênero, ora encontram-se posicionamentos voltados para o biológico, ora para o cultural, ora para ambos e ora a significância dessas classificações perderam o sentido e outras subjetividades tornaram-se significativas.

Uma percepção foi com as pessoas entrevistadas que não se mostraram preocupadas com esses aspectos biológicos ou culturais, embora os mesmos estivessem o tempo todo presente nos discursos, eles não assumem o centro da discussão por parte dos entrevistados, e mostram uma disposição para contornarem essas classificações para as vivências dos mesmos. Aspectos familiares, de vivências em harmonia, satisfação pessoal, crescimento e desenvolvimento pessoal e econômico se mostraram mais importantes nos modos de viver e agir destas pessoas. Os discursos e comportamentos mostraram que o equilíbrio familiar, pessoal, emocional, as realizações pessoais e filantrópicas foram mais importante que a discussão sobre sexos e gêneros.

7.1 PERFORMATIVIDADES EM EVIDÊNCIAS

É interessante observar também que por ser uma instituição com fins educativos, porém não formais, a Maçonaria busca por meio de seus ritos, alegorias e simbologias traçar formas de comportamentos e procedimentos tidos como

aceitáveis na sociedade e para isso usa de doutrinamentos e reflexões que vão interferir diretamente no modo de agir de seus participantes, interferindo em suas subjetividades, confirmando as subjetividades descritas e observadas por Louro (2011) quanto aos processos do coletivo sobre o individual. Assim a Maçonaria defende predispositivos formatados com objetivo claro e específico de alterar e transformar o modo de ser de seus participantes.

Foucault (2004) anunciava que as práticas dos sujeitos não são práticas que eles inventam, mas esquemas que o sujeito encontra em sua cultura e que lhes são impostos pela sociedade e pelo seu grupo social. Assim a Maçonaria não foge a esta conjectura, mas, em especial, por sua finalidade de educar e construir um ser humano melhor acaba impondo performances que atuam diretamente sobre as subjetividades dos sujeitos e afetam seus modos de ações, trazendo o que Deleuze (1992, p. 83) chama de “*novos modos de vida*”, logo estas performances impostas de forma disfarçada atuam nesses sujeitos constituindo-os e ao mesmo tempo sendo por eles constituídas, sempre na mão dupla, de ação e reação, de ir e vir, de territorializar e desterritorializar.

São as forças que atuam sobre si mesmo, contempladas em cada entrevistado(a), em cada participante deixando os rastros de ubiquidades que flutuam sobre as conexões e sobre os fluxos de ações, em seus tempos e lugares.

Tanto na reflexão biológica de sexo quanto na concepção cultural de gênero, ambos se mostraram em dimensões materiais e naturais que envolvem o corpo como portador, carregado de culturas performativas. Os atos e modos de ser e agir dos entrevistados mostraram que as práticas sociais constituem gêneros performatizados com possibilidades de constantes transformações. O “nós” e o “eu” estão em constantes articulações interferindo no exterior e também no interior do gênero, constituindo e sendo por ele constituído gerando estilos, conflitos e harmonia. Estilos esses nunca acabados devidos às histórias e existências de cada um. Estilos presentes, marcantes carregados de si e influenciados pelos outros e conseqüentemente influenciador do todo.

A performatividade cultural de gênero mostra que o mesmo se encontra numa representação teatral que lhe impõe consequências punitivas e ou benfazejas. Assim, tanto sexo quanto gênero, no ambiente pesquisado estão em constante limitação e regulamentação permitindo a polarização genérica do ambiente, aceitos pelas partes envolvidas, tanto homens quanto mulheres gozam de um encontro de interesses, ainda que produzidos numa forma outorgada da própria produção imanente.

Tais comportamentos estão em tensões e desafios políticos devido às características da própria naturalização das concepções da instituição pesquisada. Para a maçonaria as relações sociais que envolvem sexo ou divisão sexual são naturalizadas e pouco significativas. Para a teoria feminista isso poderia ser um golpe, um insulto, uma afronta, mas para os entrevistados, a própria afronta é produtor da atmosfera harmonizante entre as partes. O que era para ser a destruição ou desagregação da instituição (divisão sexual) torna-se seu mais forte elo de constituição. Assim, a Maçonaria dedica-se ao homem diretamente e à mulher indiretamente, consolidando seus objetivos institucionais.

Tal conceito faz pensar sobre as propriedades constitutivas das concepções de gênero e sexo existente na ciência atualmente. Seria essa crítica um alerta para novos conceitos e novas reflexões sobre as considerações que são feitas? Seria necessário rever posicionamentos das constituições até então adquiridas? Percebe-se contradições entre conceitos e experiências, e torna-se necessário refletir tais contradições. Se a experiência vivida mostra que existe vida fora desses conceitos de gênero e sexo, há que se pensar que ou a experiência é falsa ou os conceitos ainda são incompletos. A expansão dialética sobre gênero e sexo precisa ser reconstituída, e mais, precisa ser ampliada. Em outras palavras, as relações de sexo e gênero transformam-se constantemente e se renovam revisando-se e consolidando-se no decorrer do tempo. Existem atos políticos de intervenções e resistências individuais e coletivas que desafiam as interpretações e se obrigam a refletir o dentro do fora.

Torna-se necessário criar instrumentos de análises que permitam enxergar com mais amplitude os conceitos de “mulheres” para não cair numa inutilidade ou

fracasso de um estudo que se propõe a analisar concepções sobre gênero que não traz todas as possibilidades encontradas. Precisa trazer para o campo visível as muitas categorias “mulheres”. Se gênero é a significação do corpo sexuado, e se essas significações vêm por constituições culturais, torna-se inconcebível a distinção por meio de sexo e gênero. A produção dessas categorias está assentada sobre bases políticas preconcebidas em função da própria distinção sexual, o que torna desigual o semelhante ou o não-diferente, ou seja, existe uma constituição de mulheres sedimentadas sobre a existência do gênero que rompe com a homogeneidade impondo processos performativos particulares configurados no sexo e no gênero.

Do ponto de vista da instituição pesquisada, este sentido teatral performativo vem exigir uma revisão das concepções adjacentes com foco em concepções mais amplas e irrestritas que funcionem com performances mais abertas e pluralizadas, evitando assim a restrição das categorias, para somente assim poder evitar uma crítica exacerbada ao sexismo.

Considerando estas análises, a produção de mulheres nestes discursos deve-se às performances explícitas numa rede social com fins disciplinadores. Estas performances não podem ser consideradas estritamente advindas dos sujeitos, mas dos sujeitos em interação com o coletivo que o envolve. Embora não se possa traçar linhas divisórias dos sujeitos individuais e do coletivo, estas linhas existem e estão presentes, porém fluidas, marcadamente nas relações sociais de sexo, porque não há como separar as representações subjetivas das experiências teatrais performativas em meio ao coletivo.

Para a ciência essas diferenças estão vívidas e claras, porém para o ambiente pesquisado há que se desenvolver estratégias que proporcionem a desmistificação do imaginário teatral e a experiência, somente assim poderá ser criado os indicadores corretos para trazer à comunidade pesquisada o debate político-científico.

Contudo não há como preconizar, dentro do ambiente pesquisado a intensidade dos movimentos que criam e recriam as subjetividades e produzem essas

categorias “Mulheres” na Maçonaria. O ambiente maçônico produz um invólucro contextualizado com seus princípios, meios e fins adequados a si mesmo, sem preterir explicar ou influir sobre outros aspectos senão o bem estar familiar, a integridade humana, o desenvolvimento moral, social e intelectual de seus adeptos, afastando-se consideravelmente de outras discussões que não a sua própria doutrina e pensamento. A produção de “Mulheres” na Maçonaria, vista a partir dos discursos ora analisados, está intimamente ligada aos próprios anseios da instituição, sem preocupação de fronteiras ou raças, sexo ou gênero.

Porém, esta não preocupação não indica silêncio passivo ou aceitação ignorante, mas reflete uma forma de ação, um modo de agir, intersubjetivo, pensado e planejado que vai ao alcance dos interesses inerentes ao seu próprio público, a sua própria redoma, climatizada, estilizada e performatizada.

Esse procedimento reflete isso uma submissão ou sujeição?

Do ponto de vista das atividades feministas poder-se-ia dizer que sim, do ponto de vista da ciência também, pois refletem comportamentos aparentemente coibidos e ou forjados, mas do ponto de vista dos participantes não, porque os objetivos e sustentáculos destes comportamentos não entram em discussão nessas diferenças sexuais e culturais. Nesse modelo está implícito um modelo de ser mulher: o modelo maçônico – performatizado. Para estes participantes, outros pontos estão sendo considerados, outros pontos estão evidenciados, tais como a harmonia dos lares, a integridade da família, o bem estar social e comportamental de seus participantes. Assim a Maçonaria caminha com suas diferenças sem fazer delas um ponto interno de ruptura ou conflito, mas apenas um modo diferente de ser, um modo individual, singular e plural ao mesmo tempo, que agrega pessoas de todas as raças, crenças, classes sociais, profissões, etnias sem criar barreiras a essas diferenças, mas aceitando todos sem constrangimento e sem demarcação social, cultural ou sexual.

A performatividade encontrada não é considerada, por seus participantes, tanto homens quanto mulheres, nociva e nem uma imposição, é apenas o jeito maçom de ser e tratar as pessoas, homens e mulheres, tanto no biológico quanto no

cultural, é uma instituição com objetivos específicos, claros e distanciados dessa discussão. Opta por uma postura voltada para a formação social, comportamental e espiritual da sociedade. Para a Maçonaria o que importa são os modos de ser e de agir de seus membros participantes de forma harmoniosa na família, nos meios sociais e nas organizações. A discussão de gênero e sexo, cultural ou biológico não foi encontrada no seu contexto de. Acima do sexo e do gênero se mostraram os modos de ser e de agir, individualmente e coletivamente dos membros da organização pesquisada e a mulher, seja ela compreendida pelo biológico, com suas marcas e genealogias, seja pelo cultural com suas performances, elas se mostraram constituídas num estágio acima destas preocupações para além da naturalização sexual ou genérica.

Pelos discursos na Maçonaria o foco é o ser humano, e a diferença sexual, seja biológica ou cultural, é um dos componentes que afetam o ser humano, porém outros fatores são vislumbrados em jogo, não há uma restrição específica de subjetividades ligadas estritamente à questão de sexo e gênero, para seus membros, segundo seus discursos, isto é apenas um componente na constituição de seres humanos, dentre tantos outros, tão ou mais importantes na construção das subjetividades que compõem e moldam o ser humano. Os discursos apontaram o ser humano como alvo a ser pensado e construído, independente do sexo e ou do gênero. Por isso as discussões não estão voltadas para estes itens na construção das mulheres que se constituem.

Por fim conclui-se que as “MULHERES PRODUZIDAS” na Maçonaria se mostram um ser para além do sexismo, da sexualidade e do gênero. Para a Instituição Maçônica a mulher é um ser e não um produto meramente sexuado apartado da sociedade, submisso ou subjugado, elas são “SERES HUMANOS” dotados de capacidade de habilidades e de condições de contribuição para uma sociedade melhor e que as Mulheres que a Maçonaria produz possuem sim as diferenças biológicas e culturais, estas impostas pela sociedade, mas que independente de sexo e gênero, essas Mulheres são sujeitos importantes e atuantes nas construções tanto da Ordem Maçônica quanto da sociedade e os discursos mostram pouca relevância pelo sexo ou pela sexualidade. Permite-se entender

que a Maçonaria julga seus membros, sejam eles homens ou mulheres, pelo caráter, pela hombridade, pela capacidade de fazer um mundo melhor para si e para seus semelhantes. Não foram encontradas razões suficientes para interpretar diferenciação baseada em sexo ou gênero. Tanto a mulher quanto o homem pertencentes à Maçonaria visam o ser humano e cada um contribui na sua condição biológica e social, independente das classificações ou rotulações sobrepostas atribuídas às mesmas. Entende-se que para a obra maçônica, não importa o sexo ou o gênero, importa o SER.

7.2 CONTRIBUIÇÕES

Pensar o lado de fora. Os pesquisadores precisam desenvolver a habilidade de posicionar-se dentro do lado de fora das situações, esta pode ser uma necessidade que a academia precisa desenvolver para que as pesquisas não sejam tão formatadas dentro de moldes científicos rígidos e detalhados a ponto de contribuir para uma falsa pesquisa ou uma pesquisa que não reflita a experiência encontrada. O aprisionamento a conceitos podem acabar, em algumas situações, afastando a realidade pesquisada das conclusões a serem alcançadas e podem produzir uma pesquisa pouco fecunda e ou mascarada. O pós-estruturalismo defende a não amarração a padrões e estruturas, mas ao mesmo tempo exige que se obedeça a conceitos acadêmicos fixos e rígidos que acabam por permitir a distorção da pesquisa. Contradições existem em todos os lugares e não podem ser evitadas, e buscar uma homogeneidade de acontecimentos dentro dos conceitos, concordando ou discordando dos mesmos podem, por vezes, influenciar os resultados obtidos. Nesta pesquisa passou-se por situações bem próximas disso, mas enfrentou-se a situação mesmo correndo o risco da crítica fundada nesses princípios. Pesquisas mais livres e mais soltas podem trazer para a academia resultados mais claros e mais condizentes com as experiências vividas pelos pesquisados.

Este pensar do lado de fora não significa subverter o pensamento acadêmico ou abandonar a rigidez acadêmica, significa apenas ter mais liberdade para lidar com o inesperado ou com o diferente do acadêmico. Não se trata de permitir o erro epistemológico, mas deixar-se encontrar com as próprias controvérsias dos meios pesquisados. É deixar-se encontrar os acontecimentos e as rupturas livremente. É soltar as amarras ao modo deleuzeano, deixar fluir a imanência, é não ter a preocupação de ficar forçando a pesquisa para que a mesma se enquadre dentro dos conceitos ou padrões a serem analisados. A verdade histórica de cada pesquisado pode variar, e muito, da rigidez acadêmica. É bom lembrar que nem tudo é sexo e sexualidade. Existe vida fora deste planeta.

Outra contribuição para a academia seria o reconhecimento da instituição pesquisada, no caso a Maçonaria, uma instituição milenar, estruturante e estruturada, com modos de subjetivação interessantes a serem estudados, que valem ser pesquisados, mas que a academia não tem demonstrado interesse suficiente em sua ontologia. Instituição influente na sociedade, atuante e tão pouco pesquisada. Nas buscas efetivadas nas instituições de pesquisas encontra-se pouco a respeito da instituição pesquisada. Acredita-se que há ainda muito a ser pesquisado, inclusive outros objetivos e problemas, além das construções de mulheres, que podem ser importantes para a academia e para a sociedade. Acredita-se que aprofundar e prolongar os estudos sobre esta instituição será de grande valia para a pesquisa científica e para os estudos organizacionais.

Os estudos científicos sobre Maçonaria na Europa tem sido significativos, liderados pela França com o levantamento de Charles Porset sobre a história da maçonaria. Na Inglaterra a pesquisa encontra-se ainda em estado precário, mas foi criada na Universidade de Sheffield a Cadeira Universitária Maçônica. Os holandeses também criaram a Cadeira Maçônica na Universidade de Leyde. Os americanos contribuem com o trabalho de Steven Bullock sobre a influência maçônica no Século XX e outros trabalhos começam a surgir na Alemanha, Áustria, Itália, Espanha e Bélgica (STEVENSON, 2005).

Esses estudos fora do Brasil mostram que o tema é crescente e a importância maçônica começa a ser reconhecida e trazida para os âmbitos da academia para

análises mais detalhadas sob luzes científicas. Explorar mais e melhor esta instituição pode ser de grande valia para os estudos organizacionais e para a Administração em si.

Como contribuição para a Maçonaria, acredita-se que seria importante para a instituição trazer para a discussão a questão sexista, ou seja, discutir sexo e gênero, interpretando a realidade que o mundo vive hoje, e como estes elementos estão sendo tratados e vividos dentro da Maçonaria. Isso não como uma forma de reversão, ou diminuição dos valores maçônicos, ou reducionismo do discurso maçônico, mas como forma de instrução e embasamento teórico capaz de produzir, na própria instituição, um conhecimento claro e sustentável de seu posicionamento no que tange as mulheres na Maçonaria. Não se trata de mudar a Maçonaria, mas conhecer seus fundamentos relacionados ao tema e ter consistência no conhecimento e no posicionamento da mesma sobre o tema debatido. Nem de longe passa pela proposta inserir a mulher no ambiente ritualístico maçônico, mas sustentar estes posicionamentos com conhecimentos claros e transparentes no sentido de não diminuir a imagem da mulher, mas reconhecer sua importância no processo de constituição da Maçonaria, de forma que a diferenciação sexual e de gênero não se torne um tropeço ou uma fragilidade maçônica.

Outra contribuição para a Maçonaria seria instituir nos departamentos femininos uma definição de cargos e responsabilidades semelhantes aos das lojas maçônicas, com presidência, secretaria, tesouraria, chancelaria, oratória, hospitalaria entre outros, cargos nos quais as mulheres pudessem desenvolver seus trabalhos de forma mais organizada e produtiva por meio de suas habilidades pessoais, filosóficas, acadêmicas, profissionais e sociais. Isso não implica em criar a Maçonaria feminina, mas reorganizar os departamentos femininos de forma mais produtiva e com responsabilidades mais difusas e adequadas. Assim as diferenciações entre os ambientes masculinos e femininos, dentro da Maçonaria vão diminuir e promover oportunidades de desenvolvimento das habilidades das mulheres de forma mais significativa.

Outra contribuição para a Maçonaria seria se aproximar mais dos estudos científicos, uma vez que os estudos maçônicos estão por muitas vezes, embasados no senso comum e expectativas filosóficas espiritualizadas mostrando carência de senso crítico e científicos em seus ensinamentos e procedimentos. Contudo esse aproximar-se do científico não é um converter-se ao cientificismo, mas saber aproveitar o que a ciência tem a oferecer à comunidade maçônica em seus métodos de estudos e apuração de conceitos.

Para a sociedade motiva-se a esperança e a recomendação de que é necessário sair um pouco mais do senso comum e se aproximar cada vez mais da ciência. Pois a sociedade brasileira tem valorizado e buscado muito pouco os estudos científicos. Um pouco pelo distanciamento imposto pelo próprio cientificismo e por muitas vezes os estudos científicos não surtirem efeitos esperados na sociedade, mas a sociedade em si poderia se beneficiar mais e melhor aproximando-se dos estudos científicos. A contribuição é que esse estágio seja superado, se possível brevemente, para que haja mais pesquisas e mais soluções certificadas cientificamente para o meio social, político, profissional e econômico.

Ainda para a sociedade fica a reflexão de melhor entender e melhor conhecer a Maçonaria, pois a mesma existe há milhares de anos e tem contribuído significativamente com essa mesma sociedade em momentos interessantes e importantes no decorrer da história. Muitos mitos e folclores tentaram persuadir as mentes contra esta instituição, o que resultou num fortalecimento de suas alas de obreiros, porém permitindo um afastamento da sociedade em relação à Maçonaria. Seria inteligente por parte dos estudiosos e da sociedade como um todo verificar o que é mito e o que é colaboração de fato que esta instituição prestou à sociedade como um todo. Após esta análise a sociedade poderá tecer algum posicionamento que realmente a coloque em posição saudável de conhecimento a respeito da Maçonaria.

Para as mulheres permanece a reflexão de que há vários lados a serem considerados, muitas faces compõem o ser humano e feminismo e masculinismo são elementos constitutivos destes seres, das correntes de pensamentos, das abordagens, mas não reduzem a vida apenas nesses dois polos. Os movimentos

feministas podem, e considera-se que até devem, ver as alternativas de convivências sem enfatizar ou até aumentar as diferenças sexuais como pontos de divergências intransponíveis. Diferenças e divergências existem em todos os ambientes, sejam eles, sociais ou organizacionais e vão continuar a existir, mas não podem assumir o centro das discussões senão para fazer parte de um todo, muito maior que abrange e transpõe sexo, gênero e poder. As subjetividades trazem nos modos de agir e viver dos seres, substâncias de outros elementos constitutivos das ações, as subjetividades são carregadas de ideologias, de resistências, de desejos e vontades, ações e reações que movem o ser humano em várias direções, dando-lhes sentido de vida e propiciando-lhes sempre as possibilidades de alternativas e (re)adaptações constantes que vão interferir no individual de cada um e por consequência no coletivo e vice e versa.

Para os estudos organizacionais fica a reflexão de que uma organização não é somente aquela com fins lucrativos, ou mesmo sem fins lucrativos, com estrutura hierarquizada nos moldes de empresa produtiva, mas existe também este tipo de organização a ser estudado. Como funciona sua hierarquia? Como se dão as relações de trabalhos desenvolvidos nestes meios? Quais são os objetivos desta organização? Como se dão os seus planejamentos e suas organizações e planejamentos? O que produzem? Como produzem? Tudo isso e muito mais são perguntas a serem respondidas pelos estudos organizacionais, além de outras, também importantes a respeito da Instituição Maçônica.

Este trabalho versou apenas sobre uma única questão presente nesta instituição, mas muitos outros, igualmente importantes, diferentes e inerentes à administração podem e devem ser explorados e conhecidos. Se uma instituição permanece a tanto tempo na sociedade e com tamanha influência e capacidade de resistência aos diversos intempéries das mudanças seculares, merece ser investigada e pesquisada.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma. (Org.). **Gênero e ciências humanas**: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Record - Rosa dos tempos, 1997.

ALVESSON, Mats; SKÖLDBERG, Kaj. **Reflexive methodology**: new vistas for qualitative research, London: sage, 2000.

ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teoria de gênero. Rio de Janeiro: UFRJ. Nº 117, 2002.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. & ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M. W. & GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo**: Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

BRUSCHINI, C. **Trabalho feminino**: trajetória de um Tema, perspectiva para o futuro. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro: v. 2, p-17-32, 1º Semestre 1994.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. Desdiagnosticando o gênero. *Revista de Saúde Coletiva*, 19. Rio de Janeiro: 95-126, 2009.

CAPPELE, Mônica Carvalho A., MELO, Marlene Catarina de Oliveira L., Mulheres policiais, relações de poder e de gênero na polícia militar de minas gerais. **RAM, REV. ADM. MACKENZIE**, V. 11, N. 3, Edição Especial, SÃO PAULO: MAI. /JUN. 2010, p. 71-99.

CARRIERI, A. P.; DINIZ, A. P. R.; SOUZA, E. M.; MENEZES. R. S. S. Gender and Work: Representations of Femininities and Masculinities in the View of Women Brazilian Executives. **BAR** - Volume 10, IssueNumber3, July/September, 2013, p. 281-303.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Trad. por Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CRESWELL, J. W. Uma estrutura para projeto. In: CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativos e mistos. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introduction: The discipline and practice of qualitative research, in: (orgs.) **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage, 2005.

DELEUZE, G. **Foucault**. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. **A lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. **Conversações**: 1972-1990. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. A imanência: uma vida... Tradução de Jorge Vasconcelos, et al., In: Vasconcellos, J. e Fragoso, M. A. R. (org), **Gilles Deleuze, imagens de um filósofo da imanência**... Londrina: UEL, 1997.

_____. Guattary, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**: Rio de Janeiro: Imago, 1995.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DEVREUX, Anne-Marie. **A Teoria das relações sociais de sexo**: um quadro de análise sobre a dominação masculina. Revista Sociedade e Estado, Brasília: v. 20, n. 3, p. 561-584, Dez. 2005.

DINIZ, Ana Paula Rodrigues, CARRIERI, Alexandre de Pádua. Invisibilidade social e trabalho em turnos: uma reflexão a partir das representações sociais dos garçons. **II Encontro de gestão de pessoas e relações de trabalho**. Curitiba: 15 a 17 de novembro de 2009.

DREYFUS, H. RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ECCEL, Cláudia S., FLACH, Leonardo, OLTRAMARI, Andréa P., Relações de Gênero e Flexibilidade no Trabalho de Profissionais de Tecnologia da Informação de Porto Alegre: um Estudo Multi-Caso. **I encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho**. Natal: 13 a 15 de jun 2007.

ECCEL, Claudia S., GRISCI, Carmem L., Trabalho e Gênero: A Produção de Masculinidades na Perspectiva de Homens e Mulheres. **XXXIII Encontro da ANPAD**. São Paulo: 19 a 23 de set 2009.

ECCEL, Claudia Sirangelo. Estudos de Gênero nas Organizações: Implicações Teórico-Metodológicas. **XXXIV Encontro da ANPAD**. Rio de Janeiro: 25 a 29 de Janeiro de 2010.

EDWARDS, Tim. Queering the picht? Gay masculinities. In: CONNELL, R. W.; HEARN, Jeff; KIMMEL, Michael S. **Handbook of studies on men & masculinities**. Thousand Oaks, Calif.: Sage Publications, 2005. Cap. 4.

FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio de. **Dicionário de Maçonaria**: seus mistérios, seus ritos, sua filosofia, sua história. São Paulo: Pensamento, 1987.

FONSECA. M. **Michel Foucault e a Constituição do Sujeito**. São Paulo: EDUC, 1995.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**; organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987a.

_____. **Nietzsche, Freud & Marx**: Theatrum Philosophicum. 4. ed. São Paulo: Editora Princípio, 1987b.

_____. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Aula de 14 de janeiro de 1976).

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

_____. **A História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1997b.

_____. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. Apresentação e Diálogo sobre o poder. In: FOUCAULT, M. **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: 9. ed. Edições Loyola, 2003b.

_____. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GARDNER, Judith Kegan. Men, Masculinities and Feminist Theory. In: CONNELL, R. W.; HEARN, Jeff; KIMMEL, Michael S. **Handbook of studies on men & masculinities**. Thousand Oaks, Calif. :Sage Publications, c2005. Cap. 3.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

GIFFIN, Karen Mary. Nosso corpo nos pertence: a dialética do biológico e do social. **Cadernos de Saúde Pública** v. 7 n. 2 Rio de Janeiro: abr/jun. 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Atlas. São Paulo: 4. ed. 2002.

GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

GOELLNER, S. V.; LOURO, G. L.; NECKEL, J. F. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (Brasil). **INFORMAÇOM**. Ed. 61. Vitória-ES: 2007.

GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (Brasil). **INFORMAÇOM**. Ed. 62. Vitória-ES: 2008.

GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (Brasil). **Ritual de Aprendiz Maçom**. Vitória-ES: 2009a.

GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (Brasil). **Ritual de Companheiro Maçom**. Vitória-ES: 2009b.

GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (Brasil). **Ritual de Mestre Maçom**. Vitória-ES: 2009c.

GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Nossa história**, 2013. Disponível em: <<http://www.glmees.org.br/?conteudo=historia>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11., Rio de Janeiro: **Ed. DP&A Editora** 2006, tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

HARAWAY, Donna. Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos pagu** (22) 2004, pp. 201-246.

HOLTER, Gullvag. Direct Gender Hierarchy and Structural Inequality. In: CONNELL, R. W.; HEARN, Jeff; KIMMEL, Michael S. **Handbook of studies on men & masculinities**. Thousand Oaks, Calif.: Sage Publications, c2005. Cap. 2.

JOSEPH, Isaac. **Erving Goffman e a microssociologia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

LAQUEUR, T. **Making sex: body and gender from the greeks to Freud.** 10. Londres: Howard University Press, 2003.

LESCURA et al., Representações Sociais sobre as Relações de Parentesco: Estudo de Caso em um Grupo Empresarial Familiar **RAC**, v. 16, n. 1, art. 6, Rio de Janeiro Jan. /Fev. 2012. pp. 98-117.

LOBO. Luiza, Simone de Beauvoir e depois. **Revista Gênero.** UFRJ v. 1n. 2. 2001, pp. 57-71.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: 3. ed. Autêntica, 2010.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: 12. ed. Vozes, 2011.

_____. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACEDO et al., Relações de Gênero e Subjetividade na Mineração. **RAC**, v. 16, n. 2, art.3, pp. 217-236, Mar. /Abr. Rio de Janeiro: 2012.

MARIANO, S. A. O sujeito do feminino e o pós-estruturalismo. **Estudos Feministas.** 13(3), p. 483-505, set/dez, 2005.

MATOS; Auxiliadora Aparecida de; LOPES, Maria de Fátima. Corpo e gênero: uma análise da revista TRIP Para Mulher. **Revista Estudos Feministas** vol. 16 nº 1. Florianópolis: Jan/Abr 2008.

MELO. Érica. Feminismo: velhos e novos dilemas. Uma contribuição de Joan Scott. **Revista Pagu** 31. Jul/dez/2008, p. 556-564.

MELO et al., Soldadinhos-de-Chumbo e Bonecas: Representações Sociais do Masculino e Feminino em Jornais de Empresas. **RAC**, v. 11, n. 2, Abr. /Jun. 2007: 191-211.

NARDI, H. C. **Ética, trabalho e subjetividade: trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

NARVAZ. Martha G.; KOLLER. Silvia H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade** v. 18 (1), Porto Alegre: jan/abr/2006, 49-55.

NIETZSCHE, Friederich. **A gaia da ciência.** São Paulo: Companhia das letras, 2000.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 6. Ed. Campinas: Pontes, 2005.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, Leila Menzan (org) **A Prática feminista e o conceito de gênero**. IFHC/UNICAMP N°. 48, 2002.

PLATÃO. **Diálogos**. Rio de Janeiro: Globo, 1961.

PRADO JUNIOR, Bento. **Presença e campo transcendental** – Consciência e negatividade na filosofia de Bergson. 1a ed. São Paulo, EDUSP, 1989.

RAMMINGER, T.; NARDI, H. C. Subjetividade e trabalho: algumas contribuições conceituais de Michel Foucault **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 12, n. 25, p. 339-46, abr. /jun. 2008.

REVEL, Judith. **Michel Foucault, conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIAL, C.; PEDRO, J. M.; AREND, FÁVERO, S. M. (Org.). **Diversidades: dimensões de gêneros e sexualidade**. Florianópolis, SC: Mulheres, 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental** – Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2011.

_____, Guattary. F., **Micropolíticas** – Cartografias do desejo. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

SCHELKY, Helmut, **Sociologia da Sexualidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul. /dez. 1995.

SCOTT. Joan. Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. In. **Debate Feminista – Cidadania e Feminismo**, nº especial, 2000. (edição especial em português).

_____. **A Cidadã Paradoxal**: as feministas francesas e os direitos do homem. (Tradução Élvio Antônio Funck). Florianópolis: Mulheres, 2002.

_____. **A invisibilidade da experiência**. Projeto História, n. 16, p. 297-325, 1998.

SIQUEIRA. Tatiana L., Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero. **Revista Ártemis**. v. 8, jun/2008, p. 110-117.

SILVA, Patrícia Rodrigues e SACHUK, Maria Iolanda, Trabalho e Emancipação: o caso dos ex-cortadores de cana-de-açúcar da região noroeste do estado do Paraná. **Gestão & Regionalidade** - Vol. 28 - Nº 83 - mai-ago/2012, p. 35-48.

SOUZA, Rosa Maria B. C., MELO, Marlene Catarina O. Lopes., Mulheres na gerência em Tecnologia da Informação: análise de expressões de empoderamento. **Revista de Gestão USP**. V. 16, n. 1, p. 1-16. 2009.

SOUZA, E. M. **Contribuições de Foucault a temática da gestão e subjetividades**: uma análise sobre poder. 2004, 191 f. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Federal do Espírito Santo, 2004 (Capítulo 3).

_____ ; CARRIERI, A. P. A analítica *queer* e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **RAM, REV. ADM. MACKENZIE**, V. 11, N. 3, São Paulo-SP, mai/jun 2010.

_____, CORVINO, M. M. F., LOPES, B. C. Uma análise dos Estudos sobre o feminino e as Mulheres na Área de Administração: a Produção Científica Brasileira entre 2000 e 2010. **III Encontro de Gestão de Pessoas e Relações do Trabalho, João Pessoa-PB**, 20 a 22 de novembro de 2011.

_____ ; S. P., SILVA. A. R. L. O Pós-estruturalismo e os Estudos Críticos de Gestão: da Busca pela Emancipação à Constituição do Sujeito. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, art. 4, pp. 198-217, Mar. /Abr. 2013.

_____, SOUZA-RICARDO, P. A., O Discurso Nosso de Cada Dia: a Análise do Discurso e o pós-estruturalismo. **XXXII Encontro EnAMPAD**. Rio de Janeiro. 06 a 10 de setembro de 2008.

STEVENSON, David. **As origens da Maçonaria – O século da Escócia – 1590-1710**. Madras. São Paulo, 2005.

STREY, Marlene Neves (Org.) **Corpos e subjetividades em exercícios interdisciplinares**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

WESTWOOD, R. I.; CLEGG, S. **Debating organization**: point-counterpoint in organizations studies. Oxford: Blackwell Publishingltd, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S., **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação, São Paulo: Atlas, 1992.

APÊNDICE A: ROTEIRO BASE PARA ENTREVISTAS ÀS PESSOAS PARTICIPANTES DA MAÇONARIA.

Qual a sua idade?

Escolaridade?

Estado Civil? Filhos?

Quanto tempo participa da Maçonaria?

- 1) O que você entende por mulher e por feminino?
- 2) Para você existe diferença entre homem e mulher? Quais seriam essas diferenças?
- 3) Como as mulheres entram para a Maçonaria?
- 4) Existem grupos específicos para mulheres ou para jovens na Maçonaria?
- 5) Existe igualdade de direitos entre homens e mulheres na Maçonaria? Como e por quê?
- 6) Quais atividades os homens realizam e as mulheres não podem realizar?
- 7) Porque as mulheres não executam estas atividades?
- 8) Quais as cerimônias maçônicas as mulheres participam?
- 9) Quais as atividades elas executam na Maçonaria e por quê?
- 10) Elas exercem outras atividades na Maçonaria fora estas cerimônias?
- 11) Como você analisa a importância da presença de mulheres na Maçonaria?
- 12) Existe liberdade de ação para as mulheres dentro do ambiente maçônico?
- 13) O que motiva as mulheres a participarem da Maçonaria?
- 14) Existe algum tipo de reconhecimento, recompensa ou prestígio que a Maçonaria proporciona às mulheres por pertencerem à Ordem?
- 15) As mulheres, quando estão na Maçonaria, agem da mesma forma quando estão em outros espaços?
- 16) Como se dão as relações sociais entre homens e mulheres na Maçonaria?
- 17) Quais são as características e comportamentos que valorizam as mulheres na Maçonaria? Por que eles valorizam?
- 18) Quais são as características e comportamentos que desvalorizam as mulheres na Maçonaria? Por que eles desvalorizam?
- 19) Existe diferenciação de mulheres solteiras e mulheres casadas na Maçonaria?

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participação em Pesquisa

Título da Pesquisa: A produção de mulheres na Maçonaria

Pesquisador: José Roberto Basílio de Souza – joserobertobasiliodesouza@hotmail.com(27) 9954-7897

Orientador: Prof. Dr. Eloisio Moulin de Souza-(27)81569991- eloisiomoulin@gmail.com

Instituição: UFES – Universidade Federal do Espírito Santo / PPGADM – Programa de Pós-Graduação em Administração. Campus Goiabeiras – Vitória-ES - CEP: 29075-910 (27) 4009-7712 E-mail: ppgadm@gmail.com;

Endereço do CEP: Comitê de ética em pesquisa com seres humanos, UFES/Campus Goiabeiras - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - Campus Universitário de Goiabeiras, Av. Fernando Ferrari, s/n, Vitória - ES, 29060-970 Tel. : 4009-7840 - Email: cep.goiabeiras@gmail.com.

Objetivo da Pesquisa: Analisar como são produzidas mulheres na Maçonaria.

Descrição do Procedimento: Serão realizadas entrevistas individuais, com perguntas semiestruturadas com cada participante das vivências e práticas sociais desenvolvidas na Maçonaria envolvendo mulheres;

Os benefícios esperados são melhores formas de análise das relações sociais existentes no meio Maçônico focando em especial as questões de gênero.

Análise de risco e sigilo: Todo o procedimento de pesquisa descrito obedecerá rigorosamente aos critérios éticos estabelecidos pela legislação vigente que regulamenta pesquisa com seres humanos. As entrevistas seguirão técnica padrão cientificamente reconhecida e serão aplicados em local escolhido pelo entrevistado. Serão preservados o sigilo das informações e a identidade dos participantes, sendo que os registros das informações poderão ser utilizados para fins exclusivamente científicos e divulgação em congressos e publicações científicas, resguardando-se sempre o anonimato dos participantes. O participante terá a liberdade de interromper ou desistir de sua participação em qualquer fase da pesquisa.

Dúvidas, informações complementares e esclarecimentos serão fornecidos a qualquer momento aos participantes ou seus responsáveis pelo pesquisador. As transcrições com os dados produzidos serão mantidos por cinco anos e depois serão inutilizados.

Identificação do Participante

Nome: _____

RG: _____ Órgão Emissor: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Estando de acordo, assinam o presente termo de consentimento em 02 (duas) vias.

Participante
Pesquisador _____, _____/_____/2013. José Roberto Basílio de Souza

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPÍRITO SANTO - UFES -
CAMPUS GOIABEIRA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A PRODUÇÃO DE MULHERES NA MAÇONARIA

Pesquisador: JOSÉ ROBERTO BASÍLIO DE SOUZA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 21795913.8.0000.5542

Instituição Proponente: Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 478.663

Data da Relatoria: 01/11/2013

Apresentação do Projeto:

O projeto enviado (dissertação) contém as informações necessárias. Não houve, porém, no preenchimento da plataforma a correta inserção das informações, o que dificultou parcialmente as análises do projeto. Solicitamos, desde já, que em outras oportunidades os responsáveis pelo projeto utilizem a plataforma com registros mais adequados para viabilizar nossa análise adequada.

O projeto é descritivo, transversal, qualitativo e se dará sobre a análise da produção de processos de subjetivações em instituições secretas-iniciáticas (maçonaria), em particular abordando a problemática do gênero, a partir do feminino.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar como são produzidas mulheres na Maçonaria.

- a) Analisar as relações de gênero existentes no ambiente de lojas maçônicas;
- b) Conhecer como são constituídas as categorias mulheres no meio maçônico;
- c) Analisar os processos de subjetivação das ζ mulheres ζ presentes no meio maçônico;

- c) Analisar os processos de subjetivação das ζ mulheres ζ presentes no meio maçônico;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O projeto não apresenta riscos imediatos. Apesar de ser uma instituição secreta, considerando-se seu funcionamento contemporâneo e o teor das questões apresentadas, o conteúdo, de fato, não sugere nenhuma reflexão que possa colocar em risco as participantes da pesquisa, ou outros

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514-Campus Universitário

Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.090-000

UF: ES **Município:** VITORIA

Telefone: (27)3335-2711

E-mail: thiago.moraes@ufes.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPÍRITO SANTO - UFES -
CAMPUS GOIABEIRA



Continuação do Parecer: 478.663

envolvidos com a instituição. A própria posição hierárquica das participantes conduz a uma oportunidade de deliberação mais segura para participar da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está suficientemente descrita para sua realização

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos estão adequados, com exceção do endereço do CEP, que está ausente no TCLE.

Recomendações:

Solicitamos que se insira os dados do endereço do CEP no TCLE

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Solicitamos atendimento ao exposto acima

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Solicitamos que se atenda às demandas do relator, após o qual o projeto está autorizado para ser iniciado por esse comitê. As exigências referem-se a problemas de fácil correção. Não há conflitos éticos envolvidos.

Endereço do CEP:

Comitê de ética em pesquisa com seres humanos, UFES/Campus Goiabeiras

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Campus Universitário de Goiabeiras,

Av. Fernando Ferrari, s/n, Vitória - ES, 29060-970

Tel: 4009-7840

Email: cep.goiabeiras@gmail.com

Tel: 4009-7840

Email: cep.goiabeiras@gmail.com

Endereço: Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.090-000
UF: ES **Município:** VITORIA
Telefone: (27)3335-2711 **E-mail:** thiago.moraes@ufes.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPÍRITO SANTO - UFES -
CAMPUS GOIABEIRA



Continuação do Parecer: 478.663

VITORIA, 04 de Dezembro de 2013

Assinador por:
Thiago Drumond Moraes
(Coordenador)

Endereço: Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.090-000
UF: ES **Município:** VITORIA
Telefone: (27)3335-2711 **E-mail:** thiago.moraes@ufes.br